

RESOLUÇÃO Nº 3.664, DE 10 DE JUNHO DE 2.002.

Aprova o Manual de Prática Policial – Vol. 1, de autoria do Maj PM Cícero Nunes Moreira e Cap PM Marcelo Vladimir Corrêa, e o reconhece como Trabalho Técnico-Profissional.

O CORONEL PM COMANDANTE-GERAL DA POLÍCIA MILITAR DE MINAS GERAIS, no uso da competência que lhe confere o art. 6º, incisos VI e XI, do R-100, aprovado pelo Decreto-Lei nº 18.445, de 15 de Abril de 1.977, combinado com a Resolução 3.425, de 18 de Junho de 1998, que dispõe sobre Trabalho Técnico-Profissional na Corporação e considerando que:

- após análise e avaliação procedida pelo EMPM, reconheceu-se a excelência do trabalho elaborado pelos autores;

- o Manual de Prática Policial – Vol 1, de acordo com o § 1º, do Art 4º, da Resolução nº 3.425, possui aplicabilidade imediata nas atividades policiais-militares, ilustração adequada e pertinente, linguagem simplificada e compreensível e se encontra adequada às normas regulamentares da Corporação.

R E S O L V E:

Art. 1º - Fica aprovado e reconhecido como Trabalho Técnico-Profissional, o Manual de autoria do Major PM Cícero Nunes Moreira e Capitão PM Marcelo Vladimir Corrêa, intitulado como MANUAL DE PRÁTICA POLICIAL – VOL. 1, por ser uma obra de interesse para as atividades da Polícia Militar do Estado de Minas Gerais.

§ Único – Fica reconhecido e ressalte-se o valor pessoal e profissional dos policiais militares elencados abaixo, que atuaram nas equipes de apoio, revisão e supervisão geral do manual citado:

SUPERVISÃO GERAL

Ten Cel PM Renato Vieira de Souza
Ten Cel PM Fábio Manhães Xavier

EQUIPE DE REVISÃO

Cap PM Marcelo Martins de Resende
Cap PM Flávio Henrique Naziazeno
Cap PM Isaac Martins da Silva
Cap PM Eduardo Lucas de Almeida
Cap PM Alexandre Magno Dias Alves
Cap PM Neir Adriano de Souza

1º Ten PM Welerson Conceição Silva
1º Ten PM Didier Ribeiro de Souza
1º Ten PM Cláudio Duani Martins
1º Ten BM QOS Psc Andréia Geraldo Batista
2º Ten PM QOS Psc Eliene Lima de Souza
2º Sgt PM Anderson Pereira de Souza
3º Sgt PM QPE Lana Sayonara Peixoto

EQUIPE DE APOIO

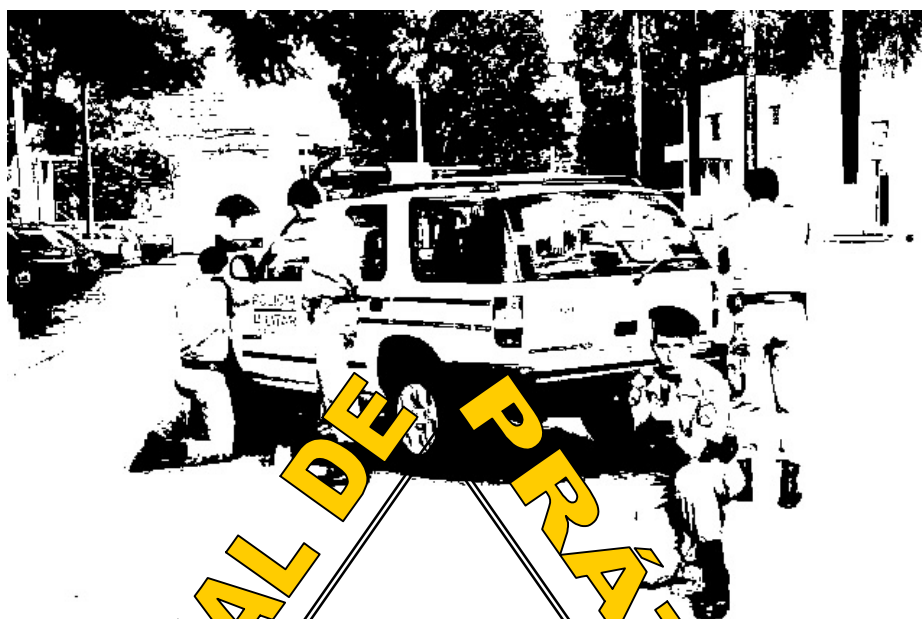
Cap PM Alex de Melo
1º Ten QOE João Jorge Almeida Soares
2º Sgt PM Kleber Geraldo de Souza
Cb PM Glauce Costa de Paula Carvalho

Art. 2º - O IESP, através do Centro de Estudos e Pesquisas, deverá adotar as providências decorrentes.

Art. 3º - Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação, revogando-se as disposições em contrário.

QCG, em Belo Horizonte, 10 de Junho de 2002.

**(a) ÁLVARO ANTÔNIO NICOLAU, CORONEL PM
COMANDANTE GERAL**



MANUAL DE PRÁTICA

POLÍCIA
MILITAR
DE MINAS GERAIS

POLICIAL

VOLUME 1



POLÍCIA
MILITAR
DE MINAS GERAIS

MANUAL DE PRÁTICA
POLICIAL – GERAL

VOLUME 1

1ª Edição
2002

AUTORES:

Major PM Cícero Nunes Moreira
Cap PM Marcelo Vladimir Corrêa

EQUIPE DE APOIO:

Cap PM Alex de Melo (Tradução)
1º Ten QOE João Jorge Almeida Soares (Arte)
2º Sgt PM Kleber Geraldo de Souza (Digitação)
Cb PM Glauce Costa de Paula Carvalho (Digitação)

EQUIPE DE REVISÃO:

Cap PM Marcelo Martins de Resende
Cap PM Flávio Henrique Naziazeno
Cap PM Isaac Martins da Silva
Cap PM Eduardo Lucas de Almeida
Cap PM Alexandre Magno Dias Alves
Cap PM Neir Adriano de Souza
1º Ten PM Welerson Conceição Silva
1º Ten PM Didier Ribeiro Sampaio
1º Ten PM Cláudio Duani Martins
1º Ten BM QOS Psc Andréia Geraldo Batista
2º Ten PM QOS Psc Eliene Lima de Souza
2º Sgt PM Anderson Pereira de Souza
3º Sgt PM QPE Lana Sayonara Peixoto
Secretaria da Justiça de Direitos Humanos

SUPERVISÃO GERAL

Ten Cel PM Renato Vieira de Souza
Ten Cel PM Fábio Manhães Xavier

ÍNDICE

PARTE I - TÁTICA INDIVIDUAL	05
CAPÍTULO I - PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS.....	05
CAPÍTULO II - CONDICIONAMENTO MENTAL	09
CAPÍTULO III - ESTADOS DE ALERTA.....	10
CAPÍTULO IV - PENSAMENTO TÁTICO	12
CAPÍTULO V - PROCESSO MENTAL DA AGRESSÃO.....	16
CAPÍTULO VI - MOVIMENTAÇÃO	19
CAPÍTULO VII - COMUNICAÇÕES.....	25
CAPÍTULO VIII - DESLOCAMENTOS PLANEJADOS.....	29
PARTE II - EMPREGO DA FORÇA	41
CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO	41
CAPÍTULO II - O USO PROGRESSIVO DA FORÇA.....	49
CAPÍTULO III - VERBALIZAÇÃO	55
CAPÍTULO IV - USO DA FORÇA LETAL	58
PARTE III - ABORDAGEM A SUSPEITO	61
CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO	61
CAPÍTULO II - POSICIONAMENTO TÁTICO PARA A ABORDAGEM	66
CAPÍTULO III - BUSCA.....	68
CAPÍTULO IV - ALGEMAS.....	74
PARTE IV - ABORDAGEM A VEÍCULO.....	80
CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO	80
CAPÍTULO II - AVALIAÇÃO DOS RISCOS.....	82
CAPÍTULO III - USO MÍNIMO DA FORÇA NA ABORDAGEM A VEÍCULO	84
CAPÍTULO IV - PROCEDIMENTOS TÁTICOS BÁSICOS COM VEÍCULOS	91
CAPÍTULO V - ABORDAGEM A VEÍCULO SUSPEITO DE ALTO RISCO – I	94
CAPÍTULO VI - ABORDAGEM A VEÍCULO SUSPEITO DE ALTO RISCO – II.....	98
PARTE – V - ABORDAGEM EM EDIFICAÇÕES	101
CAPÍTULO – I - INTRODUÇÃO	101
CAPÍTULO II - ADENTRAMENTO TÁTICO.....	103
CAPÍTULO III - PLANEJAMENTO PARA ABORDAGEM A EDIFICAÇÕES	109
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	111

PARTE I - TÁTICA INDIVIDUAL

CAPÍTULO I - PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS

Antes de iniciar o estudo dos procedimentos básicos para sua atuação operacional, é imprescindível que, por um momento, reflita sobre quem você é, qual o seu papel como policial e qual a melhor maneira de executar o seu trabalho.

Em primeiro lugar, é necessário frisar que o policial é um cidadão e, quando em patrulhamento, está em contato direto com outros cidadãos como ele, sendo todos membros da mesma sociedade, incluindo aí os eventuais cidadãos infratores. O policial é, entretanto, um cidadão comum da sociedade, diferenciado apenas pela sua qualificação e pelo fato de ser um cidadão a serviço da população.

Trabalhando sempre junto à comunidade e de uma maneira bem visível, ostensiva, o policial é o representante do Estado (poder público) mais acessível à sociedade. É o Estado em cada esquina, próximo ao cidadão e disposto a restaurar a ordem pública em todas as ocasiões.

A população deve ver no Policial alguém em quem possa confiar e contar em todos os momentos. Portanto, esteja ciente que sua missão como policial é **SERVIR E PROTEGER** a comunidade. Saiba também que, como policial e **promotor dos Direitos Humanos**, você deve não apenas respeitá-los ou defendê-los, mas você deve ir além, deve promovê-los, o que implica em lutar para que todos os cidadãos, sem distinção de qualquer natureza, tenham também respeitados os seus direitos.

Imprescindível se faz o questionamento constante quanto às conseqüências dos atos que os policiais praticam, enquanto encarregados de fazer cumprir a lei. Não se devem perder de vista as implicações de uma decisão tomada de forma inconseqüente e precipitada. Primeiramente, do ponto de vista da pessoa humana, as atitudes que fogem ao contexto ético são testemunhas de falta de sensibilidade para com o próximo, além de caracterizar falta de profissionalismo. O clichê “trate os outros como gostaria que tratassem você” ainda é bastante atual, sobretudo na profissão que escolhemos, haja vista que as situações em que somos chamados a atuar coloca-nos em contato com pessoas fragilizadas, vulneráveis, ainda que apenas naquele momento. Antes de tudo, uma ocorrência policial é uma grande oportunidade para oferecer ajuda a alguém que acredita que você, policial, está capacitado a orientá-lo em seus conflitos. Ao tratarmos com pessoas assim fragilizadas, carentes de atenção e vítimas da violência, é importante que você, policial, saiba que a primeira impressão que essa pessoa tiver naquele contato com a polícia ficará permanentemente marcada.

Sabemos que nem sempre nós estamos emocionalmente em harmonia conosco mesmos e com o ambiente que nos circunda – somos seres humanos! No entanto, para quem busca a polícia como alternativa para solucionar um problema que esteja vivenciando, este fator não é considerado. A expectativa é que estejamos sempre prontos para o trabalho. Para Servir e Proteger. Sendo assim, um ótimo exercício para o treino da paciência e da tolerância no tratamento profissional é sempre imaginar que aquele que o procura pedindo ajuda, aquele cidadão que está à sua frente, poderia ser um familiar seu. Como você gostaria que um colega seu, policial, atendesse o seu pai? Ou sua mãe? Ou o seu filho? Se estas pessoas lhes são amadas, provavelmente você vai considerar que são merecedoras do seu melhor sorriso, de sua maior atenção. Lembre-se disso quando estiver em suas atividades operacionais.

Um outro aspecto a ser observado por você é a legalidade de suas ações. Seja quem for que lhe direcione uma demanda de atuação policial, a justiça e a imparcialidade devem ser suas guias, sempre, sob pena de você mesmo se tornar uma vítima de suas ações ilegais, com reflexos diretos para sua própria vida e de sua família. Naturalmente, esta preocupação não deve se tornar impedimento para a cortesia, solicitude e atenção na sua forma de abordar as pessoas.

Preocupe-se em cumprir, em todos os momentos, os deveres impostos pela lei, servindo a comunidade e protegendo todas as pessoas contra atos ilegais. Desta forma, o Estado e a sociedade estarão cientes que podem contar com profissionais de segurança pública, imbuídos do mais alto grau de responsabilidade e profissionalismo.

Para o bom desempenho de suas atribuições profissionais, cumpra e faça cumprir a lei, respeite e proteja a dignidade humana e ainda, mantenha, defenda e promova os direitos humanos. Seja um policial discreto, reservado e preserve a privacidade das pessoas. Não se esqueça de que o **treinamento** é vital para que você esteja sempre preparado para as intervenções mais diversas, exigidas de um policial moderno.

Embora você tenha recebido a autoridade para **usar a força**, deverá pautar-se pelos princípios da legalidade, proporcionalidade e necessidade. Sempre de maneira progressiva, ética e técnica, incluindo, principalmente, o seu uso extremo, que diz respeito ao emprego letal das armas de fogo; faça-o apenas quando estritamente necessário para a defesa da vida, seja sua ou de terceiros.

Respondendo positivamente a essas indagações, esteja preparado para a correta utilização do armamento e equipamento policial colocado à sua disposição.

É importante salientar que atos de tortura ou tratamentos cruéis, desumanos ou degradantes não condizem com uma polícia profissional. Sendo assim, não pratique e não tolere a prática de atos dessa natureza em nenhuma circunstância, nem mesmo em estado de grave perturbação da ordem ou de instabilidade política. Lembre-se, seu papel é proteger e socorrer a comunidade, seus semelhantes e concidadãos, o que inclui inclusive, denunciar aqueles policiais que assim não procedem.

Lembre-se ainda que a integridade física e psicológica das pessoas sob sua custódia é sua responsabilidade. Se necessário, tome medidas imediatas para assegurar-lhes socorro e atenção médica.

A declaração dos princípios da Polícia Militar de Minas Gerais expressa no texto “ÉTICA: NOSSOS PRINCÍPIOS” enuncia, entre outros, os seguintes valores e objetivos que você deve ter sempre em mente, enquanto trabalha:

- Cumprirmos e fazermos cumprir os deveres impostos por lei;
- Respeitarmos a dignidade humana e defendermos os direitos humanos, sem distinção de raça, sexo, condição social, religião ou qualquer outra forma de discriminação;
- Considerarmos medida extrema o uso da arma de fogo;
- Não divulgarmos informações de caráter confidencial ou que dizem respeito à vida privada;
- Não infligirmos, instigarmos, nem tolerarmos atos de tortura e outros atos ou penas cruéis ou desumanas;
- Asseguarmos a plena proteção à saúde das pessoas sob nossa custódia;
- Amarmos a verdade e a responsabilidade como fundamentos de dignidade pessoal.

Embora trabalhe em situações em que houve ou possa haver a quebra da lei ou da ordem, suas atividades, procedimentos, táticas e planejamentos devem estar obrigatoriamente dentro da lei. Quando um policial atua sem respeitar o que a lei determina, não está combatendo a criminalidade, mas, somando-se a ela, ou seja, estará se igualando ao infrator, tornando-se tão criminoso quanto ele. Sua função como policial é apenas parte de um todo que é o Sistema de Justiça Criminal. Faça a sua parte de maneira firme e diligente; mas, também, de forma ética, segura e profissional.

Uma de suas tarefas será levar os infratores à justiça o que não se confunde com “fazer justiça.” Portanto, isso não lhe dá o direito de decidir sobre a culpa ou a inocência da pessoa sob sua custódia que tenha cometido, ou seja suspeita de cometer um delito. Sua responsabilidade como policial profissional é registrar, de forma correta, honesta e objetiva, todos os fatos relacionados com a situação. “Os encarregados de aplicação da lei (policiais) são responsáveis pela **busca de fatos**, ao passo que o judiciário é o responsável pela **apuração da verdade**, analisando esses fatos com o propósito de determinar a culpa ou a inocência da pessoa acusada”.

Como não é sua tarefa julgar, nem determinar culpa ou inocência, aplicando a pena, ao lidar com qualquer situação, atenha-se ao fato de que: “toda pessoa acusada de um delito terá o direito a que se presuma sua inocência enquanto não for legalmente comprovada sua culpa”.

Como policial, sua missão não se restringe a conhecer a lei e aplicá-la no seu trabalho diuturno, devendo zelar também para que ela seja cumprida por todas as pessoas, sabendo que TODOS têm direito a um tratamento digno, inclusive um suspeito ou infrator que tenha cometido um crime.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos, DUDH, instrumento de direitos humanos de maior importância adotada pela Assembléia Geral da ONU em 1948, deve ser fundamento para suas ações profissionais. Entre seus artigos, todos importantes, tenha sempre em mente que:

“III - Toda pessoa tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal.

V - Ninguém será submetido à tortura, nem a tratamento ou castigo cruel, desumano ou degradante.

IX - Ninguém será arbitrariamente preso, detido ou exilado.

X - Toda pessoa tem direito, em plena igualdade, a uma audiência justa e pública, independente e imparcial, para decidir seus direitos e deveres do fundamento de qualquer acusado criminal contra ele.

XI - Toda pessoa acusada de um ato delituoso tem o direito de ser presumida inocente, até que sua culpabilidade tenha sido provada de acordo com a lei, em julgamento público no qual lhe tenham sido asseguradas todas as garantias à sua defesa”.

As nossas Constituições Federal e Estadual, entre vários outros direitos, asseguram aos cidadãos conhecerem a identidade do policial que efetua sua prisão, portanto sempre que estiver atuando operacionalmente exponha sua identificação pessoal de maneira clara e ostensiva, use sempre sua tarjeta de identificação de forma visível e, ainda, esclareça seu nome e função caso seja perguntado. Este é um direito de qualquer cidadão, portanto um direito também seu, enquanto membro da sociedade. Um policial profissional não teme por seus atos.

Dessa forma, ao iniciar o estudo e o treinamento dos diversos conceitos e procedimentos contidos neste manual, considere que apenas o conhecimento teórico não será suficiente para que você tenha os recursos necessários para a sua atuação. O conhecimento prático, a sua experiência pessoal aliada a de outros policiais mais antigos, bem como um treinamento continuado e cuidadoso é que lhe darão as habilidades necessárias para trabalhar profissionalmente.

CONHECER A TEORIA É IMPORTANTE!

TREINAR É FUNDAMENTAL!

CAPÍTULO II - CONDICIONAMENTO MENTAL

Observação: *O estudo deste capítulo deve ser precedido da leitura dos “Princípios Fundamentais” contidos no Capítulo I da Parte I.*

A sua segurança está relacionada diretamente ao seu preparo mental. O preparo mental consiste em visualizar e ensaiar mentalmente suas ações de modo a planejar suas respostas em razão da maneira de agir dos criminosos.

A partir de situações práticas vividas por seus colegas ou propostas nos cenários de treinamentos, avalie os erros e acertos e pense em como você poderia agir naquela situação; defina o seu procedimento, visualizando mentalmente suas respostas. Ao fazer isto, você estará se preparando e estabelecendo um planejamento tático antecipado para aquela situação e, conseqüentemente, estabelecendo rotinas seguras para sua atuação.

Para agir na vida real, você tem que treinar o máximo possível. Lembre-se de que nem todas as situações são possíveis de serem simuladas com realismo durante os treinamentos. Faça-o mentalmente! Se você não se preparar mentalmente para as situações, ao se deparar com elas, muito provavelmente terá seu desempenho prejudicado, podendo até ficar paralisado e ser uma vítima dos acontecimentos. Discuta, troque idéias, faça simulações, sozinho ou com sua equipe, aproveitando reportagem de jornais, boletins de ocorrências, testemunho de colegas e tudo o que for possível e necessário.

Ao contrário do que se possa pensar, o condicionamento físico e a arma que você tem não são os mais relevantes para sua segurança. O princípio básico é a sua **preparação mental** que proporcionará a base para todas as suas decisões, fazendo com que uma determinada situação não se apresente completamente nova. Visualize-se no cenário, não nas proximidades dele, mas dentro dele. Identifique suas possíveis respostas para aquela situação (controle com intervenção verbal, força física, força letal e retirada tática). Imagine-se atingido por um tiro, por uma faca, ou outra agressão, estude respostas para isso. Não é fácil, mas é essencial.

Ver-se dentro da cena obriga-o a reagir antecipadamente, a atuar escolhendo, com tranqüilidade, as melhores respostas. Levanta possibilidades que ainda não haviam sido pensadas e possibilita que você obtenha informações que desconhece. Visualizar ações de resposta o faz seguir suas próprias decisões e não a ameaça do suspeito e o ajudará a se concentrar. Por último, mesmo se você for ferido, tendo pensado nisso antes e se informado, terá mais tranqüilidade, saberá avaliar corretamente a situação, não ficará paralisado, esmagado pelo medo de não saber o que poderá acontecer.

CAPÍTULO III - ESTADOS DE ALERTA

Observação: O estudo deste capítulo deve ser precedido da leitura dos “Princípios Fundamentais” contidos no Capítulo I da Parte I.

Ao atender uma ocorrência ou ao aproximar-se do que pode ser uma situação de crise, você estará em um certo nível de alerta, que dependerá de sua capacidade de antecipação ao perigo.

Quanto melhor **preparado mentalmente**, melhor condição terá para:

- a) operar no nível apropriado de alerta relativo ao grau de prontidão que a situação exige;
- b) detectar sinais de riscos e ameaças;
- c) passar para um nível mais alto de alerta e prontidão de acordo com a evolução da ocorrência.

De modo geral, o seu estado de alerta, ao se aproximar de um confronto é, freqüentemente, mais decisivo do que os equipamentos e armas utilizadas, pois é ele que determinará sua condição psicológica de resposta à situação apresentada.

Os diferentes níveis de alerta, antecipação, concentração e autocontrole podem ser identificados através dos seguintes conceitos:

ESTADO RELAXADO: Estado de não prontidão, cor “BRANCA”. Existe distração com o que está acontecendo ao seu redor, relaxamento, pensamento disperso. Pode ser ocasionado por cansaço, ou mesmo na crença de que não há possibilidade de problemas. Seu estado mental está despreparado para um eventual confronto, aumentando consideravelmente os riscos em sua atuação.

O policial distraído e alheio aos riscos durante o patrulhamento estará aumentando sua própria insegurança e também de sua equipe durante o serviço policial.

ESTADO DE ATENÇÃO: Você está atento, precavido, mas não tenso, cor “AMARELA”. Apresenta calma, porém mantém constante vigilância (em 360°) das pessoas, lugares, coisas e ações ao seu redor. Não há identificação de um ato hostil, mas você está ciente que uma agressão é possível. Percebe e avalia, constantemente, o ambiente, atento para qualquer sinal que possa indicar uma ameaça potencial. No Estado de Atenção o policial está sempre preparado para empregar ações de respostas adequadas, compatíveis e é desta forma que um policial deve patrulhar.

ESTADO DE ALERTA: O problema já existe e você está ciente de que um confronto é provável, cor “LARANJA”. Baseado em seu treinamento, experiência, educação e bom senso, tenha um planejamento tático em mente para seguir, nele incluído o pedido de cobertura de outros policiais, o uso de abrigos, a identificação de alguém que possa apresentar uma ameaça e o uso da força nas situações em que se fizer necessário. Avalie todas as reações e pense em termos de controlar uma ameaça com arma-de-fogo, se necessário. O Estado de alerta diminui os riscos de você e sua equipe serem surpreendidos e os coloca prontos às ações de resposta que a situação exigir.

ESTADO DE ALARME: O risco é real e a reação instantânea é necessária, cor “VERMELHA”. Focalize a ameaça e tenha em mente a ação necessária para controlá-la, com intervenção verbal, força física ou força letal, conforme as circunstâncias exigirem. O seu preparo mental e o seu treinamento o colocam em plenas condições de realizar sua defesa e a de terceiros, e apesar da urgência, as decisões devem ser racionais.

ESTADO DE PÂNICO: Quando o perigo se mantém por um período de tempo prolongado, ou o policial enfrenta um perigo para o qual ele não está preparado, o organismo entra num processo de sobrecarga. O policial ainda consegue dar respostas compatíveis e funcionar com certa adequação. Caso isso se mantenha, ele começará a apresentar reações inadequadas ao estímulo enfrentado. Poderão acontecer inclusive, falhas na percepção da situação em que ele se encontra. Isto caracteriza o Estado de Pânico. Lembramos que na entrada deste estado há um retorno parcial e momentâneo ao Estado de Alarme, o que propicia alguns momentos em que, ainda estando o policial à beira de um colapso, tenha lampejos de alta performance. Ressaltamos que é importantíssimo que saibamos interpretar esses lampejos como um gravíssimo sinal de perigo e nunca como indicativo de que ele suporta bem a pressão e que esteja apto a render ainda mais. O pânico é o descontrole total que produz paralisia. É chamado assim porque a sua mente está em “apagão”, fazendo com que o seu estado mental não lhe proporcione condições de defesa, cor “PRETA”.

Neste estado, seus olhos podem ver a ameaça, mas sua mente não está preparada para fornecer as respostas corretas de reação, fazendo com que você realize atos impensados como ferir, chutar, atropelar-se ineficazmente, atirar agressiva e instintamente ou até mesmo virar-se e correr em desespero. Finalmente pode cair sobre o chão derrotado e ficar paralisado, sem qualquer reação.

Estado de Alerta e Estado de Alarme podem ser mantidos pela mente apenas por breves períodos de tempo, pois exigem um dispêndio maior de energia pelo organismo. Operar continuamente nesses avançados níveis de prontidão pode desencadear reações adversas, tanto no âmbito físico quanto psicológico, desencadeando a médio e longo prazo síndromes de esgotamento. Mas o Estado de Atenção pode ser mantido por um período mais prolongado sem forçar sua condição física e mental.

Uma vez que você tenha atingido os Estados de Alerta e Alarme, e cessada a situação de ameaça, é importante que busque um ambiente que lhe ofereça possibilidades para retornar ao Estado de Atenção. Desta forma, seu organismo retornará às condições de funcionamento normal, sem desgaste. Caso não se preocupe com esta medida, você estará mais propenso a responder às situações de perigo e ameaça no Estado de Pânico, ou seja, você não estará apto a responder de forma correta as ameaças que porventura surgirem. Em todos estes três estados (atenção, alerta e alarme) há uma utilização de uma quantidade de energia extraordinária, o que nos levaria a um processo de desgaste. Este processo pode ser combatido através da utilização de “Técnicas de Descontaminação” emocional.

Estado de Atenção é o estado da mente que você deve operar em todo o tempo em que está patrulhando, dando prioridade para a busca de uma ameaça potencial. Frequentemente, policiais são lesionados fisicamente por algo que não anteciparam, não viram ou não estavam mentalmente preparados para enfrentar, pois suas atenções estavam desligadas para os sinais de perigo.

O Estado de Atenção não é uma garantia de proteção, mas lhe dará melhores condições para ler o perigo e, se for o caso, passar para os Estados de Alerta e Alarme. Prevendo o perigo, pensando e planejando antecipadamente, você reduzirá o tempo de sua resposta inicial caso a situação se agrave. Quando uma escalada para o Estado de Alarme é requerida, a partida do Estado de Atenção é muito mais fácil de adequar do que o salto partindo do Estado Relaxado direto para o Estado de Alarme, pois partindo do Estado de Atenção, as condições defensivas e reativas já estão presentes.

CAPÍTULO IV - PENSAMENTO TÁTICO

Observação: O estudo deste capítulo deve ser precedido da leitura dos “Princípios Fundamentais” contidos no Capítulo I da Parte I.

Agora você já sabe que, estando de serviço ou transitando uniformizado, ao intervir em uma ocorrência, deve sempre manter a sua mente ativa taticamente, procurando operar no Estado de Atenção (amarelo), nunca no Estado de Relaxamento (branco).

Pensar taticamente é analisar a situação encontrada ou que irá encontrar, antecipando situações e problemas. Funciona de um modo simples: **combine opções de defesa e controle para o tipo de ameaça enfrentada, pois possuir as respostas adequadas e agir preventivamente é mais importante do que o tipo de armamento que você está portando.**

Há um bom pensamento tático quando você avalia um perigo potencial, identificando ameaças e adotando as medidas apropriadas para vencê-las.

O quarteto que governa o pensamento tático e que deve estar em sua mente é: **Área de Segurança, Área de Risco, Ponto de Foco e Ponto Quente.**

Dominando esses conceitos, você estará apto para avaliar e reagir, adequadamente, ao risco que está enfrentando. Eles são mecanismos eficientes para superar as situações enfrentadas e, mesmo sob estresse, direcionar apropriadamente sua atenção para a situação, ajudando-o a:

- a) dividir em diferentes níveis o cenário do qual está se aproximando;
- b) estabelecer prioridades para controle;
- c) formular um planejamento tático;
- d) manter sua segurança enquanto progride na ocorrência;
- e) neutralizar ameaças que possam surgir.

Área de Segurança é a área na qual a polícia tem o domínio total da situação, não havendo riscos à integridade física e segurança dos policiais. Também é utilizada para estacionamento de veículos, trânsito de civis em serviço, comando de operações e de onde partem as informações para o público em geral. Todos estes conceitos que se seguem devem ser entendidos de maneira ampla, adaptáveis às diversas situações reais que possam aparecer durante a intervenção policial.

Área de Risco é a área na qual a polícia não detém o domínio da situação. Pode ser pessoa, objeto ou local que represente perigo. Além de seres humanos, inclui animais (cães), edifícios, veículos, campos abertos, escavações, escadas, corredores, pistas (avenidas, ruas), armadilhas, qualquer item no cenário que possa ser uma ameaça, mesmo que não imediatamente visível ou conhecida.

Área de Risco requer pronta identificação e, tão logo veja uma, avalie sua situação e estrutura. Você necessitará determinar o que está ocorrendo neste momento, que ameaça esta situação está apresentando e quanto tempo você possui para resposta. Na realidade, o que está procurando enquanto avalia a Área de Risco são “Pontos de Foco”.

Ponto de Foco é a localização exata dentro da Área de Risco de onde podem surgir ameaças. Algumas partes do Ponto de Foco são “**Pontos Quentes**”, lugares onde há maior (real, iminente) possibilidade de ameaças. Considerando o ser humano como um ponto de foco, as suas mãos, os pés e a cabeça serão os pontos quentes. Uma ameaça pode surgir de um ou mais desses locais porque eles podem também segurar ou serem usados como armas. Em um carro (ponto de foco), fique atento a janelas, porta aberta e porta-malas (pontos quentes), pois, são os locais mais prováveis para o surgimento de ameaças contra você.

Sua tarefa ao encontrar qualquer Ponto de Foco é:

- a) Conter;
- b) Isolar;
- c) Controlar qualquer ameaça que possa surgir dele.

Pontos de Foco demandam sua atenção imediata. Eles podem se tornar à base de seu planejamento tático. Mesmo que o Ponto de Foco não apresente evidência de ameaça (uma mão vazia, por exemplo), é ainda justificável e necessário continuar alerta.

Enquanto trabalha na ocorrência, elabore três questões-chave, precavendo-se contra análises superficiais dos Pontos de Foco, ou resoluções apressadas de situações que você não entende ou que podem ser mais complexas que parecem:

1. **Onde estão meus riscos potenciais nesta situação?** Ao se aproximar de uma residência para atendimento de uma ocorrência, uma mulher sai em sua direção. Considere: A mulher, em si mesma, é uma ameaça? Onde estão as portas e janelas das quais eu posso ser visto e atingido por alguém que se encontre dentro da residência? Que outros locais podem abrigar um agressor não visto?

2. **Eu controlo esses riscos?** Na cena descrita, existem locais de ameaça que você não controla. Qualquer ameaça que possa estar escondida (como alguém que possa vê-lo através da janela, mas que não possa ser visto) é um risco que você não controla. O desconhecido é sempre alto risco. Ficar parado no passeio exposto a tais Pontos de Foco, em frente à residência, aumenta o perigo potencial desses locais.

3. **Se eu não controlo atualmente esses riscos, como posso fazê-lo?** Neste caso, considere os possíveis abrigos próximos: uma grande árvore, uma coluna de varanda, um carro estacionado ou outro meio de proteção. Utilizando a verbalização, identifique e direcione a mulher para uma posição abrigada, checando periodicamente o cenário em sua volta, avaliando a área de risco, identificando os pontos de foco e visualizando os pontos quentes. Estando em segurança, entreviste a mulher para obtenção de maiores dados.

Quando o perigo surge do Ponto de Foco, você tem, então, um “**Ponto Quente**”.

Um **Ponto quente** é uma ameaça clara e presente que deve ser imediatamente controlada para sua proteção ou de outra pessoa inocente. Direcione sua atenção, energia e habilidade contra a ameaça, em movimento defensivo, considerando a legalidade, necessidade e proporcionalidade na resposta. Este será um momento de estresse e nesta condição você terá de se concentrar para resolver a situação.

Definir exatamente o ponto quente para focalizar sua resposta pode ser complicado. Para ser mais efetivo, será necessário concentrar, em alguns casos, a arma como seu ponto quente, em outros, a pessoa manejando a arma. Tempo e distância podem fazer diferença.

Imagine que esteja em uma área aberta, longe de um abrigo e dentro do alcance da arma de um suspeito, que se encontra sacada e apontada para você. Se tentar, rapidamente, sacar sua arma, o tempo está contra você, pois existe grande possibilidade dele atingi-lo. Seu **Ponto Quente**, neste caso, é a arma.

Por outro lado, se você está mais distante e sua arma já está em condições de emprego quando a ameaça é feita, seu **Ponto Quente** é a pessoa. Estando distante você terá que controlar a pessoa para controlar a arma. É importante ressaltar que **não se pode atirar em uma pessoa só porque ela está armada**.

Lembre-se: sob estresse, policiais podem se enganar a respeito de PONTO DE FOCO e PONTO QUENTE.

Enquanto se aproxima da Área de Risco e começa a analisá-la, seu estado mental deve ser de Estado de Alerta (Laranja), precavendo-se contra situações e consciente de que o perigo pode estar presente.

Quando identifica e avalia seu Ponto de Foco, você pode, conforme o caso, elevar a sua situação mental para o Estado de Alarme (Vermelho).

Quando identificar um **Ponto Quente**, definitivamente atinja o seu Estado de Alarme (Vermelho) e prepare-se para neutralizá-lo.

Em algumas situações, tempo e distância podem ameaçá-lo de tal modo, que não haverá condições de se concentrar, nem na arma, nem na pessoa como ameaças. Neste caso, sua única chance de defesa pode ser retirar-se imediatamente da área de risco. Concentre-se no caminho pelo qual está se movendo, sempre se preocupando com sua segurança. Alie os conceitos do pensamento tático, com os estados de alerta.

Controlar um Ponto Quente é difícil e arriscado, mesmo que seja treinado para administrar crises e possua habilidades com armas. Conseqüentemente, seu objetivo em ocorrências é impedir o agravamento de qualquer situação. Você deve desejar resolver situações sem que seja necessário atingir altos níveis de reação, como o uso de armas de fogo, sempre que a situação permitir. **Quanto melhor identificar e trabalhar para controlar Áreas de Risco e Pontos de Foco, melhores são suas chances de evitar ameaças de confronto.**

Ao chegar em um local para atender uma ocorrência, é necessário avaliar a área de risco, precedendo-se identificação dos pontos de foco e pontos quentes.

É possível controlar todos os pontos?

Todas as mãos, janelas, portas e sombras?

Se não estiver em supremacia de força, em condições de exercer o controle, solicite e aguarde reforços para abordar, ou espere nova oportunidade.

Onde há mais de um policial, é possível dividir os pontos de foco de uma área de risco. Pensando taticamente, é impossível para um policial (ou uma dupla) realizar uma busca segura em um grande edifício ou controlar um grande número de suspeitos. Existem mais áreas de risco e pontos de foco nessas circunstâncias do que podem ser vistas e controladas efetivamente.

Raramente o ideal é possível: um policial para cada ponto de foco. Se a violência surge, o rádio deve estar pronto para solicitar socorro.

Seja cuidadoso para que, ao dividir pontos de foco, todos estejam sob vigilância. Algumas vezes vários policiais se concentram em um mesmo ponto de foco e deixam outros sem controle. Jamais distraia do ponto de foco sob sua responsabilidade.

Olhar nos olhos é um dos maiores riscos de distração (concentre sua atenção nas mãos do suspeito, pois olhos nunca são um ponto de foco!).

Faça com que ele esteja sempre olhando para você! Assim conseguirá captar a atenção dele e evitar possíveis reações.

Se uma ameaça real surge de seu ponto de foco, apesar de seus maiores esforços, sua habilidade e seu preparo mental para entender e aplicar corretamente as reações necessárias será o suporte de sua defesa. Neste sentido, duas considerações são importantes:

1. Não confunda concentração com “visão em túnel”:

Em situação de risco real concentre sua atenção, força e energia **onde e quando** elas são necessárias para neutralizar uma ameaça o mais rápido possível. Visão em túnel, por outro lado, é a forma do Estado de Pânico (Preto). É um foco inadequado: você trava sua atenção muito cedo ou muito tarde, num estímulo errado e com propósito errado, ou seja, você não define um objetivo a ser seguido.

2. Não disperse (separe, divida) seu foco:

Dependendo do tempo e da distância, você pode ser capaz de monitorar mais de um ponto de foco simultaneamente, mas não pode, com sucesso, controlar mais de um ponto quente por vez. O Estado de Alarme (Vermelho), demanda **toda** sua atenção ao localizar o ponto quente. Tente determinar sua mais imediata e séria ameaça e resolva-a primeiramente. Quando a elimina, diminui a capacidade de agressão. Quando interrompe a segunda ameaça você reduz drasticamente o risco oferecido pelos demais pontos quentes.

No cotidiano policial, você tem de lidar com a probabilidade de risco, preparando-se para ameaças onde elas são mais prováveis de ocorrer. Não é possível eliminar todos os riscos; nenhum policial pode. Mas usando os princípios do pensamento tático, você pode reduzir, substancialmente, os riscos e ampliar as vantagens a seu favor.

CAPÍTULO V - PROCESSO MENTAL DA AGRESSÃO

Observação: O estudo deste capítulo deve ser precedido da leitura dos “Princípios Fundamentais” contidos no Capítulo I da Parte I.

Como parte da estratégia para se evitar uma ameaça direta é necessário entender o processo mental envolvido em uma agressão. Isto é, os estágios de pensamento que uma pessoa tem que seguir para feri-lo. Assim como no pensamento tático, o processo mental aplica-se tanto em situações em que o suspeito está desarmado, quanto nas em que está armado, sendo especialmente importante quando o uso de força letal é uma possibilidade pelo agressor.

Para atacá-lo com razoável chance de êxito, um agressor tem que Identificar, Decidir e Agir (I-D-A):

- Identificar você pela visão, sons, intuição ou outra forma.
- Decidir o que fazer, isto é, preparar-se mentalmente para atacá-lo.
- Agir, isto é, colocar em prática aquilo que planejou mentalmente, executar.

Usualmente esses passos ocorrem nessa seqüência, mas nem sempre. Ele pode, por exemplo, estar com a arma pronta e apontada antes de identificá-lo.

Qualquer que seja a ordem, um provável agressor tem apenas esse processo de pensamento para percorrer. Isso coloca você em desvantagem, pois, enquanto o agressor dá três passos para a agressão, você terá, necessariamente, QUATRO passos para seguir, a fim de responder a uma ameaça. Você terá que Identificar, Certificar, Decidir e Agir. Após você identificar, terá que se certificar de que o agressor está, de fato, iniciando um ataque, para depois decidir e agir.

Saltar esse processo de pensamento pode provocar um erro. Você pode identificar um ladrão armado em uma loja, por exemplo, e decidir reagir sacando sua arma, mas antes de, justificadamente, atirar, terá que se certificar de que um atentado a vida vindo dele é provável ou já aconteceu.

Exemplos!

→ Durante a noite, um policial em seu horário de folga ouve três tiros em sucessão rápida no hall, do lado de fora de seu quarto. Parecia que ele estava sendo atacado. Sem identificar o possível agressor, ele tomou seu revólver e atirou na mesma direção. Os tiros acertaram o suposto "criminoso" no peito - sua filha de seis anos de idade que brincava com o revólver de espoleta do irmão.

→ Houve um caso em que os policiais localizaram um rapaz que preenchia as características de um agente suspeito de estar armado com uma carabina. Quando o rapaz caminhou para os policiais, estes o ordenaram para que parasse. Mas ele continuou a caminhar e levou a mão para trás. Sem identificar o realmente aconteceria, acreditando que ele iria sacar uma arma, os policiais atiraram e o mataram. Ao procurarem pela arma, constataram que o suspeito tentava retirar a sua identificação de surdo/mudo.

O processo mental significa construir idéias em um pequeno espaço de tempo para antecipação do perigo, permitindo-lhe identificar e entender o ato de agressão que está ocorrendo. Sabendo que o tempo para reagir é curto, o modo de trabalhar com essa desvantagem é alongar e manipular o processo mental do agressor.

Imagine, outro exemplo, uma ocorrência onde um suspeito, que já está rendido e, com as mãos para cima, decide agredi-lo. Ele já venceu dois passos que são: **Identificá-lo** e **decidir sobre o que fazer**, e tem agora só mais um: **Agir**. Para compensar essa situação, mantenha o suspeito ou o provável agressor de costas para você, então, mova-se para uma posição diferente, se possível para um abrigo. Você terá adicionado um passo no processo mental do suspeito ou provável agressor, que agora, terá que identificá-lo novamente antes de agir. Como ainda pode vê-lo, você está em vantagem sobre ele. Na maioria dos casos ele vai gastar mais tempo para identificá-lo do que você para observar seu movimento agressivo.

Como planejamento tático para controlar situações de alto risco, cinco conceitos-chaves irão ajudá-lo a compensar sua desvantagem, interferindo no processo de pensamento do suspeito:

a) Ocultação

Se o suspeito não sabe exatamente onde você está, ele terá dificuldades em IDENTIFICÁ-LO para um ataque. Ele pode atirar ou atacar a esmo, em um esforço cego para atingi-lo, dependendo, desta forma, da sorte.

b) Surpresa

Se você pode ocultar-se ou mover-se de modo imperceptível, o suspeito terá maior dificuldade em identificá-lo ou reagir à sua presença com um plano de ataque. Surpresa, por definição, anda lado a lado com ocultação, em outras palavras, você age sem ser percebido e aumenta suas possibilidades de surpreender seu agressor.

c) Distância

De uma maneira geral, quanto mais longe você puder ficar do potencial agressor, mais difícil será para ele reagir e atacá-lo. Certamente, onde um ataque físico é a preocupação, quanto maior a distância que ele tiver de percorrer para alcançá-lo, mais lento o ataque será e mais tempo você terá para identificar, certificar, reagir à ameaça e controlar a agressão. Lembre-se que quanto mais próximo você fica de um suspeito, mais aumenta sua chance de ser agredido. Você está mais seguro, quando permanece além do alcance de qualquer arma que ele possua.

d) Autocontrole

Na ânsia de ver o êxito de suas atuações, policiais freqüentemente abreviam boas táticas ou se lançam dentro da área de risco controlada pelo suspeito potencialmente hostil. Por exemplo, se você raciocina e faz com que ele venha até a área de segurança, que você controla, estará provavelmente, interferindo em todo o processo de pensamento do agressor, desarticulando, desse modo a sua agressão.

**NÃO INVADA A ÁREA DE RISCO PARA SUA
PRÓPRIA SEGURANÇA**

e) Proteção

Este princípio é, sem dúvida, o mais importante entre todos. Se você pode posicionar-se atrás de algo que verdadeiramente o proteja dos tiros e, ao movimentar-se utilize abrigos, um suspeito não poderá atacá-lo com sucesso. O abrigo também lhe dará mais tempo para identificar qualquer outra ameaça que o suspeito apresente.

Exemplo:

Um policial que tentou prender um jovem na rua que portava um revólver calibre .22, logo após ter disparado esta arma e assassinado a sua namorada. Quando o policial saiu da viatura e determinou ao suspeito agente que soltasse a arma, ele a apontou e atirou contra o policial, que estava desabrigado, acertando-o na coxa. Ao cair, o agente correu até ele e atirou em sua cabeça, matando-o.

Como o conceito sugere, sua meta será sempre:

→ Aumentar o tempo do processo mental para o agressor, enquanto simplifica e encurta o seu próprio processo, onde for possível.

Entender o processo mental pode ajudá-lo a avaliar as áreas de risco, para estabelecer suas prioridades táticas, segundo os respectivos pontos de foco que se apresentarem.

Suponha que você está entrando em uma sala onde um homem armado possa estar escondido. Na sua frente há um sofá e um pouco atrás há um armário escuro com a porta entreaberta. Qual é o seu maior risco e o que demanda sua imediata atenção?

Considerando a cena que se apresenta e o provável processo mental do suspeito, você sabe que o maior risco encontra-se no armário. Um ataque de trás do sofá necessitará primeiro que alguém se mova para ver por cima ou ao redor dele e depois apontar a arma (localizando e agindo) no intuito de atacar você policial. Mas o ambiente escuro dentro do armário permite que um suspeito armado já o tenha identificado, decidido e agido (posicionando-se) para atirar através da abertura. Nessa situação, o suspeito já cumpriu duas etapas do processo mental necessário para feri-lo. Tudo que ele tem que fazer, a menos que seja imobilizado imediatamente, é atirar.

Sua primeira ação é sair da linha de tiro ou procurar um abrigo. Antes de se expor novamente, você deve ter certeza de que está seguro.

**“LEMBRE-SE: O RISCO DESCONHECIDO
É FREQUENTEMENTE O RISCO QUE MATA”.**

Em alguns casos, conhecimento sobre o processo mental pode ajudá-lo a escapar de situações que parecem não ter solução.

Entender o processo mental irá ajudá-lo evitar que você chegue ao ponto onde você tenha que tomar atitudes desesperadas para salvar sua vida. Enquanto você avalia áreas de risco e pontos de foco e lida com situações de ameaças potenciais, pergunte a você mesmo de onde um ataque pode ser feito por um agressor e quais os passos necessários para contrapor essa agressão.

CAPÍTULO VI - MOVIMENTAÇÃO

Observação: O estudo deste capítulo deve ser precedido da leitura dos “Princípios Fundamentais” contidos no Capítulo I da Parte I.

Ao deslocar-se caracterizado como policial, faça-o em Estado de Atenção (Amarelo). Mesmo que não esteja empenhado em ocorrência, só pelo fato de estar fardado, você pode ser solicitado ou se ver envolvido em uma ocorrência repentinamente. Quando isso ocorrer, você escala imediatamente para o Estado de Alerta (Laranja) e deve, então, mover-se utilizando os princípios do pensamento tático, avaliando áreas de risco e pontos de foco, procurando antever situações e estando pronto para se defender.

Nesse caso, alguns procedimentos podem ser seguidos, entre eles: escolha itinerários seguros (máximo de cobertas e abrigos); mova-se através de pequenos deslocamentos entre abrigos e cobertas sucessivas; planeje cada pequeno deslocamento antes de fazê-lo, raciocinando em termos de ameaças potenciais; evite áreas limpas (sem proteção) e escolha o processo adequado para a movimentação. Sempre que possível, evite áreas e obstáculos que ameacem sua segurança.

LEMBRE-SE: não movimente móveis ou objetos, pois, sua atenção será desviada. Você é que deve movimentar-se.

Se no decorrer do deslocamento você for surpreendido por uma troca de tiros, observe os seguintes procedimentos:

- a) Busque rapidamente um abrigo, diminuindo sua exposição ou considere ainda a possibilidade de se retirar rapidamente do local;
- b) Estando em equipe, evite agrupar-se, de modo a não oferecer um alvo compacto e maior;
- c) Evite cruzar terrenos limpos e descobertos, todavia se for necessário, faça-o rapidamente com cobertura dos demais policiais. Se o deslocamento for homem a homem, devemos iniciá-lo em lugares diferentes, de forma a confundir o possível agressor;

Ao deslocar-se em situação de risco, considere ter a arma pronta para uso na mão, sabendo que a utilização da arma deve seguir quatro princípios:

1º Estando de serviço, mantenha todas as armas disponíveis em condições de emprego imediato:

Não deixe sua arma descarregada, pois quando for necessário usá-la, não haverá tempo para prepará-la.

2º Só aponte a arma para o objetivo que você queira imobilizar:

Você sempre necessitará estar com sua arma pronta, contudo, caso não haja risco potencial ou real, evite apontá-la indiscriminadamente.

Por exemplo, se você vê as mãos de um suspeito, e ele não oferece ameaça, não há necessidade em apontar a arma na direção dele. Não é prudente, também, que você se relaxe e deixe de manter o controle sobre o suspeito, devendo adotar a posição Nr.2 (sul ostensiva) para sua arma.

Lembre-se: antes de reagir a uma agressão, é necessário passar por quatro passos no processo mental e um deles é CERTIFICAR-SE de que existe a agressão.

3º Tenha certeza absoluta a respeito da agressão:

Certifique-se da realidade do risco/ameaça, antes de utilizar a força. A convicção tem que ser absoluta. Um procedimento impensado e imprudente pode criar uma tragédia. Se você não tem certeza de que pode controlar uma ameaça com sua arma, procure outra alternativa.

4º Nunca ponha o dedo no gatilho se você não tem a intenção de atirar:

O tempo gasto para que o dedo deslize da posição de segurança até o gatilho é mínimo. Estando com a arma apontada para um suspeito que oferece risco, dificilmente ele poderá executar qualquer movimento que seja mais rápido do que você levar o dedo ao gatilho e disparar.

Estando com a arma apontada para um suspeito, evite fechar um dos olhos para mirar, pois isso limita a visão e impede que você veja periféricamente. Ao fechar um dos olhos, com certeza você não notará qualquer movimento ou aproximação por este lado. Mantenha os dois olhos abertos. Treine atirar em situações diferentes (alvos acima de sua cabeça, abaixo, no nível dos seus olhos e em direções diferentes à frente e à direita/esquerda, à frente e atrás). Na vida real, os alvos não são de papel! Não ficam parados e eles reagem. Esteja preparado!

POSIÇÕES DE CONDUÇÃO DA ARMA

Basicamente serão utilizadas três posições para conduzir o armamento durante a movimentação:

a) Posição N.º 1:

A arma permanece no coldre em segurança, sendo a posição mais adequada para deslocamentos rápidos e abordagens simples.

Estando em Estado de Atenção (Amarelo), quando você não necessita da arma por não estar em ação ou não se julgar ameaçado de modo potencial ou real, a arma permanecerá travada no coldre.



b) Posição N.º 2:

Também conhecida como posição “Sul”, devido a uma analogia aos pontos cardeais. É também para deslocamentos lentos quanto para os rápidos, apenas com ligeiras restrições de mobilidade.

Nesta situação, você já evoluiu do Estado de Atenção (Amarelo) para o Estado de Alerta (Laranja) e está se movendo dentro da área de risco, identificando e dominando os espaços percorridos.

Com o cano adequada tanto voltado para baixo, dedo fora do gatilho e estendido ao longo da armação da arma, estando ela próxima à parte superior do abdômen.

Esta posição admite duas variáveis:



Posição “Sul” ostensiva: É aquela em que a mão que auxilia a empunhadura está junto ao corpo;



Posição “Sul” Velada: É aquela em que a mão que auxilia a empunhadura está por cima da arma

c) Posição N.º 3

Também conhecida como Posição de Pronta Resposta. Aplicável na ocasião em que o policial trabalha com a existência de risco real, devendo estar pronto para ele. Cuidado para não impedir sua visão, colocando a arma na frente dos olhos. Abordando um suspeito que ofereça risco real, não descuide até ter o controle de suas mãos. Aponte a arma para a massa central do suspeito (tronco). Nessa posição os seus dois olhos permanecem abertos e atentos.



Não desvie seu olhar do ponto de foco, nem descuide de sua segurança até que tenha controle da situação. Para este caso apresentado: - controle visual das mãos do suspeito.

DESLOCAMENTOS

a) Deslocamentos Lentos

Se você deseja aproximar-se de seu objetivo sem ser notado, precisará deslocar-se fazendo o mínimo barulho possível, utilizando sinais de mãos para se comunicar, fone de ouvido para comunicação pelo rádio ou o volume reduzido. Dependendo da situação, o rádio poderá estar desligado, fazendo-se contatos periódicos com o posto de comando. Medidas simples podem favorecer a surpresa e impedir a vontade de

reagir do suspeito. É importante ainda manter desligados aparelhos celulares, “pagers” e alarmes de relógio, devendo também estarem bem acondicionados quaisquer objetos metálicos que possam produzir ruídos.

b) Deslocamento Rápido

Nesta hipótese de deslocamento, a preocupação principal é atingir rapidamente o objetivo, não havendo maior preocupação em passar despercebido, embora a segurança deva ser preservada. Pense taticamente, principalmente quanto à questão do planejamento de sua movimentação no terreno. Outro item que determina a escolha do processo de progressão será o tipo de cobertas e abrigos existentes. Dependendo do local e distância a ser percorrida, pode-se optar por deslocar-se com maior ou menor rapidez.

Para uma maior segurança no seu deslocamento, você pode utilizar-se de um **escudo balístico**. O escudo balístico é um equipamento de proteção individual (proteção de quem o conduz), contudo, com treino, sua proteção pode estender-se a outros policiais durante seu deslocamento ou paradas. Os deslocamentos com escudos balísticos deverão ser feitos da seguinte forma:

a) Segurança Mínima:

- o escudo será conduzido pelo 1º policial, na posição de pé (posição tática);
- o armamento será conduzido lateralmente ao escudo, de modo que a armação encoste no equipamento e sendo somente o cano exposto. Havendo necessidade de disparo, o policial leva o armamento para frente do visor do escudo, para melhor percepção dos disparos e controle da visada, fazendo a empunhadura lateral.

b) Segurança Máxima:

- o escudo será conduzido pelo 1º policial, na posição de joelho (escudo no chão);
- o armamento será conduzido lateralmente ao escudo, de modo que a armação encoste no equipamento, sendo somente o cano exposto. Havendo necessidade de disparo, o policial leva o armamento para frente do visor do escudo, para melhor percepção dos disparos e controle da visada, fazendo a empunhadura lateral.



O armamento utilizado pelo suspeito também determinará o modo como você se movimentará. O alcance das armas, sua cadência de tiro, bem como a perícia do atirador, influenciarão no modo de como o policial progride e escolhe cobertas e abrigos. Portanto, procure obter estas informações.

Como já foi dito, um suspeito agressivo necessitará dar três passos em seu processo mental para atacá-lo: Identificar, Decidir e Agir (I-D-A). Se você dificulta sua Identificação por parte do suspeito, certamente estará atrasando sua reação e seu ataque. Alguns procedimentos simples dificultam sua Identificação e ampliam sua vantagem. Assim, ao ocupar uma posição, tenha cuidado para não mover galhos, ramagens, abrir portas e movimentar o próprio corpo, se o objetivo for não ser visto. O movimento é um dos fatores que chama a atenção do ser humano.

Observe pelos lados, base ou por frestas para não expor partes vitais e não chamar a atenção. Não se deve observar por cima de muros, cobertas ou abrigos para não expor a cabeça. Estando em um local com grande quantidade de abrigos, escolha aqueles que lhe forneçam melhores condições de observação pela base e extremidades, facilitando-lhe a utilização das técnicas de varredura e espelho. É importante salientar que o policial não deve utilizar as cobertas/abrigos que despertem naturalmente a atenção.

Alguns locais atraem naturalmente a atenção por se destacarem no ambiente. Evite-os. Havendo várias cobertas/abrigos no terreno, o policial não deve utilizar o maior, pois ele desperta, naturalmente, a atenção.

Juntamente com o movimento, a luz atrai a observação. Objetos menos iluminados são menos visíveis. Ao ocupar uma posição, se você não deseja ser visto, aproveite alguma sombra para sua ocultação.

Se possível, busque uma posição que o confunda com o ambiente, observando, logicamente, se o uniforme utilizado faz contraste com o fundo. Cuidado semelhante deve-se ter com a cor de fundo sobre a qual sua silhueta se projeta. Pelo mesmo motivo devem-se evitar posições contra a luz (farol, jardim, luz interna em uma janela ou porta contra o policial etc.).

Mesmo que um tronco de árvore não seja suficientemente espesso para ocultar e protegê-lo de pé, é aconselhável que você se posicione com a silhueta baixa, pois será um alvo bem menor e dificultará sua localização pelo suspeito. Se estiver passando rapidamente pelo local, pelo menos esteja abaixado, reduzindo sua silhueta para possíveis ataques.

MOVENDO-SE EM SEGURANÇA

Um dos maiores problemas durante uma busca é o risco de ser atingido por disparos da própria equipe de policiais. O entrosamento dessa equipe e o planejamento anterior da ação/operação serão fundamentais no aumento da segurança, à medida que facilita conhecer o posicionamento dos companheiros no terreno, dificultando a ocorrência de fogo cruzado. É importante salientar que, em locais fechados e sob estresse elevado, os cuidados devem ser redobrados, tendo em vista o aumento dos riscos nessas circunstâncias.

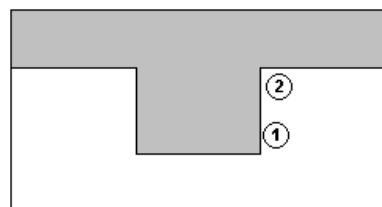
Se durante o deslocamento seu colega for cruzar sua frente, mude de posição abaixando a arma e desloque-se sempre ajustando a posição de modo a não estarem na mesma linha de tiro, para que ambos tenham condições de atirar se for necessário.

Evite ficar agrupado desnecessariamente, constituindo-se em um grande alvo. Quanto mais próximos uns dos outros, maior a facilidade de um suspeito escondido atingi-los. Além disso, nessa situação há o risco de um atirar no outro. A separação tática lhe dá condições para uma reação apropriada.

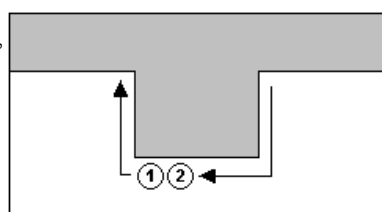
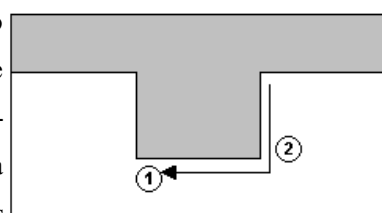
Observe sempre a posição de segurança em relação aos demais policiais, visando evitar o disparo da própria equipe, reduzindo o agrupamento desnecessário e ampliando sua capacidade de defesa. Pense em cada provável local de esconderijo como um vértice do triângulo. Você e seu parceiro deverão constituir-se nos outros dois vértices. Se a ameaça se concretiza, vocês estão em condições de atingi-la de diferentes ângulos enquanto o suspeito é obrigado a dividir sua atenção e poder de fogo.

Durante a busca, é aconselhável que apenas um policial se mova de cada vez, enquanto o outro permanece na cobertura. Esse princípio assegura que sempre alguém estará pronto para defender a equipe.

A figura ao lado exemplifica o método de deslocamento



O primeiro policial, tendo cobertura, se move e pára. O segundo move-se em seguida e se posiciona próximo do primeiro, de forma que o primeiro só movimenta quando tiver cobertura do segundo e vice-versa. O policial jamais poderá perder o contato com o membro da equipe que estiver imediatamente à frente. Na possibilidade dos policiais ocuparem o mesmo abrigo, um deverá manter silhueta baixa, de forma a permitir que os demais respondam fogo se necessário.



Enquanto se movimenta, a segurança é fator primordial. Ninguém, em ação no terreno deve se descuidar da segurança.

Em situação onde haja risco para a integridade da equipe, não se mova sem ter cobertura. A cobertura é feita observando-se os locais mais prováveis para um ataque contra a equipe de policiais, com a arma na mão e os dois olhos abertos. Não desloque com o dedo no gatilho. Concretizando-se a situação de risco pela agressão do policial em movimento, aquele que estiver em cobertura deve identificar e neutralizar o agressor, promovendo a defesa e se possível avisando a equipe antes de prosseguirem o deslocamento.

Se você (ou sua equipe) for surpreendido durante o movimento, agredidos por tiros e tendo absoluta necessidade de prosseguir, você pode empregar o procedimento conhecido como **Fogo e Movimento**.

Nessa situação, utilize preferencialmente uma arma com boa cadência de tiro, com o(s) policial(ais) de cobertura imobilizando o agressor, disparando contra ele. Enquanto o agressor se protege dos tiros, parte da equipe se movimenta para outra posição buscando alcançar vantagem tática ou sair do local (retirada tática).

A execução de tiro deve ser seletiva e com absoluta segurança no que diz respeito à preservação da vida de terceiros. **Havendo risco para a população, tal procedimento, que deve ser usado como medida extrema, deve aguardar o momento oportuno, ou não ser utilizado.**

CAPÍTULO VII - COMUNICAÇÕES

Observação: O estudo deste capítulo deve ser precedido da leitura dos “Princípios Fundamentais” contidos no Capítulo I da Parte I.

Ao pensar taticamente, tendo consciência do processo mental do suspeito agressivo, tenha o máximo cuidado para não ser localizado. Nesse sentido, a comunicação entre os policiais deve ser cuidadosa. Em situações de risco, caso utilize a voz para se comunicar com sua equipe, faça-o sussurrando. O volume do rádio deve estar o mais baixo possível. Se for o caso, utilize fones de ouvido. Tudo deve ser feito para a manutenção da vantagem tática da surpresa. O rádio pode estar desligado desde que sejam feitos contatos periódicos com o posto de comando.

Uma boa alternativa são os sinais de mão, pois possibilitam uma comunicação eficiente entre a equipe, favorecendo a surpresa. Os sinais de mão devem ser simples e estar bem treinados para não haver problema. Ao passar um sinal certifique-se de que seu companheiro recebeu e entendeu a comunicação sem, entretanto, desviar sua atenção dos Pontos de Foco.

Os exemplos de sinais abaixo são propostas, mas lembre-se que o melhor sinal é aquele que toda a equipe conhece:

a) Congelar

Mão fechada, erguida ao lado do corpo: nessa situação a equipe se imobiliza para observar, escutar, tentar ocultação, receber indicação do comandante, etc.



b) Cobertura

Com a mão estendida, dedos unidos, movimentando sobre a cabeça, indica que o policial que sinaliza necessita de cobertura.



c) Acelerado

Punho fechado, movimentando-se para cima e para baixo, solicita movimentação rápida.



d) Suspeito

Mão estendida com os dois dedos centrais recolhidos e apoiados pelo polegar e os dedos das extremidades estendidos.



e) Veja/Observe

Dedo indicador apontando para uma direção indica que o policial quer mostrar alguma coisa naquele local.



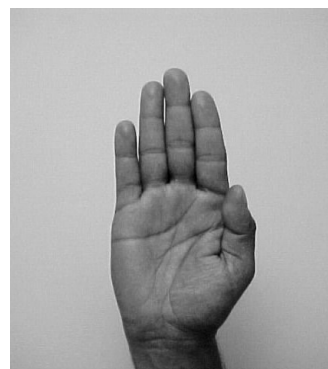
f) Limpo

Dedo polegar para cima indica que o local observado/vistoriado está sem perigo ou presença de suspeito.



g) Atenção

Mão aberta e espalmada indica que o policial deve parar tudo o que está fazendo e dar atenção para quem está sinalizando.



Para auxiliar na garantia da vantagem tática da surpresa, mantendo a ocultação da equipe de policiais, é importante também a observação de uma rigorosa disciplina de luz e som.

Algumas medidas simples, se utilizadas, podem auxiliar bastante no êxito da missão.

Se o objetivo é deslocar-se sem chamar a atenção, materiais como chaves, moedas e tudo o que faça barulho deve ser retirado dos bolsos, ou serem fixados no equipamento ou armamento. Metais do cinturão ou de qualquer objeto conduzido pelo policial devem estar presos. Uma medida para auto-inspeção consiste em, estando pronto para o deslocamento, saltar repetidas vezes para verificar se há ruídos.

Atenção especial deve ser dada ao itinerário de aproximação do objetivo. Folhas secas, galhos, brita, plástico e outros materiais podem facilmente denunciar o deslocamento da equipe.

Luzes e brilhos também podem denunciar o movimento ou a posição da equipe. À noite, qualquer brilho ou luz, por mínimo que seja, atrairá a atenção, por isso, as armas e equipamentos prateados não são apropriados para os trabalhos táticos.

Se o objetivo é a ostensividade, brilhos e luzes são fundamentais. Mas, se o objetivo é uma movimentação lenta, todos os brilhos e luzes devem ser evitados. É proibido fumar em uma operação onde se deseja obter a surpresa. Locais muito iluminados devem ser evitados. Havendo risco para a segurança pessoal no deslocamento, apagar as luzes que denunciam a posição e expõem a silhueta do policial, é um procedimento que deve ser considerado. Lembre-se que a sombra constitui-se em um excelente aliado do policial.

Alguns fatores de identificação facilitarão seu reconhecimento, tornando-o um alvo visível e definido. Esses fatores são determinados pela aparência, comportamento ou movimento, da natureza de objetos ou pessoas.

O primeiro fator é a **posição** ocupada, relação entre a pessoa (policial) e o ambiente que o circunda. Se o objetivo é a ocultação, não deve haver contraste entre os dois (policial/ambiente); um fundo limpo e/ou claro exporá com facilidade a silhueta do policial.

A **forma**, que é a aparência exterior, é o segundo fator. Um policial-militar fardado tem forma que lhe é peculiar e que é facilmente identificado, independente da distância. Se o objetivo é passar despercebido, devem-se quebrar os contornos regulares.

A **sombra** denuncia pelo mesmo motivo do item anterior. Possui contornos característicos, pode ser projetada além dos cantos ou à frente ou à retaguarda, denunciando sua posição.

Objetos mais rugosos tendem a refletir menos luz do que objetos lisos. Objetos coloridos facilitam a identificação, pois apresentam grande contraste com o ambiente.

O **movimento** é o mais poderoso fator de atração da atenção. O olho humano tem capacidade de perceber, rapidamente, qualquer movimento. Um pequeno movimento pode denunciar grandes objetos.

O **brilho** é um sinal revelador para um observador. Sempre que a luz atinge uma superfície lisa como um metal, um pára-brisa, um rosto humano, pode refletir aquela imagem diretamente para os olhos de um observador ou para as lentes de uma câmera.

CAPÍTULO VIII - DESLOCAMENTOS PLANEJADOS

Observação: O estudo deste capítulo deve ser precedido da leitura dos “Princípios Fundamentais” contidos no Capítulo I da Parte I.

O princípio essencial que dirige a movimentação de policiais em ambiente operacional é o Pensamento Tático. Para a realização de qualquer deslocamento, deve-se considerar o risco para a integridade física do policial. Nenhum deslocamento deve ser feito sem que antes tenha sido planejado.

Quanto mais próximo do objetivo e quanto maior o risco, mais cuidadoso deve ser o planejamento. Deve-se considerar que nem sempre o caminho mais seguro é o mais curto. Em situações de perigo potencial ou real, onde a segurança esteja comprometida, os deslocamentos devem ser curtos, no máximo de 15 metros e partindo de uma posição protegida, para outra posição protegida.

Um planejamento acertado favorece o deslocamento seguro e evita a indecisão. Deve ser feito na medida em que você progride dentro da Área de risco, identificando o Ponto de Foco mais próximo. Emergindo qualquer Ponto Quente, concentre-se em controlá-lo. Trabalhe com segurança, avançando uma etapa de deslocamento de cada vez.

Antes de iniciar os movimentos, impõe-se que seja feita a observação visual e auditiva, avaliando-se a Área de Risco. Ao observar em ambientes abertos, atente para as partes altas (como telhados, árvores e janelas altas), ao nível dos olhos e nas partes baixas, bem rentes ao chão. Em áreas externas de edificações, considere telhados e esquinas como problemas. Uma agressão de dentro do edifício virá de portas e janelas (inclusive janelas de andares superiores, sótãos etc.).

ESTUDO DA SITUAÇÃO

a) Para onde vou?

Lembre-se de que o princípio gerador do movimento é o Pensamento Tático e que o deslocamento em situação de risco potencial ou real não deve ser superior a 15 metros. Responda a essa pergunta escolhendo uma posição segura para se deslocar. Se o objetivo a ser atingido estiver muito distante, faça tantas paradas quantas necessárias; a cada parada, retorne à situação de observação prévia do ambiente.

b) Por onde vou?

Responda a essa pergunta escolhendo o caminho a seguir. A escolha deve ser orientada pela segurança e não pela distância.

c) Como vou?

Escolha o processo mais adequado em função das cobertas e abrigos existentes, da velocidade necessária ao deslocamento, do armamento utilizado pelo suspeito e da distância que se encontrar do objetivo.

d) Quando vou?

Escolha o momento mais adequado para o deslocamento, por exemplo: assim que obtiver cobertura ou quando o suspeito se distrair; assim que receber autorização ou assim que estiver pronto etc. Avalie os riscos e antecipe, através do Pensamento Tático, suas possíveis Contra-Medidas.

Para vencer Áreas de Risco, você necessitará adotar alguns procedimentos, como sugerido abaixo. Perseguindo um suspeito que salta um muro, você nunca deve saltar imediatamente atrás, pois o suspeito pode estar aguardando que você pule ou se exponha para alvejá-lo.

TRANSPOSIÇÃO DE OBSTÁCULOS

a) Individual:

- A observação será feita, se possível, em três pontos distintos, aumentando desta forma a segurança daquele que transporá o obstáculo;

- O policial estenderá o braço até alcançar a parte superior do muro, saltando se necessário e, em seguida, puxará o corpo até a altura do antebraço, onde completará a última etapa da observação do ambiente a ser abordado. Continuamente o policial lançará uma das pernas sobre o muro, tracionando o corpo até a base e com uma pequena elevação do quadril, projetará a perna de baixo sob a perna que se encontra apoiada na base do muro, projetando-a para o ambiente a ser abordado, e, com isso, desprenderá o corpo tocando ao solo em posição de tiro. Em tais transposições, a arma sempre permanecerá em condições de tiro e exposta o mínimo possível, o mesmo acontecendo com a silhueta do policial.

b) Dupla ou Trio:

- Um dos policiais deverá progredir em posição de tiro até a base do obstáculo a ser vencido. Em seguida, posicionar-se-á com as costas apoiadas no obstáculo e pernas semiflexionadas;

- Após a tomada deste dispositivo referenciado, o próximo componente da equipe progredirá até seu companheiro, colocando os pés sobre as coxas do primeiro policial, apoiando suas mãos sobre o muro e utilizando uma “olhada rápida”, movimentando-se e expondo parte da cabeça em frações de segundo para observar. Observe, inicialmente, em profundidade, pois o suspeito pode ter saltado e continuado a fugir. Não vendo o suspeito, olhe novamente em profundidade, mas de outro ponto do muro, evitando expor a cabeça duas vezes no mesmo lugar;

- Não localizando o suspeito em profundidade (lembre-se de que ele pode ter se escondido atrás de objetos ao longo do terreno), a atenção agora deve ser na base do muro. Você deve, usando a tomada de ângulo, observar os cantos do muro em todos os lados;

- Não localizando o suspeito, apoiará os pés sobre os ombros do companheiro, procedendo a transposição do obstáculo conforme descrito na técnica anterior;

- Localizando o suspeito (a observação deve ser geral (em profundidade) e na base do muro em todos os lados), você deve manter o controle visual sobre ele, evitando mudanças de posição. Estando em uma posição segura (abrigado), sem se expor, faça a abordagem verbal, convencendo o suspeito a se render. Esteja pronto para se defender usando a força necessária.

Obs: A transposição do muro, quando necessária, deve ser feita de forma rápida, após a varredura visual e com a devida cobertura. Se possível, utilize recursos como escadas, latões, veículos e outros objetos, além do próprio companheiro de equipe.

Um dos melhores meios para a transposição de obstáculos é a utilização de **escadas**. Podem-se utilizar dois tipos de escadas:

- **Escada Curta** (obstáculos de até um metro e meio): com a devida cobertura, um policial se posicionará firmando a escada lateralmente com as mãos. Uma das bases será calçada com o pé. Outro policial subirá a escada mantendo aguçada atenção e empunhadura da sua arma em condições de resposta.

- **Escada Longa** (obstáculos superiores a um metro e meio): com a escada posicionada, não esquecer da cobertura, o policial deverá firmá-la por baixo, segurando com as duas mãos na lateral, nunca no degrau. O policial subirá a escada usando uma das mãos, com a arma apontada para o objetivo ou para o local de maior risco. No caso de haver a necessidade de parar na subida, o policial poderá fazer o travamento com as pernas, possibilitando a utilização da empunhadura dupla.

Em uma Área de Risco, você deve ter grande atenção com as esquinas. Chamamos de esquinas ou cantos qualquer situação em que você não tem o controle visual devido à existência de uma parede ou porta, a primeira normalmente em 90 graus. Pode ser externa ou interna e, por ser estritamente perigosa, tem sido a causa de mortes e ferimentos de policiais. Pode ser vencida, com segurança, através da utilização de três técnicas:

TÉCNICAS DE VARREDURA

1) Tomada de Ângulo

Conhecido na literatura policial como “fatiar a torta”, a tomada de ângulo deve evitar a chamada “visão em túnel”, isto é, uma visão estreita, “com viseira”, visão em um único ponto. O estresse da ação faz com que o policial fixe sua atenção apenas em um ponto, o que pode ser fatal. A observação deve ser geral, em profundidade, perto, no alto, na linha dos olhos e abaixo. Aproxime-se do canto bem próximo à parede; ao chegar à esquina, sem expor o corpo, você deve adotar a posição de pronta resposta, movendo-se lateralmente sem cruzar os pés, de modo lento e gradual.

À medida que se desloca, vá procedendo à tomada do ângulo interno, fazendo a verificação do local. O sentido do deslocamento promove um arco. A arma pronta, o dedo fora do gatilho. Enquanto se move, você deve “esticar” sua cabeça em movimento rápido para o lado (olhada rápida), expondo o mínimo possível seu corpo.



Utilizando essa técnica, freqüentemente é possível ver o suspeito ou parte do corpo dele (braço, pé, ombro, roupa, etc.) antes de ser visto e sem expor seu próprio corpo.

A tomada de ângulo não deve ser feita muito distante da parede, pois havendo necessidade de proteção rápida, ela se constitui num abrigo para o policial. Localizando o suspeito, você poderá iniciar a verbalização mantendo-o sempre sob seu controle visual.

2) Olhada Rápida

Aproxime lenta e gradualmente da esquina. A arma deve estar na posição nº 1. Ao chegar ao canto/esquina, você deve se agachar, apoiando as mãos na parede.

Em uma pequena fração de segundos, exponha a cabeça, observe e retorne rapidamente à posição abrigada. A observação deve ser feita geral (em profundidade e próximo, acima, na linha dos olhos e no chão). Não se deve olhar duas vezes do mesmo ponto. Para a execução com segurança dessa técnica, é fundamental a devida cobertura de um outro policial.



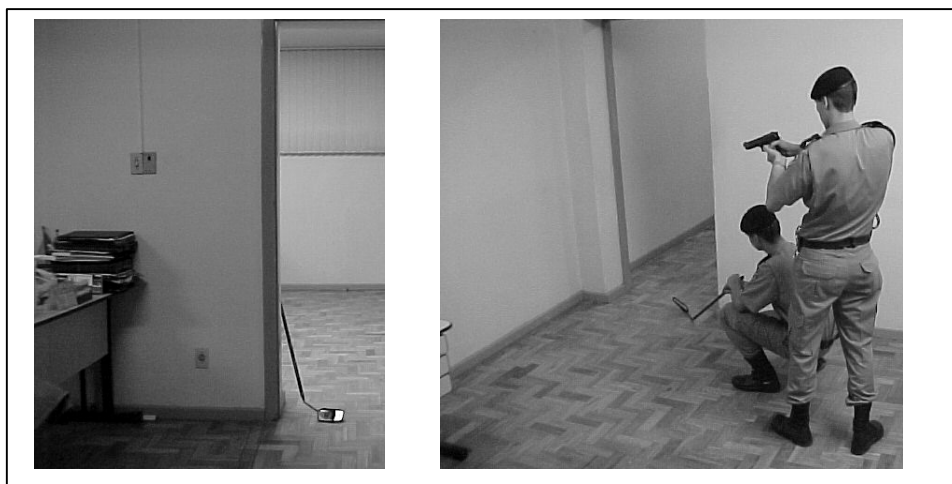
3) Uso do Espelho

Trata-se de uma técnica simples que, sendo utilizada corretamente, aumenta a segurança do policial, preservando-lhe a vida.

É conveniente que o espelho utilizado seja convexo, pois permite uma visão em um ângulo maior. Há espelhos pequenos, facilmente conduzidos, que permitem uma boa observação de esquinas. Uma equipe mais numerosa como uma guarnição tático-móvel pode conduzir um espelho maior, mas com as mesmas características. Para a correta utilização do espelho, deve-se proceder da seguinte maneira:

Ao aproximar-se do local a ser verificado, faça-o cautelosamente e devagar. Faça a varredura com o espelho de baixo para cima ou vice-versa, explorando pontos não previsíveis ao suspeito, observando todos os ângulos. Enquanto segura o espelho com a mão esquerda, a arma está na posição nº 1.

Enquanto você verifica o local, seu parceiro faz a segurança, dando-lhe cobertura com a arma na posição nº 3, pronta, e atento a qualquer movimentação.



Por motivos didáticos, apresentaram-se as três técnicas, isolando cada uma. O ideal, no entanto é dominar as três e utilizá-las ao mesmo tempo ou segundo a necessidade e conveniência. Enquanto faz tomada de ângulo, dê olhadas rápidas, movendo rapidamente a cabeça e voltando à posição protegida. Após fazer a varredura com o espelho, antes de entrar ou se expor, você pode conferir com uma olhada rápida ou tomada de ângulo. Tenha cuidado para não fixar a observação em apenas um ponto (visão em túnel). Para isso, é importante usar a conjugação de todas as técnicas.

DESLOCAMENTOS EM ÁREAS ABERTAS

Sempre que for possível, áreas abertas e grandes, como pátios, ruas muito largas e áreas entre edifícios devem ser evitadas. Caso necessário, o movimento deve ser orientado pelos seguintes princípios:

- a) planejar antes de iniciar;
- b) Cruzando uma área aberta onde há risco real ou potencial, faça-o com silhueta baixa e o mais rápido possível para diminuir o tempo de exposição;
- c) Movimento em diagonal ou em “zig-zag” devem ser evitados, pois aumentam o percurso e, conseqüentemente, o tempo de exposição;
- d) Após planejar o deslocamento, você deve transpor a área, em linha reta, ligeiramente abaixado, correndo o mais rápido possível;
- e) Em equipe, não se deve cruzar a área homem-a-homem, pois isso aumenta o risco e dá mais oportunidades a um atirador de acertar o segundo ou o terceiro policial que se mover;
- f) Uma segunda alternativa é mover todo o grupo, num deslocamento rápido, de um lado para o outro.

Ao passar por uma janela aberta ou fechada com vidros transparentes, o primeiro policial deve fazer a passagem realizando uma tomada de ângulo até chegar do outro lado da janela e, enquanto isto ocorre, o segundo policial deve ajudar na segurança; quando o primeiro policial fizer a passagem, esse mantém a segurança e o segundo policial passa abaixo do nível da janela.

ESCADAS

Escadas constituem-se em áreas de alto risco, onde são possíveis emboscadas de várias direções e onde existe grande dificuldade para defesa. Policiais têm uma inclinação natural para evitá-las (não somente pelos riscos, mas também pelo esforço!). Infelizmente, ao evitar escadas fazem uma opção pior, que é subir de elevador. Os elevadores confinam os policiais imobilizando-os, não permitindo, em sua maioria, a visão externa e anunciando a chegada com sinais sonoros e luminosos.

Em edifícios baixos, os policiais devem travar os elevadores no primeiro piso, controlá-los com algum policial em cobertura e, então, iniciar a subida pelas escadas.

Em edifícios altos, suba de elevador até um ou dois andares abaixo da Área-Problema; trave os elevadores e, então, inicie a subida. É imprescindível que, antes de sair do elevador, os policiais estejam prontos para se defenderem, protegidos e com as armas prontas para responder fogo, se necessário. Certifique-se de que pode sair em segurança e ainda qual a localização das escadas.

As cautelas referentes à segurança no deslocamento devem ser intensificadas na escada, desde a aproximação, com definição prévia dos Pontos de Foco para cada policial.

Há uma tendência natural para subir agrupados costa-a-costa ou ombro-a-ombro, pois isso gera uma sensação (falsa) de segurança. Policiais não devem subir escadas ou entrar em quaisquer locais agrupados, pois isso proporciona um alvo maior, aumenta a possibilidade de um “tiro de enfiada” e reduz a capacidade de reação pela tendência de tropeçar, um cair sobre o outro, ou pior, um atirar no outro.

Como as ameaças podem vir de vários lugares (de baixo, de cima e dos lados), os policiais devem combinar Áreas de Responsabilidade, comunicando-se por gestos e iniciar a subida. Devem procurar vencer um obstáculo de cada vez. O primeiro a ser vencido é a aproximação da própria escada. Se o efetivo permitir, depois de vencido o acesso à escada, deve ser deixado ali um policial para cobertura, de modo que não haja

risco de ataque pela retaguarda. Um policial sempre deverá estar abrigado (“barricado”), enquanto o outro se desloca. Aquele que se movimenta deve estar ciente de que nem todos os ângulos estarão cobertos pelo seu parceiro, devendo procurar então a posição que lhe confira o melhor ângulo para controle da situação.

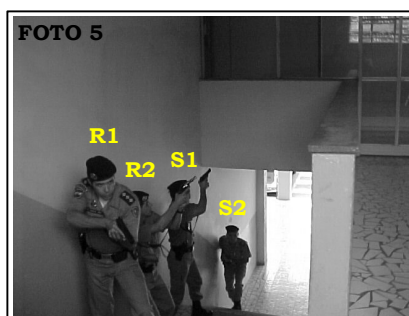
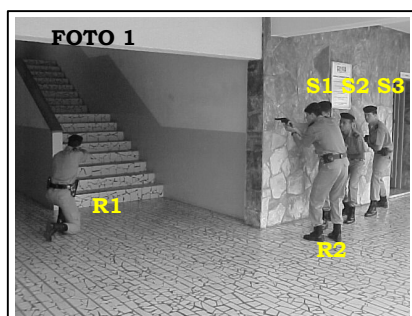
Um erro comum é uma excessiva preocupação com os pés. Não olhe para os seus pés, identifique áreas de potencial ameaça e caminhe para elas para “limpá-las”; utilize olhada rápida, tomada de ângulo ou espelho, um deles ou os três, se necessário.

O policial em cobertura deve permanecer abrigado, cobrindo áreas que seu parceiro não cobre, estando pronto para protegê-lo ou responder fogo.

Enquanto progredem, devem fazê-lo com os joelhos flexionados, pois isso abaixa o centro de gravidade, aumentando o equilíbrio e reduz o tamanho da silhueta.

Os policiais devem estar atentos, pois um patamar facilmente oculta um suspeito, um ângulo ou um canto da mesma maneira. Seja paciente, vença um obstáculo de cada vez. O policial que faz a cobertura não pode tirar os olhos de sua Área de Responsabilidade e, ao mesmo tempo, não pode perder seu parceiro de vista.

Descer escadas pode ser mais difícil e arriscado do que subir. Avalie todas as alternativas antes de fazê-lo. Se possível, acenda as luzes para ter controle (não fique próximo do interruptor após acendê-la).



PROGRESSÕES EM CORREDORES

Corredores não são apenas um caminho para chegar a algum lugar! Por si só eles constituem-se em um local para busca. São consideradas áreas de elevado risco e são chamados de funil do perigo. Podem ser usados para dois fins:

a) Para se chegar a algum lugar;

b) Para posicionar-se nele quando vamos realizar uma entrada em um quarto. Nos dois casos, o corredor é uma área de risco.

Você deve aproximar-se e entrar em corredores com cautela. Antes de entrar, deve parar e ouvir. Em seguida, deve dar uma “olhada rápida” (por baixo). Havendo necessidade de olhar novamente, não olhar do mesmo local (olhe por cima). Uma tomada de ângulo é feita facilmente quando você recua para a parede oposta e observa enquanto se afasta (recuar para a parede de trás não é cruzar o corredor). Enquanto um policial realiza um procedimento, o outro dá cobertura.

Localizado um suspeito, controle o forte impulso para ir ao encontro dele! Abrigue-se imediatamente e, estando protegido, verbalize com ele para controlá-lo.

Não é necessário ver inteiramente a pessoa para saber que ele está lá! Um tufo de cabelos, os pés (ou parte dele), parte da roupa avistada já são suficiente para saber que há uma pessoa no local. Verbalize e esteja pronto para se defender. Lembre-se, é claro, de que uma roupa pendurada pode ser posta em algum lugar para confundir você.

Considere também a possibilidade de utilizar espelhos para observação e a utilização de escudos balísticos e, decidindo entrar, um policial entra de cada vez! Um se movimenta e outro cobre. Ao se deslocarem, devem fazê-lo em lados opostos do corredor, pois isso aumenta a possibilidade da defesa e enquanto um está em movimento o outro está abrigado (barricado), exceto se estiverem com escudo balístico, sendo que nesta situação podem se deslocar em coluna, aproveitando a proteção do escudo.

Se os policiais estão apenas passando pelo corredor, não é prático, nem necessário, checar todas as salas ou todas as maçanetas, deve-se ter atenção para portas abertas ou entreabertas.

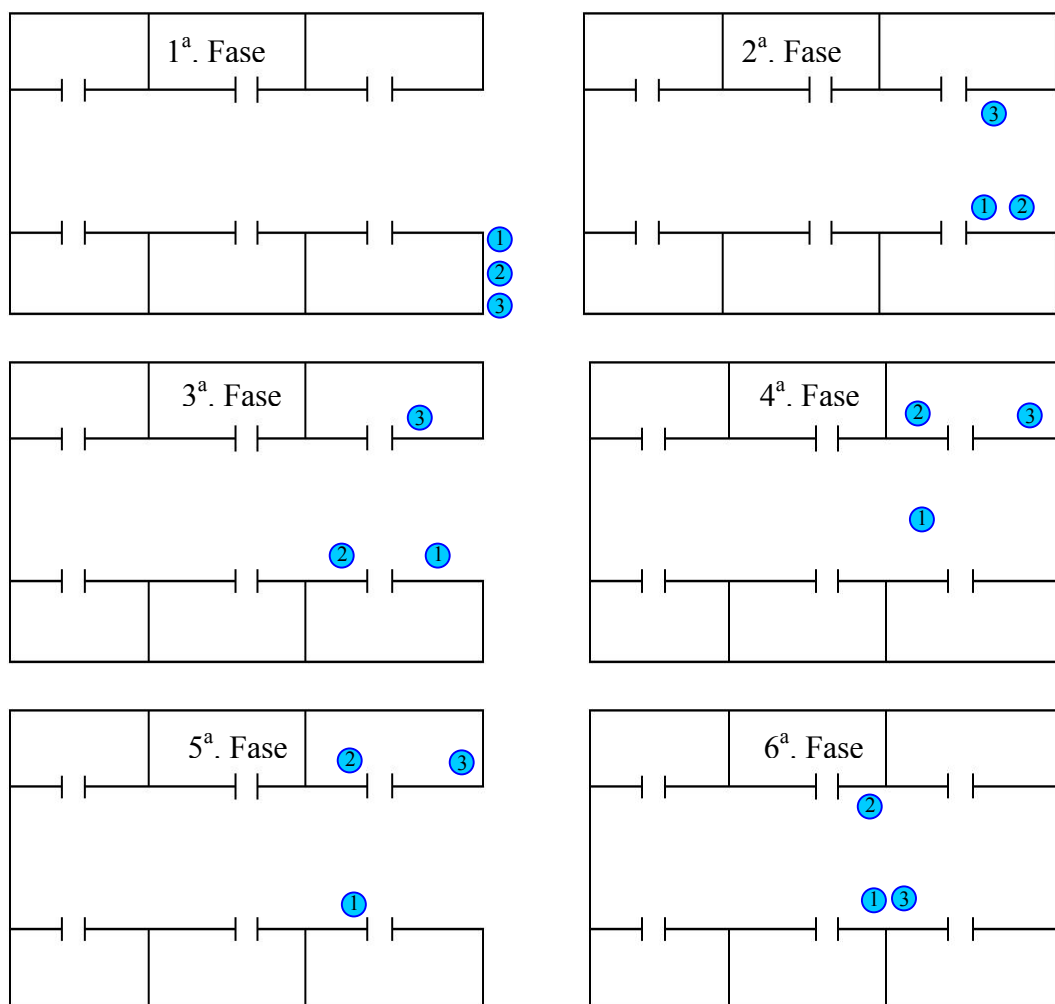
Se houver efetivo, pode-se deixar um policial cobrindo a retaguarda. Se você está apenas de passagem, considere a opção de uma rápida corrida.

Se for necessário permanecer no corredor, as portas que se abrem para fora podem ser bloqueadas com cunhas, podem ser amarradas (todas as maçanetas) ou utilizar um sistema precário de alarme (encostar alguma coisa nelas – cabo de vassoura, por exemplo). Os policiais devem estar vigilantes, para conseguirem ouvir uma porta sendo aberta. Um suspeito agressivo ao abrir a porta irá gastar tempo para abri-la, localizar o policial e atirar. Este tempo é suficiente para que vocês se abriguem e se preparem para atirar, se for o caso.

Deve-se planejar uma rota segura de fuga, um quarto, um elevador ou qualquer lugar seguro onde os policiais possam se reagruparem sem se preocupar em se defenderem (retorno à Área de segurança mais próxima).

Há dois tipos mais comuns de corredores encontrados nas edificações: corredores com portas paralelas (uma de frente para a outra) e corredores com portas alternadas. Estamos estudando as situações de corredores com portas.

PORTAS PARALELAS

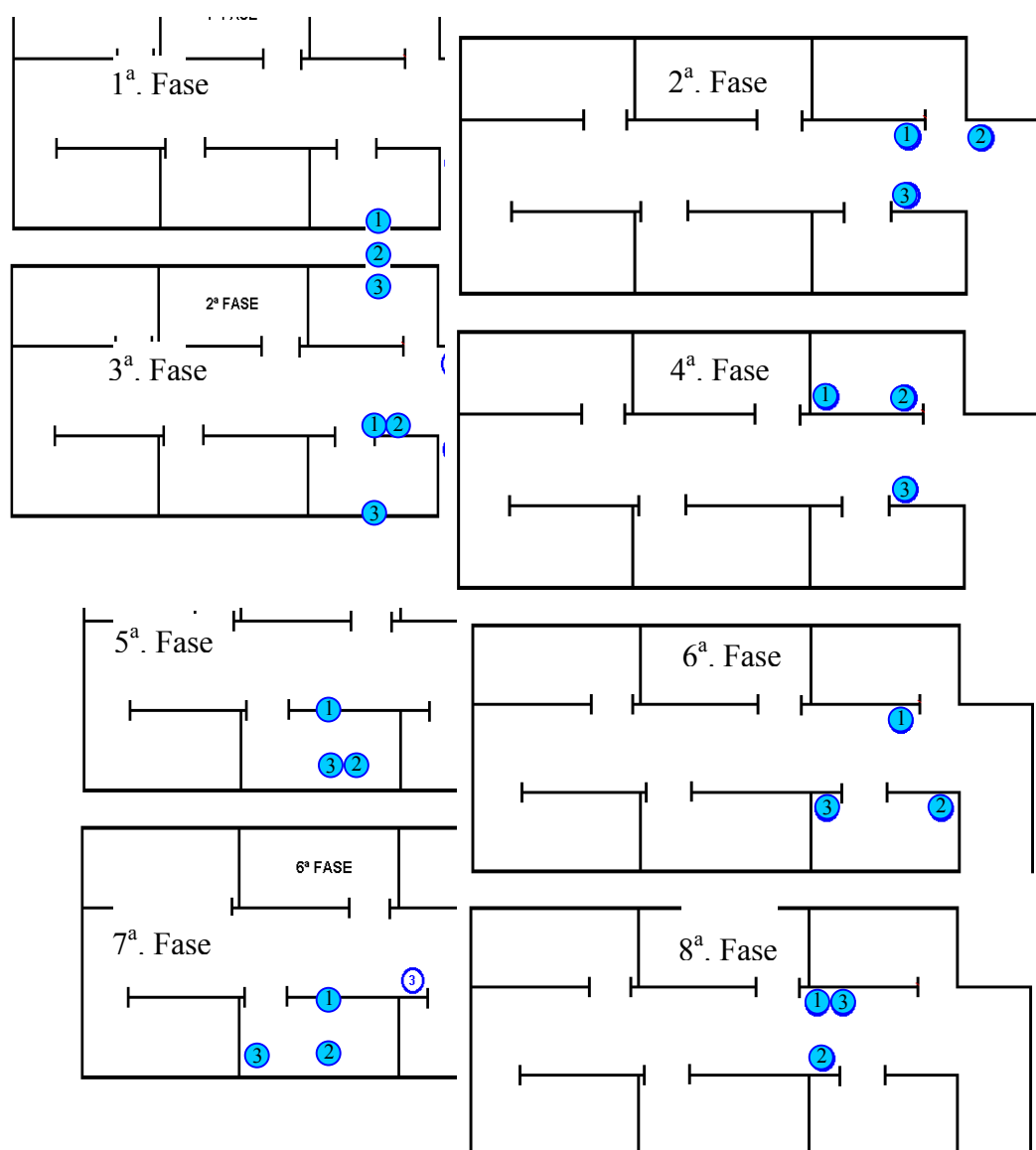


Os policiais N.º 1, 2 e 3 deslocam-se em um dos lados do corredor. O N.º 1 procederá à varredura da porta da frente com a cobertura do N.º 2. O N.º 3 será o responsável pela porta do lado contrário, até que se inicie a entrada pelo N.º 1 e N.º 2. Após esta entrada, o N.º 3 procederá à segurança do fundo do corredor, assumindo também a segurança de toda região periférica.

Para a entrada no segundo ambiente, o N.º 3 será o primeiro a entrar, seguido do N.º 2, e o N.º 1, último a sair do primeiro ambiente, será o responsável pela segurança periférica.

Procedida à varredura do segundo ambiente, os policiais deslocar-se-ão até a próxima porta, onde repetirão o mesmo procedimento do início da abordagem e assim sucessivamente. Ao varrerem o último ambiente, o policial responsável pela segurança deverá atentar para o início do corredor, uma vez que a varredura frontal foi concluída.

PORTAS ALTERNADAS



Os policiais deslocam-se até o início do corredor e procedem as técnicas de varredura.

O N.º 1 e o N.º 2 cruzam o corredor e entram no primeiro ambiente, enquanto o N.º 3 posiciona-se na entrada do ambiente (se possível), procedendo à segurança.

O N.º 3 que se encontra já posicionado, juntamente com o N.º 2 e entrará no próximo ambiente, enquanto que o N.º 1 faz a segurança.

Permanecendo alternadas as portas no corredor, o movimento será o mesmo. Sempre o último policial permanecerá na segurança do grupo e posteriormente será o primeiro a entrar no próximo ambiente. Ao

varrerem o último ambiente, o policial responsável pela segurança, deverá atentar para o início do corredor, uma vez que a varredura frontal foi concluída.

ABERTURA DE PORTAS

As portas constituem-se em um desafio e em um local de alto risco, pois não oferecem proteção contra tiros. Por essa razão, não fique atrás de portas. Elas são conhecidas como “cone de perigo”. Policiais não devem parar em vãos de porta. Esteja atento se posicionado ao longo da parede, de um modo que permita visão imediata quando a porta se abre. Um suspeito agressivo escondido ao longo da parede pode vê-lo e alvejá-lo, mesmo por uma pequena fresta.

Antes de qualquer movimento, você deve examinar o quarto, utilizando Espelho, Olhada Rápida e Tomada de Ângulo. O espelho permite examinar os lados internos da parede em que você está e, adicionalmente, a parte superior. A Olhada Rápida permite a observação do interior da sala em complementação ao espelho. A Tomada de Ângulo permite observações de todo o ambiente interno e ao mesmo tempo, mantém a arma pronta, favorecendo o controle.

Para passar em frente a portas abertas, utilize a tomada de ângulo. Mesmo procedimento para passar por uma janela aberta, contudo, a passagem do segundo policial será na posição tática.

Abrir portas é um risco que pode ser reduzido com um adequado trabalho em equipe.

a) Abrindo para dentro:

Os dois policiais se posicionam um de cada lado da porta. O policial que está do lado da maçaneta a destranca e desloca-se para um abrigo. Caso não tenha, permanece onde está, protegido pela parede. O policial que está do lado das dobradiças, após um sinal do outro policial, empurra a porta para dentro até o seu final.

b) Abrindo para fora:

Os dois policiais se posicionam um de cada lado da porta. O policial que está do lado da maçaneta a destranca e desloca-se para um abrigo. Caso não tenha, permanece onde está protegido pela parede. O policial que está do lado da dobradiça, após um sinal do outro policial, puxa a porta em sua direção, pela maçaneta, abrindo-a toda.

Este tipo de abertura também serve para abertura de armários, guarda-roupas, etc.

ABERTURA DE JANELAS

Utilizam-se as mesmas técnicas para abertura de portas, contudo, havendo a disponibilidade de mais um policial, esse poderá ser utilizado, uma vez que as janelas têm abertura a partir do centro, abrindo simultaneamente uma parte para o lado direito e outra para o lado esquerdo.

ARROMBAMENTOS

Tendo que abrir uma porta ou uma janela e se estas estiverem trancadas, e obedecendo às técnicas já mencionadas quanto ao lado de abertura, poderemos utilizar os seguintes recursos:

- Marreta;

- Alicates de corte a frio;
- Pé-de-cabra, dentre outros.

AMBIENTES DE BAIXA LUMINOSIDADE

Imagine você, “policial”, adentrando em uma residência, com a informação da possível presença de infratores armados no local. Após tomar todas as medidas para a abordagem, chega o momento de você entrar de olhos fechados. Parece absurda tal situação, contudo, esta possibilidade pode ocorrer nas abordagens policiais, em situações de baixa luminosidade sem o uso de meios auxiliares (Lanternas, Visor Noturno, Etc...). Guardadas as devidas proporções a dificuldade é praticamente a mesma, pois teremos que tatear as paredes, procurando não cair no chão e nem tropeçar em algum objeto. Qualquer barulho, por menor que seja, irá chamar nossa atenção, muitas vezes para um direção errada, tudo isto com atenção voltada para a possível presença de um suspeito.

No passado, este assunto era chamado de “Abordagem Noturna,” o que não é mais adequado. Embora a falta de luminosidade seja sentida mais à noite, muitos ambientes, durante o dia, carecem de boa iluminação (porões, tubulações, etc...), por isso a nomenclatura atual.

O olho humano, ao contrário de outros animais, não trabalha bem em ambientes de baixa luminosidade. Em locais de boa iluminação, a pupila se contrai, diminuindo a captação de luz. Já em locais de baixa luminosidade, a pupila se dilata e permite uma maior captação de luminosidade. Por isto é necessário que o policial aguarde alguns minutos antes de iniciar a progressão, ao passar de um ambiente iluminado para um de baixa luminosidade.

A utilização de meios auxiliares é importante, porém, cabe ao policial um conhecimento mínimo do recurso a ser utilizado. Visores noturnos, além de caros, restringem a movimentação, a visão periférica e a capacidade de visada do policial. Os apontadores laser ajudam na pontaria, entretanto, são ineficazes para a iluminação do caminho a ser percorrido e na identificação da ação do suspeito. A mesma situação incorre as miras luminosas, que auxiliam somente na visada, especialmente para armas curtas.

A lanterna continua sendo o recurso mais eficaz para as atuações em locais de baixa luminosidade, possuindo cinco utilidades:

- Iluminar o local a ser abordado;
- Identificação de pessoas;
- Auxiliar na pontaria;
- Como recurso de incapacitação temporária através do ofuscamento da visão do suspeito;
- Sinalização.

Embora existam diversos modelos de lanternas, as lanternas táticas são as mais recomendadas para as atividades policiais, pois são muito potentes – até 300 lumens (1 lúmen = 1 vela acesa) – e de fácil acionamento. As individuais geralmente são acionadas por trás, e, naquelas acopladas ao armamento, os acionadores são fixos na coronha.

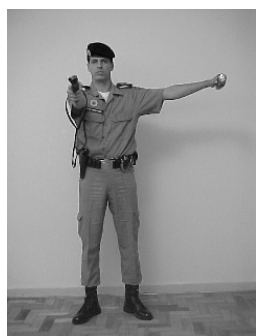
Quanto às técnicas de emprego da lanterna, as atuais levam em conta o conceito tático “terceiro olho”, onde o cano da arma acompanha a direção em que estamos olhando. Neste caso, a lanterna passa a ser o “quarto olho”. Para o lado que estiver olhando, estará apontada minha arma e minha lanterna.

Podemos destacar as seguintes técnicas:

- **Posição 1** (costas da mão com costas da mão). Consiste em posicionar o braço que segura a arma estendido, enquanto o outro, em cuja mão está lanterna, se mantém semiflexionado. As costas das mãos se apóiam, uma na outra, procurando dar estabilidade ao conjunto. Esta posição não é muito firme, principalmente quando disparamos a arma, devemos refazê-la a cada tiro. É mais apropriada para lanternas de grande comprimento, e pode ocorrer ainda da lanterna não ficar devidamente alinhada com o cano da arma.



- **Posição 2** (mãos paralelas). Consiste em segurar a lanterna com o braço estendido e o polegar em sua parte superior, apontado para frente, torcendo-se levemente o pulso. Encosta-se a lanterna na outra mão que segura a arma, com o outro braço também estendido, tomando-se cuidado de alinhar a lanterna com o cano da arma. É a posição mais fácil de realizar, mesmo sob forte “stress”.



- **Posição 3** (mãos separadas). Consiste em segurar a arma com uma das mãos (empunhadura simples), enquanto a outra mão (mais fraca) segura a lanterna, com o braço estendido ao longo do corpo, paralelo ao solo. É mais apropriada para lanternas de grande comprimento. Em caso de utilização da arma de fogo, a posição não é muito firme e a qualidade de tiro deve ser observada, devido a empunhadura ser simples.



Independentemente do método, é conveniente que a lanterna não fique acesa o tempo inteiro, pois através da luz sua posição é denunciada e o suspeito poderá direcionar sua reação para esse local. O mesmo não se aplica obviamente ao momento do disparo, quando a lanterna deverá estar acesa.

PARTE II - EMPREGO DA FORÇA

CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO

Observação: O estudo deste capítulo deve ser precedido da leitura dos “Princípios Fundamentais” contidos no Capítulo I da Parte I.

Na maioria dos Países, Estados e organizações sociais, como é o nosso caso especificamente, as forças policiais recebem poderes discricionários para captura, detenção e **uso da força**, podendo exercê-los em qualquer situação de aplicação da lei para alcançar os objetivos legítimos, de forma a cumprir eficazmente suas funções e deveres. Pretende-se que a autorização legal para o uso da força seja inserida na legislação nacional, definindo as circunstâncias sob as quais a força pode ser empregada, assim como os meios que podem ser utilizados em cada situação particular de uso da força.

Como nos mostra o dia-a-dia da atuação policial, nem toda intervenção pode ser resolvida de modo passivo e com uso da verbalização, da negociação, da mediação e da persuasão. Dessa forma, os policiais devem estar treinados e preparados para a **excepcionalidade**, ou seja, usar a força a fim de exercer o controle do suspeito, nas circunstâncias em que se fizer necessário.

Um número razoável de suspeitos resiste à abordagem, pelo menos verbalmente. Por essa razão, para manter o seu controle, você deverá ter um nível de preparo profissional adequado para elevar sua confiança nas diversas situações da atuação policial.

Cabe ao policial, através de seu conhecimento profissional, realizar uma avaliação individual de cada ocorrência quanto à utilização da força, sendo importante lembrar que, somente recorrerá a esse meio quando todos os outros tenham falhado.

É importante ressaltar o aspecto da moderação e progressividade no uso da força, que deverá estar de acordo com a ação de submissão do suspeito e também com o **objetivo legítimo** a ser alcançado, pois somente será permitido aos policiais empregarem o nível de força necessário, desde que para alcançar um objetivo legítimo. O policial pode chegar à conclusão de que as implicações negativas do uso da força em uma determinada situação não são equiparadas à importância do objetivo legítimo a ser alcançado, recomendando-se, neste caso, que os policiais se abstenham de prosseguir.

O Policial deve estar comprometido com um alto padrão de disciplina e profissionalismo, reconhecendo a importância e a delicadeza do trabalho a ser realizado e principalmente alinhar as questões de natureza ética com o uso da força, pois, nesse aspecto, a participação positiva de cada policial terá uma forte relação com a imagem e percepção da organização policial como um todo.

Força é toda intervenção compulsória sobre o indivíduo ou grupos de indivíduos, reduzindo ou eliminando sua capacidade de autodecisão.

Nível do Uso da Força é entendido desde a simples presença policial em uma intervenção até a utilização da arma de fogo, em seu uso extremo (uso letal).

Ética é o conjunto de princípios morais ou valores que governam a conduta de um indivíduo ou de membros de uma mesma profissão.

PRINCÍPIOS BÁSICOS DO USO DA FORÇA

Os Princípios Básicos sobre o Uso da Força e Armas de fogo foram adotados no Oitavo Congresso das Nações Unidas sobre a Prevenção do Crime e o Tratamento dos Infratores, realizado em Havana, Cuba, de 27 de agosto a 7 de setembro de 1990. Apesar de não ser um tratado, o instrumento tem como objetivo proporcionar normas orientadoras aos Estados-membros, sendo o Brasil um deles, na tarefa de assegurar e promover o papel adequado dos policiais na aplicação da lei.

Como já vimos, não nos resta a menor dúvida quanto à importância e complexidade do trabalho dos policiais, onde destacamos seu papel de vital importância na proteção da vida, liberdade e segurança de todas as pessoas. Acrescenta-se que ênfase especial deve ser dada à qualificação, treinamento e conduta desses policiais, tendo em vista seu contato direto com a sociedade quando das suas intervenções operacionais.

As organizações policiais recebem uma série de meios legais que as capacitam a cumprir seus deveres de aplicação da lei e preservação da ordem. Sem este e outros poderes, tal como aquele de privar as pessoas de sua liberdade, não seria possível à polícia desempenhar sua missão constitucional.

Enfatizaremos novamente que o uso da força deve ser excepcional e nunca ultrapassar o nível razoavelmente necessário para se atingir os objetivos legítimos de aplicação da lei. Neste sentido, entende-se que o uso da arma de fogo é uma medida máxima e colocada em prática tão somente quando outros meios menos extremos se revelem insuficientes para se atingir os objetivos legítimos, cabendo lembrar ainda que o uso letal, intencional, destas armas, só poderá ser feito quando estritamente necessário para **proteção da vida**.

As organizações policiais devem equipar seus integrantes com vários tipos de armas e munições, permitindo um uso diferenciado da força, procurando ainda disponibilizar armas incapacitantes não letais e equipamentos de autodefesa que possam diminuir a necessidade do uso de armas de fogo de qualquer espécie.

Antes de fazer o uso da força em uma intervenção policial, responda aos seguintes questionamentos:

- O emprego da força é legal?

Neste primeiro questionamento, o policial deve buscar amparar legalmente sua ação, devendo ter conhecimento da lei e estar preparado tecnicamente, através da sua formação e do treinamento recebidos. Cabe ressaltar que vários são os casos em que ocorrem ações legítimas decorrentes de atos ilegais. Como exemplo, podemos citar o caso do policial que durante uma abordagem tenta conseguir uma “confissão” do suspeito, à força, e em virtude disto este policial é desacatado. A prisão por desacato é uma ação legítima, contudo, ela ocorreu em virtude de um ato ilegal, portanto o uso da força pela polícia é questionável posto ela própria provocou a situação.

- A aplicação da força é necessária?

Para responder, o policial precisa identificar o objetivo a ser atingido. A ação atende aos limites considerados mínimos para que se torne justa e legal sua intervenção. Este questionamento ainda sugere verificar se todas as opções estão sendo consideradas e se existem outros meios menos danosos para se atingir o objetivo desejado.

- O nível de força a ser utilizado é proporcional ao nível de resistência oferecida?

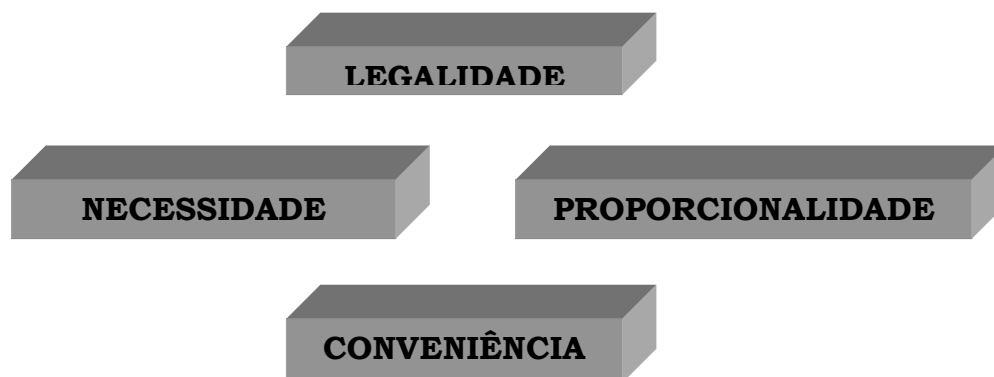
Está se verificando a proporcionalidade do uso da força, e caso não haja, estará caracterizado o abuso de poder. Como exemplo podemos citar a ilegitimidade da ação policial quando esse não sabe a hora de parar, ou seja, o suspeito já se encontra dominado e ainda assim é submetido ao uso da força que naquele momento passará a ser considerada desproporcional.

- O uso da força é conveniente?

O aspecto referente à conveniência do uso da força diz respeito ao momento e ao local da intervenção policial. Por exemplo, não seria conveniente reagir a uma agressão por arma de fogo, se você estivesse em um local de grande movimentação de pessoas, tendo em vista o risco que sua reação ocasionaria naquela circunstância, ainda que fosse legal, proporcional e necessário.

Como último questionamento, verifica-se a força a ser empregada será por motivos sádicos ou maléficos, dotados de questões discriminatórias. Preocupa-se em verificar ainda a boa fé do policial e sua adequação aos princípios éticos do serviço policial.

Sendo assim, temos como princípios essenciais para o uso da força:



Conforme previsto nos “Princípios Básicos para Uso de Força e Armas de Fogo”, o policial **NÃO** deve **USAR** arma de fogo exceto:

- a) Em caso de legítima defesa ou defesa de outra pessoa nos casos de ameaça iminente de morte ou ferimento grave;
- b) Para impedir que se cometa crime particularmente grave que envolva séria ameaça à vida;
- d) Efetuar prisão ou impedir a fuga de alguém que represente tal risco e resista à autoridade.

OBSERVAÇÃO: Os casos citados acima dizem respeito à utilização das armas de fogo por policiais, contudo, sem dispará-las com fins letais (sacar, apontar, disparos de proteção, fixação pelo fogo para evacuação)

PARA FAZER O USO DA ARMA DE FOGO VOCÊ DEVERÁ:

Identificar-se como policial

E

Avisar prévia e claramente sua intenção de usar armas de fogo, com tempo suficiente para que o aviso seja levado em consideração.

A NÃO SER QUE

Tal procedimento represente risco indevido para os policiais. Ou acarrete risco de dano grave ou morte para terceiros

OU

Seja claramente inadequado ou inútil dada as circunstâncias da ocorrência.

Ao disparar sua arma de fogo durante uma intervenção operacional, o policial deve recordar-se:

⇒ Verificar se as características técnicas de alcance do armamento e munições utilizados enquadram-se nos padrões adequados à situação real em que o tiro está sendo realizado.

⇒ Identificar-se como POLÍCIA de forma clara e inequívoca, advertindo o agressor sobre sua intenção de disparar.

COMANDO VERBAL:

- “POLÍCIA!”
- Solte sua arma!
- Se reagir vou disparar!”

É preciso ainda considerar o tempo necessário ao acatamento do comando de forma que seja dada ao agressor a oportunidade de desistir do seu intento criminoso e render-se.

Essas providências são obrigatórias, desde que, devido às circunstâncias reais do caso, não afetem a segurança imediata dos policiais ou de outros envolvidos. O policial insiste na ordem de forma firme e imperativa buscando estar sempre protegido e mantendo o controle visual sobre o agressor.

⇒ Não disparar sua arma de fogo quando o cidadão infrator (agressor) simplesmente deixou de atacar a polícia, ou retruca, ou pondera a ordem, ou ainda, quando este tentar empreender fuga.

⇒ Prestar imediato socorro médico à pessoa ferida. Procurar minimizar os efeitos lesivos dos disparos.

⇒ Informar a família e as instituições encarregadas de tutelar os Direitos Humanos sobre o estado de saúde da pessoa ferida e onde ela será socorrida. A transparência na ação policial consolida a credibilidade e legitimação quando se torna necessário o emprego da força.

⇒ Relatar detalhadamente o fato ocorrido, registrando as providências adotadas antes e após o uso da arma de fogo, mencionando a quantidade de disparos, as armas que atiraram e seus detentores.

Os dirigentes nos diversos níveis e a instituição policial de forma geral deverão empenhar em prestar assistência psicológica e jurídica aos servidores que tenham se envolvido em uso letal de arma de fogo. O policial não pode vulgarizar os disparos de arma durante o serviço operacional, invertendo a premissa de que somente deve atirar como último recurso. De igual maneira, ele deverá contar com o amparo institucional, dando-lhe segurança e confiabilidade para que não se intimide diante do confronto operacional sempre que agir dentro dos parâmetros profissionais preconizados.

O treinamento deve guardar semelhança com as situações vivenciadas na atividade de proteção da sociedade e ser mais prático do que estático, devendo ainda ser contínuo e metucioso, colocando os policiais aptos ao desempenho de suas funções.

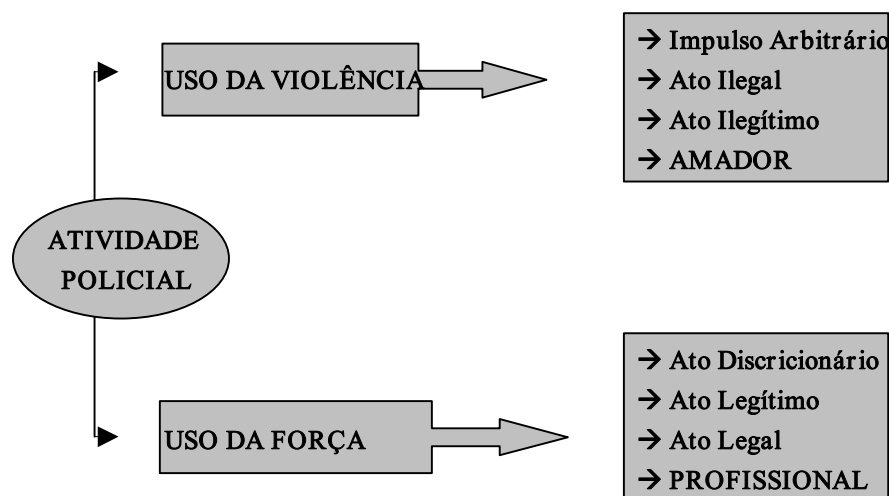
As técnicas e táticas vivenciadas no treinamento são os instrumentos que você tem para utilizar e fazer a diferença para tornar o confronto desigual a seu favor, ajudando-o a solucionar os mais diversos tipos de intervenções policiais. Assim, você deve dominar técnicas que lhe proporcionem o máximo de controle, com o mínimo de esforço e dentro de uma estrutura tática e legal que se ajustem (taticamente aplicável e legalmente aceita).

É importante salientar as questões de natureza ética, que juntamente com os princípios de direitos humanos, devem ser parte importante no treinamento, sendo que esta qualificação deve preparar os policiais também para o uso de alternativas de força, incluindo a solução pacífica de conflitos, compreensão do comportamento de multidões e métodos de persuasão, que podem reduzir consideravelmente a possibilidade de confronto.

Sobre utilização de arma de fogo, os policiais precisam estar devidamente treinados para tal mister, devendo ainda, estarem orientados sob o ponto de vista emocional, a cerca do estresse que envolve situações dessa natureza. O treinamento deve conter ainda aspectos relacionados aos fatos ocorridos no cotidiano policial, aspectos estes que servem como exemplos quando da realização dessa atividade, facilitando o trabalho dos policiais em novas intervenções de natureza semelhante.

O uso arbitrário da força pelos policiais constitui violações do Direito Penal. Também constituem violações dos Direitos Humanos, cometidas justamente por aqueles (os policiais), que são os responsáveis por manter e preservar esses mesmos direitos. O abuso da força pode ser visto como uma violação da dignidade e integridade humana, tanto dos policiais envolvidos como dos próprios suspeitos ou infratores (alvos da intervenção), que agora passam a assumir a condição de vítimas. No entanto, não importa como as violações

sejam vistas, elas prejudicarão de fato o sensível relacionamento entre a organização policial e toda a comunidade a que estiver servindo, sendo capazes de causar "ferimentos" que levarão muito tempo para "cicatrizarem". É por todas as razões expostas acima que o abuso não pode e não deve ser tolerado.



Devemos ter em mente que, quando uma organização policial recorre a violações da lei para aplicá-la ou manter a ordem pública, perde sua credibilidade e sua autoridade. Não sobrá mais nada, a não ser o uniforme que vestem, para distinguir os policiais dos infratores que eles perseguem.

Quando a própria polícia descumpra a lei em nome de fazer cumprir esta mesma lei, NÃO está reduzindo a criminalidade. Está se somando a ela!!

Um policial que exceda no uso da força ou que seja corrupto, pode fazer com que a organização inteira seja denominada violenta ou corrupta, porque o ato individual será visto como ato da Corporação. A polícia é o órgão encarregado de proteger a segurança da sociedade e nesse sentido exige-se um grau de confiança muito grande entre a Organização Policial e a Comunidade como um todo.

Cabe deixar bem claro que a responsabilidade recairá tanto sobre os policiais envolvidos em um incidente particular com o uso indevido da força, quanto sobre seus superiores, pois, os chefes têm o dever de zelar pela boa atuação dos policiais sob seu comando, sem que isso retire a responsabilidade individual de cada policial por suas ações.

Deverão ser responsabilizados aqueles policiais que tendo o conhecimento de que outros sob o seu comando estão, ou tenham estado, recorrendo ao uso ilegítimo de força e também aqueles que não tenham tomado todas as providências a seu alcance a fim de impedir, reprimir ou comunicar tal abuso.

Não serão responsabilizados, no entanto, aqueles que se recusarem a cumprir uma ordem ilegal para usar força ou armas de fogo ou comunicarem tal uso ilegal realizado por outros policiais. Obediência a ordens superiores não será nenhuma justificativa quando os policiais souberem que o uso da força era ilegal e tiverem oportunidade razoável para se recusarem a cumpri-la. **Nessas situações, a responsabilidade caberá também ao superior que tenha dado as ordens ilegais.**

Justifica-se a conclusão de que o uso da arma de fogo seja visto como o último recurso. Os riscos no uso da arma de fogo em termos de danos, ferimentos (graves) ou morte, assim como de não apresentar nenhuma opção real após seu uso, transforma-a na última barreira na avaliação dos riscos de uma situação a ser resolvida.

Pois que outros meios os policiais empregarão se o uso da arma de fogo deixa de assegurar que os objetivos da aplicação de lei sejam realmente atingidos?

É necessário distinguir claramente sob o enfoque prático as diferenças existentes entre os disparos de armas de fogo efetuados pelos policiais em resposta aos tiros contra eles realizados pelos infratores.

CATEGORIA	OBJETIVOS	LOCAL DE ATUAÇÃO	PREOCUPAÇÃO COM TERCEIROS
POLICIAIS	Defender a vida das pessoas. SERVIR E PROTEGER	Junto à Sociedade	TOTAL: qualquer pessoa do público atingida ou ferida é extremamente grave e comprometedor.
CIDADÃOS INFRATORES	Delinquir	Junto à Sociedade	NENHUMA: o público atingido facilita a fuga, pois ocupará a Polícia com socorrimento.

As implicações do uso (letal) de armas de fogo podem ser, é claro, limitada nos termos legais. No entanto, é bom que as conseqüências pessoais para os policiais envolvidos sejam destacadas. Embora existam regras gerais de como os seres humanos reagem a acontecimentos estressantes, a reação específica de cada pessoa depende, em primeiro lugar, da própria pessoa, sendo após, ditada pelas circunstâncias particulares e únicas do acontecimento. O fato de que haja aconselhamento psicológico disponível ao policial quando do acontecimento não elimina a profunda experiência emocional que esse policial sofre em conseqüência dos disparos de armas de fogo por ele realizados, mas deve ser visto como a aceitação da gravidade do incidente. É preciso evitar a vulgarização operacional de ações desta natureza.

O abuso não deve ser tolerado. A atenção deve estar voltada para a prevenção desses atos, mediante formação e treinamento regular apropriado e procedimentos de avaliação e supervisão adequados. Sempre que existir uma situação de abuso legado ou suspeitado, deve haver uma investigação imediata, imparcial e total. Os responsáveis devem ser punidos. As vítimas devem receber atenção adequada de acordo com suas necessidades especiais durante toda a investigação. Para que se possa restaurar com sucesso a confiança da sociedade pelo relacionamento abalado, deverá haver um esforço genuíno por parte da organização policial.

Nos casos de morte, ferimento grave ou conseqüências sérias, um relatório pormenorizado deve ser prontamente enviado às autoridades competentes responsáveis pelo controle e avaliação administrativa e judicial.

TIRO INTIMIDATIVO

O policial no desempenho de suas atividades de polícia ostensiva e preservação da ordem pública pode e deve fazer uso da força, sempre que necessário, sem excesso ou arbitrariedade. Examinando sob esse ângulo, quando um policial DISPARA sua arma como recurso operacional simplesmente para intimidar ou advertir o infrator acaba causando na sociedade sensação de medo e insegurança. Tal atitude relaciona-se com policiais de pouca capacidade técnica e contraria a essência do serviço policial, pois a insegurança, neste caso,

parte justamente daqueles que têm o dever de proteger. A arma do policial que seria instrumento de segurança para a população passa a representar mais um risco para ela própria.

Verifica-se a prática de disparos intimidativos efetuados por policiais despreparados que, trabalhando de forma amadora, provocam situações de alto risco para a sociedade cujas conseqüências veremos a seguir a título de exemplos instrutivos:

➤ Durante uma operação de blitz em uma rua da região central da cidade, o policial determinou que um motoqueiro parasse; contudo, o condutor, inabilitado, nervoso por estar com a moto emprestada de um amigo, tentou fugir. Momento em que o policial saca sua arma, grita para que ele pare e efetua um disparo intimidativo no chão. O projétil ricocheteia e acerta as costas do motoqueiro, vindo este a falecer devido ferimento causado.

➤ Um grupo de policiais estava empenhado em capturar um andarilho que de posse de uma foice estava perturbando as pessoas em uma zona rural; ao localizá-lo deitado debaixo de uma árvore, o comandante da operação faz um disparo para o alto para acordá-lo, momento em que um outro policial da equipe se assusta com o barulho do tiro e efetua um disparo contra o andarilho.

➤ Durante policiamento a pé, o policial recebe mensagem via rádio com as características de um cidadão infrator que acabara de cometer um roubo a transeunte. Ao avistar uma pessoa com as características semelhantes passadas anteriormente, determinou que este parasse. Como não foi obedecido, efetuou disparo para cima vindo acertar uma pessoa que estava na janela do terceiro andar de um prédio vizinho.

➤ Infratores conhecidos disparam contra carro da polícia que os perseguiu, após assaltarem uma loja comercial. Os policiais revidam e alguns tiros atingem o carro em fuga e ferem mortalmente dentro do bagageiro, onde se encontrava amarrado, o dono do veículo.

➤ Uma dupla de policiamento, empenhada em solucionar uma briga generalizada dentro de uma pizzaria, ao chegar ao local, e diante da confusão formada, efetua vários disparos para cima. Um dos projéteis ricocheteia no teto e atinge uma pessoa inocente.

Perguntas:

- O uso da força no grau máximo, arma de fogo, era necessário?
- Foram consideradas todas as outras opções de uso de força?
- O ferimento causado era compatível com o nível de resistência oferecido?
- Havia risco real de vida para o policial?
- Era conveniente (oportuno) que os policiais respondessem aos tiros dos infratores em fuga?
- Os disparos feitos pela polícia visavam à defesa da vida de alguém?

CAPÍTULO II - O USO PROGRESSIVO DA FORÇA

Observação: O estudo deste capítulo deve ser precedido da leitura dos “Princípios Fundamentais” contidos no Capítulo I da Parte I.

Ao policial exige-se que tenha um alto grau de profissionalismo, inteligência e percepção. Diante de uma intervenção, poderá ser exigido que trate com cortesia, dignidade e respeito humano todas as pessoas, e paradoxalmente, ter perfeita precisão ao efetuar um disparo letal de arma de fogo contra um infrator, para proteger a vida de um cidadão.

Para sua atividade operacional, é necessário ter respostas variadas para situações de enfrentamento. Ter apenas uma ou duas respostas não será suficiente para solucionar uma agressão. Você não pode, por exemplo, atirar, instintivamente, em alguém que se recusa a obedecer-lhe. Como existem resistências e agressões em variadas formas e graus de intensidade, será preciso adequar sua reação à atitude de submissão do suspeito, estabelecendo formas de comandar e direcioná-lo, provendo seu controle.

Treine para ter condição de controlar um suspeito, escolhendo entre respostas táticas que vão desde a simples presença policial no local até o uso da arma de fogo (força letal).

Em situações em que o suspeito for violento, você poderá ser apenas vigoroso. Violência demonstra perda de controle. Força implica uma ação consciente, controlada e orientada corretamente.

Cada encontro entre você policial e o cidadão suspeito deve fluir em uma seqüência lógica e legal de causa e efeito, baseada na percepção do risco envolvido e na avaliação da atitude daquele que é o suspeito.

O uso progressivo da força é a seleção adequada de opções de força pelo policial em resposta ao nível de submissão do indivíduo suspeito ou infrator a ser controlado.

Sempre que você for chamado a fazer uma intervenção com o uso da força, principalmente em seu uso extremo que é o uso letal, deve ter uma prioridade em termos de segurança:

- 1º - **segurança do público;**
- 2º - **segurança dos policiais;**
- 3º - **segurança do indivíduo suspeito ou infrator.**

NÍVEIS DE SUBMISSÃO DOS SUSPEITOS

Basicamente os suspeitos com que você lida se enquadram em uma das seguintes situações:

a) Normalidade

É a situação rotineira do patrulhamento em que não há a necessidade de intervenção da força policial.

b) Cooperativo

O suspeito é positivo e submisso às determinações dos policiais. Não oferece resistência e pode ser abordado, revistado e algemado facilmente, caso seja necessário prendê-lo.

c) Resistente passivo

Em algumas intervenções, o indivíduo pode oferecer um nível preliminar de insubmissão. A resistência do suspeito é primordialmente passiva, com ele não oferecendo resistência física aos procedimentos dos policiais, contudo não acatando as determinações, ficando simplesmente parado. Ele resiste, mas sem reagir, sem agredir.

d) Resistente ativo

A resistência do indivíduo tornou-se mais ativa, tanto em âmbito quanto em intensidade. A indiferença ao controle aumentou a um nível de forte desafio físico. Como exemplo, podemos citar o suspeito que tenta fugir empurrando o policial ou vítimas.

e) Agressão não letal

A tentativa do policial de obter uma submissão à lei chocou-se com a resistência ativa e hostil, culminando com um ataque físico do suspeito ao policial ou a pessoas envolvidas na intervenção.

f) Agressão letal

Representa a menos encontrada, porém mais séria ameaça à vida do público e do policial. O policial pode razoavelmente concluir que uma vida está em perigo ou existe a probabilidade de grande dano físico às pessoas envolvidas na intervenção, como resultado da agressão.

NÍVEIS DE FORÇA DA POLÍCIA

Os níveis de força apresentam seis alternativas adequadas ao uso da força legal como formas de controle a serem utilizadas, como se vê a seguir:

a) Presença Policial

A mera presença do policial, bem fardado, equipado, bem postado e em atitude diligente, será o bastante para cessar a prática de crime ou contravenção ou para prevenir um futuro crime, em algumas situações. Sem dizer uma palavra, um PM alerta pode deter um propenso criminoso passivo, usando apenas gestos. A presença do policial é entendida legitimamente como a presença da autoridade do Estado.

b) Verbalização

Baseia-se na ampla variedade de habilidades de comunicação por parte do policial, capitalizando a aceitação geral que a população tem da autoridade. É utilizada em conjunto com a “presença policial” e pode usualmente alcançar os resultados desejados. As palavras podem ser sussurradas, utilizadas normalmente, ou entoadas vigorosamente, dependendo da atitude do suspeito. O conteúdo da mensagem é muito importante, sendo sempre melhor a escolha de palavras e intensidade corretas, que podem aumentar ou diminuir, conforme a necessidade. Em situações mais sérias, deve-se usar comandos curtos e imperativos.

Este nível de força **PODE E DEVE** ser utilizado em conjunto com qualquer outro nível de força, sempre que possível. O treinamento e a experiência melhoram a sua capacidade para verbalizar.

c) Controles de contato

Trata-se do emprego de talentos táticos por parte do policial em defesa pessoal policial para assegurar o controle e ganhar a cooperação do suspeito. Em certas situações, haverá a necessidade de dominar o

suspeito fisicamente. Neste nível, os policiais utilizam-se primeiramente de técnicas de mãos livres para imobilizar o indivíduo. Compreende-se em técnicas de condução e imobilizações, inclusive através de algemas.

d) Controle Físico

Emprego da força suficiente para superar a resistência ativa do indivíduo, permanecendo vigilante em relação aos sinais de um comportamento mais agressivo. Neste nível, podem ser utilizados cães, técnicas de forçamentos e agentes químicos mais leves.

e) Táticas defensivas não letais

Deparando-se com atitudes agressivas do indivíduo suspeito, ao policial é justificado tomar medidas apropriadas para deter imediatamente a ação agressiva, bem como ganhar e manter o controle do indivíduo. É a utilização de todos os métodos não letais, através de gases fortes, forçamento de articulações e uso de equipamentos de impacto (cassetetes, tonfa). Aqui ainda se enquadram todas as situações de utilização das armas de fogo desde que excluídos os casos de disparo com intenção letal. (sacar e apontar a arma com finalidade de controle intimidatório do suspeito, dentro dos procedimentos de verbalização).

f) Força letal

Ao enfrentar uma situação agressiva que alcança o último grau de perigo, o policial pode utilizar táticas absolutas e imediatas para deter a ameaça mortal e assegurar a submissão e controle definitivos. É o mais extremo uso da força pela polícia e só é utilizado em último caso, quando todos os outros recursos já tiverem sido experimentados. Trata-se do disparo a arma de fogo com fins letais que somente é possível ser realizado por policiais nas circunstâncias que impliquem defesa da vida dele próprio ou de terceiros.

UTILIZAÇÃO DOS NÍVEIS DE FORÇA

Dentro de cada nível, existem subdivisões de intensidade, que indicam que, mesmo dentro de determinada resposta de força, existem opções de menor ou maior intensidade.

Você poderá selecionar a opção de nível de força que mais se ajusta à resistência enfrentada. A progressão no nível de força será avaliada e adequada ao tipo de ação do suspeito. Se um nível falha, ou as circunstâncias mudam, você pode e deve aumentar o nível da força utilizada de forma consciente.

Cada nível de força utilizado representa um aumento na intensidade da força. Quanto maior o nível da força, menos reversível será, maior certeza de controle haverá e maior será a necessidade de sua justificativa posterior.

ASPECTOS QUE INFLUENCIAM NO NÍVEL DE FORÇA APLICADO

Durante uma intervenção policial, uma ou mais variáveis podem justificar o aumento do nível de força:

- a) Desproporção entre o número de policiais e número de suspeitos envolvidos;
- b) Tipo físico, idade e sexo dos policiais em relação às mesmas variáveis dos indivíduos suspeitos;
- c) Habilidade técnica em defesa pessoal dos policiais envolvidos;
- d) Estado mental do policial e do suspeito no momento do confronto;

Do mesmo modo, algumas circunstâncias especiais podem influenciar no nível de força utilizada pelos policiais, como se vê abaixo:

- a) Seu treinamento. Você é competente na técnica mais apropriada?
- b) Sua condição física. Você está ferido ou próximo da exaustão por ter se confrontado com o suspeito?
- c) Posicionamento de desvantagem. Você está no chão . . . ou encurralado sem rota de fuga?; Um policial encurralado em um “beco” de conglomerado urbano, sem pontos de proteção à sua segurança, pode ser forçado a empregar um nível de força mais alto;
- d) Proximidade do suspeito de uma arma de fogo. O policial pode ser forçado a fazer uso de um nível maior de força caso o suspeito tenha acesso imediato a uma arma de fogo;
- e) Nível de habilidade do suspeito. Necessidade de saber se ele tem conhecimentos em artes marciais, ou possui treinamento militar, por exemplo.
- f) Seu conhecimento antecipado a respeito do agressor. Ele tem reputação ou histórico de agressão a policiais?
- g) Perigo iminente. O suspeito agride o policial ou ameaça a vida de uma vítima?
- h) Sua percepção. Você pode perceber que a arma utilizada pelo suspeito é de brinquedo . . . ou está descarregada?
- i) O ambiente em torno do local. Existem outras pessoas próximas que são simpáticas ao suspeito e que parecem inclinadas a interferir na ocorrência contra você?

Existem inúmeras outras circunstâncias que não podem deixar de ser avaliadas e treinadas pelos policiais. Destacamos as principais para melhor entendimento do assunto.

Você precisa estar apto para avaliar circunstâncias, não apenas para sua opção de uso de força, mas também para se justificar mais tarde diante daqueles que irão avaliar se sua escolha foi apropriada.

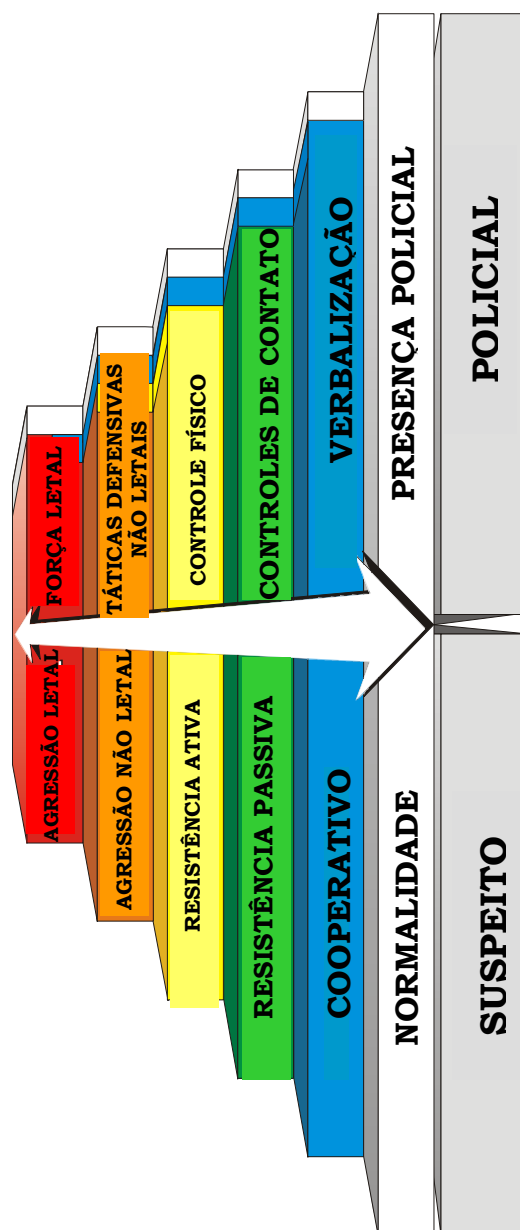
A combinação de variáveis e circunstâncias em relação à atitude dos suspeitos, durante o atendimento de uma ocorrência, pode determinar o aumento ou o decréscimo no nível de força usado.

Em situações de alto estresse, o policial pode ficar sem reação, a menos que tenha uma estrutura prática que possa ajudá-lo a organizar suas opções. O treinamento ajuda a melhorar esta estrutura.

Cada situação é única. O bom julgamento e as circunstâncias de cada uma delas ditará o nível de força que o policial utilizará. As circunstâncias são percebidas pelos policiais de acordo com o ambiente e a ação do suspeito abordado.

MODELO DE USO DA FORÇA

MODELO DO USO PROGRESSIVO DA FORÇA



Um “modelo de uso da força” é um recurso visual, destinado a auxiliar na conceituação, planejamento, treinamento e na comunicação dos critérios sobre o uso da força utilizado pelos policiais.

O modelo apresentado é um gráfico em forma de trapézio com degraus em seis níveis, representados por cores. De um lado (esquerdo), temos a percepção do policial em relação à atitude do suspeito. Do outro lado (direito), encontramos as respostas (reação) de força possíveis em relação à atitude do suspeito.

A seta, que é dupla, descreve o processo de avaliação e seleção de alternativas. De acordo com a atitude do suspeito, haverá uma reação do policial, na respectiva camada. Os níveis são crescentes de baixo para cima.

O uso efetivo da força depende da compreensão sobre as relações de causa e efeito entre você e o suspeito, gerando uma avaliação prática e conseqüente resposta. Observando as ações do suspeito dentro de um contexto de confrontação, você escolhe o nível mais adequado de força a ser usado, ou não.

Na prática, sua resposta como policial será orientada pelo procedimento do suspeito. Ele decide o que quer de você, e, com suas próprias ações ou pelo modo como se comporta, esse suspeito justificará a utilização de certo nível de força pela polícia. Você deve empregar apenas a força necessária para controlá-lo.

Da base para o topo, cada nível representa um aumento na intensidade de força. Isto é, a escala se move daquelas opções que são mais reversíveis para aquelas que são menos reversíveis; daquelas que oferecem menor certeza de controle, para aquelas que oferecem maior certeza. Assim, quanto mais você sobe na escala de nível, maior será a necessidade de se justificar posteriormente.

Uma vez que existem resistências e agressões em variadas formas e graus de intensidade, o policial terá que adequar sua reação à intensidade da agressão, estabelecendo formas de comandar e direcionar o suspeito provendo seu controle. Em contato com um suspeito que está atentando contra sua vida, é claro que você não terá que progredir nível por nível sua escala de força até você alcançar alguma forma de fazê-lo parar. O ideal é que você fale antes e use a força somente se sua habilidade de negociar falhe. Existem, entretanto, circunstâncias em que você poderá dizer nada além de “Pare!”.

Você pode mentalmente percorrer toda a escala de força em menos de um segundo e escolher a resposta que parece ser mais adequada ao tipo de ameaça que enfrenta. Se sua manobra falha ou as circunstâncias mudam, você pode aumentar seu poder, ampliando o nível de força de um modo consciente ao invés de agir com raiva ou medo. Essa avaliação entre as opções para a abordagem ajuda você a manter seu equilíbrio tático.

CAPÍTULO III - VERBALIZAÇÃO

Observação: O estudo deste capítulo deve ser precedido da leitura dos “Princípios Fundamentais” contidos no Capítulo I da Parte I.

A verbalização é a técnica mais comumente utilizada para atuar em ocorrências ou efetuar prisões de suspeitos. Realizada de modo correto minimiza os riscos e maximiza os resultados durante uma abordagem policial.

Você deve procurar reduzir as possibilidades de confronto pela adequada utilização da verbalização antes, durante e após o emprego de força.

Exemplo:

Um policial foi chamado a um bar para separar uma briga entre dois homens. Ele acalmou a todos e preparava-se para sair quando alguém gritou: “Eles começaram de novo!” O policial correu até o balcão do bar e, quando dava a volta, viu um dos balconistas caído no chão e um jovem em cima dele. Um brilho metálico na mão do jovem parecia ser uma arma de fogo, ou uma faca no pescoço do balconista. O policial que já tinha sacado seu revólver, pronto para atirar... uma reação parecia ser urgente, mas o policial teve tirocínio suficiente para fazer uma verbalização antes de usar sua arma de fogo. Foi uma decisão da qual ele jamais se arrependeria. O balconista sofria uma crise epiléptica e o jovem era o cozinheiro do bar que tentava, com uma colher, desenrolar a língua de seu colega.

Ao proceder a abordagem verbal, explique, através de comandos, cada ação que o suspeito deve realizar. Trate-o com dignidade e respeito, utilizando linguagem profissional. Entenda que o fato do suspeito olhar para você não é uma ofensa ou desafio.

Esteja sempre preparado, pois é difícil prever o que pode acontecer quando se ordena ao suspeito: “PARADO! POLÍCIA!”. Ele pode obedecer imediatamente sua ordem ou sair correndo feito um louco ou, imediatamente, atirar. Qualquer que seja a reação, o momento é tenso, crítico e cheio de riscos. Ao abordar verbalmente um suspeito esteja preparado para tudo.

Seja firme! Um comando enérgico pode evitar uma tragédia, impedindo o uso da força física ou letal. A abordagem verbal estabelece quem você é e o que você quer que o suspeito faça. Se o suspeito segue as suas ordens, sua segurança, a princípio, estará garantida e o controle será mantido sem que haja necessidade do uso de arma de fogo.

Aborde verbalmente para que você não seja abordado.

Exemplo:

Um homem foi considerado em atitude suspeita por uma dupla de policiais, pois agia como tal, observando insistentemente um beco escuro. Os policiais então conduzem a viatura até o suspeito e desembarcam para investigar. Ele não parecia muito suspeito, mas assim que colocaram o pé para fora da viatura, o homem sacou uma espingarda com o cano serrado de seu paletó e abordou os policiais verbalmente: "Larguem suas armas, ou estouro vocês." Em desvantagem, os policiais não estavam em condições de pronunciar qualquer comando. Um dos policiais foi tomado de refém por muitas horas, com a arma apontada para sua cabeça, enquanto outros negociavam o fim do episódio.

Ao abordar, você estará mais seguro se proceder como se o suspeito fosse reagir, ainda que haja indicações de que ele não resistirá, você não perderá nada em se resguardar, abordando de uma posição abrigada ou aproximando-se com cautela. Se possível, proceda da seguinte maneira:

a) Efetue a abordagem verbal de um local abrigado. Dessa forma, se houver uma reação você estará protegido e em condições de se defender;

b) Esteja com a arma pronta na posição de busca “01” ou “02”, conforme o nível de risco determine. Como regra mínima de segurança, caso entenda não ser necessário sacar a arma, você deve desabotoar o coldre e “localizar” a arma colocando sua mão sobre a coronha. Dessa forma, se for necessário sacar a arma, você não necessitará procurá-la. Caso a situação evolua e o uso da arma de fogo seja recomendável, proceda conforme as orientações contidas no capítulo sobre uso da força;

c) Tome a iniciativa, fazendo a abordagem verbal antes que o suspeito a faça. Aquele que fala primeiro ganha importante proteção psicológica e, frequentemente, física, que poderá favorecer a solução da ocorrência. Empregue, durante todo o tempo, o pensamento tático, pense no processo mental necessário para que o suspeito possa desferir uma agressão. Pense proativamente !

Caso o suspeito desobedeça, não encerre os comandos. De preferência, com a cobertura (reforço) de outros policiais, tente dominá-lo. Insista nos comandos! Há chance de que o suspeito não esteja ouvindo por estar no meio do barulho da rua, ou dentro de um automóvel com o rádio ligado ou ainda pode ser que ele tenha deficiência auditiva ou esteja sob efeito de álcool e outras drogas.

Estando em supremacia de força, juntamente com os colegas, em trabalho dê equipe, tente dominá-lo fisicamente. Enquanto procedem ao domínio físico, não interrompa os comandos para que ele pare de resistir e se entregue!

Uma atenção especial deve ser dada à linguagem. Alguns policiais acreditam que, utilizando uma linguagem vulgar, “chula” e ameaçadora, desencorajaram a resistência do suspeito. Diálogos dessa natureza causam espanto e demonstram falta de profissionalismo. Além disso, uma “ameaça verbal” pode desencadear uma reação e propiciar o agravamento da situação. O que se busca, ao realizar a abordagem verbal, é a redução do uso da força e o controle do suspeito.

Considere ainda que a sua linguagem pode angariar antipatizantes que, possivelmente, testemunharão contra você em qualquer processo, afirmando que houve agressão desnecessária e uso abusivo da força (despreparo do policial).

Use sua autoridade... Seja firme e controle a situação. Dirija comandos claros, curtos e audíveis para cada atitude que o suspeito deva tomar. Em geral, apenas um dos policiais deve falar: “PARADO! POLÍCIA! ... COLOQUE AS MÃOS NA CABEÇA! ... ENTRELACE OS DEDOS! ... VIRE DE COSTAS PARA MIM! ... AJOELHE-SE! ... CRUZE A PERNA”

Procure sempre manter o contato visual com o abordado, fique abrigado, mas não o perca de vista. Diga frases com os verbos no imperativo, em tom alto de voz, demonstre convicção e determinação no que está fazendo. Lembre-se de flexionar o nível de voz sempre que houver acatamento, abaixe o tom, conquiste a confiança da pessoa abordada. Mas fique sempre atento ao recurso de elevar bruscamente o tom de voz caso perceba algo errado. A posição em que o policial empunha sua arma também ajuda na verbalização, no sentido que ele tenha o recurso de apontá-la ou não, conforme o desenrolar do caso, buscando sempre partir do nível mínimo de força e evoluir gradativamente.

Caso o suspeito não acate, repita os comandos, insista com firmeza, procure não ficar nervoso caso não seja acatado de imediato. Continue insistindo, mantenha seu profissionalismo e não se exponha a riscos. Procure o diálogo, contudo evite discutir, não entre em “bate boca”, resista à tentação de ficar disputando na voz com o suspeito. Deixe que ele fale e após, mantenha-se calmo, insistindo em seus comandos firmes e imperativos demonstrando sua determinação. Pergunte:O QUE ESTÁ ACONTECENDO AQUI?POR QUE VOCÊ NÃO ACATA MINHAS ORDENS?

Demonstre ao suspeito que você se importa com ele e entende a situação por que ele está passando. Isso não significa concordar com o que ele está fazendo ou que ele esteja certo. Demonstrar empatia pode ser feito de várias formas, como, por exemplo, repetindo o que o suspeito acabou de falar.

Mostre ao suspeito que você é uma pessoa, simplesmente, e não um uniforme (policial fardado).

É crucial ganhar a confiança do suspeito para ter efetivamente o controle da situação.

Considere as possíveis razões pelas quais o suspeito estaria resistindo passivamente, entre outras:

- Ele não te escuta ou não compreende (por deficiência auditiva, por efeito de álcool ou outras drogas).
- Ele não te acata como forma de meramente desafiar ou desmerecer a ação da polícia, visando provocar o policial, conduzindo-o a uma situação vexatória ou de abuso de força, (por vezes buscando angariar simpatia de transeuntes).
- Ele tem algo a esconder e tenta ganhar tempo e distrair a atenção dos policiais, (por vezes com a presença de comparsas).
- Ele tenta ganhar tempo para empreender fuga ou reagir fisicamente contra os policiais.

Quaisquer que sejam as possibilidades procure pensar taticamente, priorize a sua segurança e evite cair na armadilha das provocações. Conduza o desfecho com isenção e profissionalismo. Existe policial que leva este tipo de situação para o campo pessoal e perde o controle mediante a mínima ponderação do suspeito. Este corre o sério risco de expor desnecessariamente sua vida e as de seus companheiros, ou ainda de cometerem atos de violência.

Faça o que deve ser feito, adote todas as medidas legais que couberem ao caso em particular, conduza sua atuação conforme preconizado no escalonamento do uso da força.

- SEJA FIRME - SEJA JUSTO -SEJA AMIGÁVEL!!!

Não ameace o suspeito, nem diga nada que não possa cumprir, como por exemplo: “vou lhe dizer pela última vez”. Se ele resolver testar seu blefe você perderá sua credibilidade. Por outro lado, se ele obedecer, esteja preparado, não relaxe sua segurança! Esse pode ser o momento mais perigoso da abordagem.

Em todo o tempo, mantenha o controle sobre as mãos do suspeito. Elas são o mais provável local de onde pode surgir uma agressão. Mantenha o controle sobre o suspeito, não permita que ele se mova sem sua autorização. Se ele se movimentar levemente, a sua tendência será acostumar-se com a movimentação e relaxar, aumentando os riscos. Saiba em todo o tempo a localização exata do suspeito.

Considere a possibilidade, caso não saiba a localização exata de um suspeito escondido, de “desafiar” o local verbalmente. Por exemplo, se durante uma busca em uma edificação você suspeitar que alguém se encontra escondido dentro de um armário, você pode utilizar algo parecido como: “Polícia! Você, dentro do

armário, saia DEVAGAR, com as mãos para cima!”. Caso ele realmente esteja dentro do armário ele poderá obedecer, permanecer escondido e até atirar através da porta. Portanto, ao comandar, esteja em uma posição abrigada. Quando você “blefar” um provável local de esconderijo se não houver uma resposta você terá, obrigatoriamente, que fazer a verificação antes de prosseguir.

A escolha da posição para algemar deve ser feita a partir de uma avaliação da situação e do comportamento do suspeito. Pessoas cooperativas e que não ofereçam riscos não devem ser abordadas e algemadas nas posições de joelho e deitada. Utilize, quando for o caso, posições de pé ou apoiado na parede que são táticas mais razoáveis e adequadas.

CAPÍTULO IV - USO DA FORÇA LETAL

***Observação:** O estudo deste capítulo deve ser precedido da leitura dos “Princípios Fundamentais” contidos no Capítulo I da Parte I.*

A Declaração Universal dos Direitos Humanos proclama que todos têm direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal. O direito à vida é o bem supremo que, se não assegurado, faz com que todos os demais percam o sentido. Como policial, a sua missão primária é proteger e socorrer as pessoas, promovendo os direitos humanos e garantindo a inviolabilidade do direito à vida. Dessa maneira, a decisão apropriada a respeito do uso da força letal é o mais crítico desafio enfrentado pela polícia.

O ideal é que toda ocorrência seja resolvida sem o uso da força, utilizando, principalmente, a verbalização. Porém, nem sempre isso é possível. Os princípios que irão dirigi-lo no uso da força são a legalidade, necessidade, proporcionalidade e conveniência. O emprego da força pressupõe a busca de um objetivo legítimo e você deve fazê-lo de forma moderada, agindo proporcionalmente à agressão ou à ameaça de agressão, utilizando a quantidade de força necessária para controlar o suspeito.

Se você é ameaçado ou agredido com força letal, a resposta legal, necessária e proporcional poderá ser reagir, utilizando força letal para controlar o agressor, defendendo a sua vida ou de uma terceira pessoa.

O uso da FORÇA LETAL constitui-se em medida extrema e somente é justificado para a legítima DEFESA DA VIDA!

O triângulo da força letal é um modelo de tomada de decisão designado para desenvolver sua habilidade para responder a encontros de força, permanecendo dentro da legalidade e de parâmetros aceitáveis.



Os três lados de um triângulo equilátero representam três fatores: habilidade, oportunidade e risco. Os três têm que estar presentes para justificar o uso da força letal.

HABILIDADE é a capacidade física do suspeito de causar dano em um policial ou em outra pessoa inocente. Isso significa, em outras palavras, que o suspeito possui uma arma capaz de provocar morte ou lesão grave, como por exemplo, uma arma de fogo ou uma faca. Habilidade pode ainda incluir a capacidade física, através de arte marcial ou de força física, representativamente superior à do policial.

OPORTUNIDADE diz respeito ao potencial do suspeito em usar sua habilidade para matar ou ferir gravemente. Um suspeito desarmado, mas muito alto e forte, pode ter a habilidade de ferir seriamente ou matar uma outra pessoa menor e menos condicionada. A oportunidade, entretanto, não existe se o suspeito está a 20 metros de distância, por exemplo. De igual modo, um suspeito armado com uma faca tem habilidade para matar ou ferir seriamente, mas pode faltar oportunidade se você aumenta a distância dele e/ou procura um abrigo.

O **RISCO** existe quando um suspeito toma vantagem de sua habilidade e oportunidade para colocar um policial ou outra pessoa inocente em um iminente perigo físico. Uma situação onde um suspeito de roubo recusa-se a soltar a arma quando acuado após uma perseguição a pé pode se constituir em risco.

Raciocinar sobre o triângulo da força letal pode auxiliá-lo a decidir.

Além disso, ao lidar com um suspeito não-cooperativo que está armado, você deve, em primeiro lugar, buscar um **abrigo** para, então, lidar com ele. Em seguida, deve **aumentar a distância** entre você e o agressor o que dificultará o ataque. Em terceiro lugar, solicite **cobertura**. Não tente resolver a situação isoladamente. Aumentar o número e qualidade (equipes especializadas) dos policiais no local pode desencorajar o agressor. Em último caso, havendo risco demasiado para você e para a comunidade, avalie a possibilidade de se **retirar** do local ou facilitar a fuga do agressor, pois, “uma prisão sempre pode aguardar uma nova oportunidade”, mas a perda de uma vida é irreversível!

Estando protegido e sendo possível, utilize a negociação e a persuasão determinando ao suspeito que se renda. Quando a situação permitir, a verbalização deve ser combinada com a demonstração de força. O suspeito deve entender a sua disposição e firme resolução em controlá-lo utilizando, inclusive, de força letal.

Estudo das Reações Fisiológicas

O corpo humano sofre reações fisiológicas involuntárias que afetam as habilidades motoras quando confrontado com situações de sobrevivência. Muitas dessas reações provocam efeitos negativos na capacidade do policial de se defender em situações de vida ou morte.

As habilidades motoras combinam processos cognitivos e ações físicas que capacitam a pessoa a realizar tarefas físicas, como, por exemplo, disparar uma arma.

A **coordenação motora grossa** envolve a ação de grandes grupos musculares preparando a pessoa para lutar ou fugir. Essas tarefas dependem de grande força e são provocadas em situações de alto estresse onde o organismo processa adrenalina e outros hormônios.

A **coordenação motora fina** utiliza pequenos grupos musculares como os das mãos e dedos. Essas habilidades sempre envolvem coordenação das mãos com os olhos, como, por exemplo, atirar. Essa tarefa

requer um nível baixo ou não existente de estresse para obter um resultado ótimo. Em situações de alto estresse, a coordenação motora fina rapidamente acaba.

A **coordenação motora complexa** envolve múltiplos componentes, como, por exemplo, coordenação olho/mão, tempo de reação, equilíbrio e localização de alvo móvel. Técnicas de defesa pessoal que envolvem defesa de faca, projeções ao solo, posições de tiro defensivo são exemplos de coordenação motora complexa. Para atingir um resultado ótimo nessas habilidades, os níveis de estresse devem estar baixos. Por isso, o alto estresse encontrado em situações de sobrevivência reduz a habilidade do policial para executar ações que demandem coordenação motora complexa.

Durante situações que envolvam o uso de força letal os policiais experimentam aceleração do batimento cardíaco, deterioração da coordenação motora fina e complexa, dificultando o manuseio de arma ou a adoção de posições de tiro. A elevação do batimento cardíaco afeta o sistema nervoso de tal modo que prejudica a respiração e outras funções vitais involuntárias. O organismo produz hormônios poderosos como a adrenalina e outras substâncias similares, que aumentam o batimento cardíaco, a pressão do sangue e redireciona o sangue das extremidades (dedos) para os grandes grupos musculares (peito, pernas e braços).

A coordenação e destreza das mãos se reduzem drasticamente com a vaso-constricção. Ocorrem ainda a redução da visão periférica e a visão se ajusta para focalizar objetos próximos. Tudo isso dificulta a visão em profundidade e fazem com que o policial atire para baixo. Mantidas todas essas reações descontroladas, o policial entrará em estado de pânico.

Uma das chaves para lidar com o estresse em situação de sobrevivência é controlar o batimento cardíaco, o que pode ser feito respirando profundamente algumas vezes enquanto tenta “relaxar” e manter o controle.

A respiração tática, como é chamada, proporciona mais oxigênio ao organismo, o que reduz o batimento cardíaco, melhora as habilidades e diminui a ansiedade.

Direcionamento dos Disparos Realizados por Policiais

Diante de uma situação como esta, não é possível, para a grande maioria dos policiais, fazer disparos precisos, como por exemplo, nas mãos e nas pernas. Tendo que usar força letal, essa força deve ser designada para a massa central. Quando utiliza a sua arma, você não atira para assustar, nem para ferir, nem para desarmar. Atira para interromper a agressão ou a ameaça que é feita à sua vida ou de outra pessoa. O objetivo é fazer com que o suspeito cesse seu ataque ilegal tão rápido e eficiente quanto possível. Considerando todas as variáveis fisiológicas que interferem negativamente, dificultando o comportamento do policial nestas situações de emergência, caso seja possível, os disparos devem ser feitos visando minimizar os efeitos traumáticos no agressor. Você quer e precisa pará-lo, neutralizá-lo! Você não deseja matá-lo!

Atirar em certas partes do corpo irá, provavelmente, incapacitar o suspeito de um modo mais eficiente do que em outras. A área do corpo humano em que o impacto de projéteis tem maior eficiência é na massa central ou região do tronco. Assim, o melhor local para controlar o agressor e que se constitui em um maior alvo, onde o projétil terá alto poder de parada, é a massa central. Dependendo da potência de arma e da parte do corpo atingida, pode ser necessário mais do que um disparo para fazer cessar a agressão. Com base em estudos balísticos, número razoável, e que normalmente provoca o resultado pretendido, são dois tiros disparados em rápida seqüência. Contudo, este aspecto dependerá efetivamente de cada caso prático.

ARTE III - ABORDAGEM A SUSPEITO

CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO

***Observação:** O estudo deste capítulo deve ser precedido da leitura dos “Princípios Fundamentais” contidos no Capítulo I da Parte I.*

Abordagens a suspeitos são situações de risco. Por mais simples que possa parecer, esteja sempre alerta, identificando seus riscos potenciais, avaliando suas possibilidades e controlando qualquer ameaça que apareça.

É fundamental para sua defesa e proteção de seus companheiros que você esteja no estado apropriado de alerta e pense taticamente em termos de Área de Segurança, Área de Risco, Ponto de Foco e Ponto Quente. Entendendo o processo mental e os necessários passos que o suspeito precisa dar para realizar uma agressão, pense e aja proativamente, utilizando abrigos ao invés de se expor, mantendo um rigoroso controle sobre as mãos do suspeito.

Embora nem sempre seja possível, empenhe-se para que nenhuma abordagem seja realizada sem planejamento prévio. Como nem toda ação é possível de ser planejada, lembre-se que, ao treinar mentalmente, você está planejando antecipadamente e preparando respostas para aplicação nesses momentos. Ao avaliar situações, considere respostas que percorram toda escala do uso da força.

Apesar de suas respostas serem ditadas pelas atitudes do suspeito, insista na persuasão e na verbalização em todo o tempo, como alternativa para reduzir a necessidade e a intensidade da força aplicada. Força letal é medida extrema e, sempre que possível, deve ser evitada. Um bom número de ocorrências pode ser resolvido através da verbalização; por isso desenvolva a habilidade para se comunicar claramente e sem agressividade.

A maneira como você se relaciona com o suspeito durante a abordagem é fator decisivo para que o caso tenha uma solução satisfatória. Durante o serviço policial, há inúmeras situações em que é necessário o emprego de força. A resistência e/ou agressão não está relacionada apenas com a natureza da ocorrência, mas em grande parte também com o seu comportamento em relação à pessoa abordada.

É vital que você, como encarregado de controlar a situação, esteja consciente e tente monitorar suas emoções e reações. Obviamente isso não é fácil porque você não está imune a tal situação e pode sentir medo, ansiedade e raiva. Sua habilidade em controlar suas emoções e não reagir a um ataque verbal por parte do suspeito, por exemplo, é fundamental. É importante agir, ao invés de reagir, pois desta forma você estará se antecipando em relação às atitudes do suspeito.

Quando interagimos com outras pessoas, somos voltados à proteção de nossa auto-estima e, algumas vezes, chegamos ao extremo para defendê-la. As pessoas, inclusive os infratores, querem ser tratadas com dignidade. Algumas podem reagir fisicamente para alcançar isso. Ao confrontar-se com um suspeito, você inibe não apenas a sua liberdade, mas também o seu ego, seu componente psicológico mais importante.

Quando o policial exerce a sua autoridade sobre o suspeito para obrigá-lo a cumprir a sua vontade e não a dele, automaticamente o diminui. Se você se porta de modo dominador, insultante, depreciativo ou com ações que o deixam sem opções ou o façam parecer covarde na frente das pessoas que são importantes para ele, fará com que acredite que a violência é a única forma de defender o seu ego. Esta opção pode ser evitada se você compreender e, com perspicácia, manipular a dinâmica humana.

É compreensível que o cidadão ao ser abordado pela polícia, por ter sido considerado suspeito, relute, tente argumentar, questionar a ação policial, não se entregando de boa vontade, e passe inclusive a afirmar não ser ele o possível agente/suspeito do cometimento do delito. Este comportamento, a princípio, não configura resistência, desacato ou desobediência. Cabe ao policial identificar o limite entre a natural relutância em ser conduzido como suspeito e a figura do delito penal prevista como crime de resistência ou outro já enumerado acima. O policial não deve alimentar a expectativa de que as pessoas ao serem abordadas se entreguem de forma espontânea, devendo buscar o controle da situação da forma menos contundente possível.

Nas ocorrências em que haja eventual presença de familiares e conhecidos do abordado, bem como grau de parentesco entre os envolvidos, tais circunstâncias podem ser fatores multiplicadores de problema, gerando dificuldade para o policial neste tipo de ação. Nos casos que se tratar de marido e mulher, pai e filho, irmãos dentre outros, por exemplo, cabe a você, policial, agir com serenidade, tranquilidade, ética e profissionalismo não devendo se deixar levar pelas emoções que envolvem a situação. Conduzindo a solução do fato pautado no respeito à integridade física e moral das pessoas sem distinção, obedecendo aos parâmetros técnicos e táticos policiais.

Algumas atitudes de policiais são desrespeitosas e convidam à violência. A postura em que o policial se mantém em pé, com as pernas abertas, mãos na cintura, ou braços cruzados, aproxima-se do suspeito, bem perto, “na cara dele”, é uma “irresponsável descompostura”, que o faz mais lento e vulnerável fisicamente, podendo ser facilmente derrubado e desarmado. Além disso, tal comportamento se apresenta extremamente ameaçador para o suspeito (se abordar um infrator dessa forma, considere-se frente a um indivíduo possivelmente hostil).

Quando um suspeito o vê com postura que denote agressividade, ele pode, também, adotar um comportamento equivalente para confrontá-lo. Ao aproximar-se demasiadamente de uma pessoa, você invade o seu “espaço pessoal”, que é o espaço psicologicamente reservado para pessoas íntimas, que são desejadas por ele. Estando você não convidado a este espaço, é provável que provoque no suspeito o desejo de se afastar, fugir, ou defender-se de sua “invasão”. Qualquer palavra que disser a ele, estando tão próximo soará agressivamente.

Obviamente, você precisará estar mais próximo do suspeito quando for necessário dominá-lo para algemar ou realizar uma busca pessoal. Muitos confrontos desarmados podem, inicialmente, ser desmotivados se houver uma distância mais confortável entre você e o abordado.

Psicologicamente, a distância mais eficaz para persuadir o suspeito a cooperar voluntariamente está em torno de três metros. Esta distância cria uma área de proteção na qual a maioria das pessoas tende a ser mais complacente com estranhos, além de prover um “tempo de reação” a seu favor. Você está distante o

suficiente para observar o suspeito de corpo inteiro (ponto de foco), de forma a visualizar qualquer indício não verbal da intenção que ele tenha. Ademais, você estará fora do alcance imediato das mãos, pés e cabeça do suspeito (pontos quentes). O tempo que o suspeito gastaria para atravessar essa distância para atacar fisicamente daria a você (no Estado de Alerta ou de Alarme) maior probabilidade de perceber a ameaça, avaliá-la e reagir.

Lembre-se de que o tempo necessário para você, policial, reagir sempre terá de ser maior que o tempo para o suspeito agir. Se o suspeito está portando uma faca ou outro objeto que estenda ao alcance de sua mão, estando o policial com um bastão, aumente a sua distância de reação para seis metros ou mais. Não confie totalmente na persuasão verbal ao tratar suspeitos com armas potencialmente letais. Caso o suspeito possua uma arma, ou tenha uma das mãos escondidas, permaneça abrigado e neste caso a distância e o diálogo são secundários, mas continuam sendo importantes. Não saia do abrigo até que possa ver as mãos dele claramente, seu ponto de foco inicial.

Como forma de aproximação a um suspeito durante uma abordagem, se você vê as mãos dele e elas não lhe oferecem risco, utilize a chamada **postura aberta**. Mantenha uma distância segura, fora do alcance dos pontos quentes do suspeito (cabeça, mãos e pés) e apresente-se de modo não agressivo. Apresenta-se calmo, mas alerta para se mover rapidamente e se defender. Na postura aberta ou persuasiva, suas mãos devem permanecer abertas, abaixo da linha da cintura, mostrando as palmas das mãos ao invés do dorso. Caso a persuasão não funcione, avalie a necessidade de escalar o nível do uso da força.



Caso seja necessário aproximar-se do suspeito, você deve mudar a postura, pois a proximidade diminui o seu tempo de reação.

A **postura de prontidão** deve ser adotada quando você estiver dentro da área de alcance do suspeito (em torno de três metros). Ao reduzir a distância, você diminuirá seu tempo de reação; portanto, é necessário estar mais pronto para se defender, não importando o quanto o suspeito seja perigoso. Suas mãos devem ser colocadas na altura de seus ombros, mostrando as palmas para não sugerir agressividade. O lado de seu corpo em que está a arma deve ser mantido afastado e longe do alcance do suspeito (inclusive visual). Com suas mãos elevadas dessa forma, você estará em condições de bloquear ou defender um soco ou, com o joelho para proteger-se de chutes na virilha. Esteja também preparado para afastar-se rapidamente, se necessário.



Ao invadir o espaço pessoal do suspeito, esteja pronto para controlá-lo fisicamente; eleve suas mãos na altura do rosto. Adote uma guarda alta sem fechar os punhos. Esta **postura defensiva** reduz o tempo para proteção da cabeça.



Ao manter as palmas das mãos voltadas para ele, você continua mostrando uma imagem menos agressiva. Ao movimentar-se dentro do espaço de reação, esteja atento. **Não permita que o suspeito se aproxime de você.** Se entender que não é possível dominá-lo através de técnicas de defesa pessoal, não se aproxime, pois isso compromete sua segurança e reduz suas opções de proteção.

Estar alerta e pronto para se defender é uma das melhores defesas contra agressões. Permanecendo alerta, você estará adotando uma atitude mental tática para lidar com a situação. Adote uma posição defensiva, com o centro de gravidade baixo e joelhos flexionados e pés separados. Evite uma postura rígida e tensa.

Seu tom de voz e as palavras que escolhe irão influenciar as respostas que irá receber. A intensidade que você pode utilizar ao verbalizar com um suspeito varia de uma “busca verbal” (uma conversação para reunir informação) até a persuasão (quando se pede cooperação); do controle brando de diálogo (dizer diretamente a um suspeito o que fazer, em um tom mais insistente) até o “controle imperativo de diálogo” (determinar a um suspeito que cumpra suas instruções, avisando-o das conseqüências se desobedecer). O tom de voz escolhido deve ser proporcional aos seus propósitos. Seja claro para que não haja falta de

entendimento e confusão. Se você não for claro, o suspeito pode adotar atitude diversa da instruída e gerar conseqüências indesejadas. Seja profissional em sua postura, atitude e linguagem. Apelidos, gírias e brincadeiras não devem ser utilizadas.

Se o suspeito não lhe obedece, faz comentários ofensivos ou ignora sua presença, mantenha-se emocionalmente imparcial. Não deixe que a emoção o descontrole. Se isso acontecer, problemas virão! A maior parte das abordagens ocorre em locais onde há testemunha. Mantendo um diálogo claro, direito, não emocional e sem abusos. As testemunhas poderão confirmar que você deu ao suspeito a chance de cooperar, sem utilizar a força, mas que ele recusou. Mesmo assim, caso tenha que usar a força, dê ao suspeito uma mensagem forte de que poderá atingi-lo, caso seja necessário o emprego da força. Se seu diálogo for moderado e incisivo, o suspeito perceberá que você está no controle.

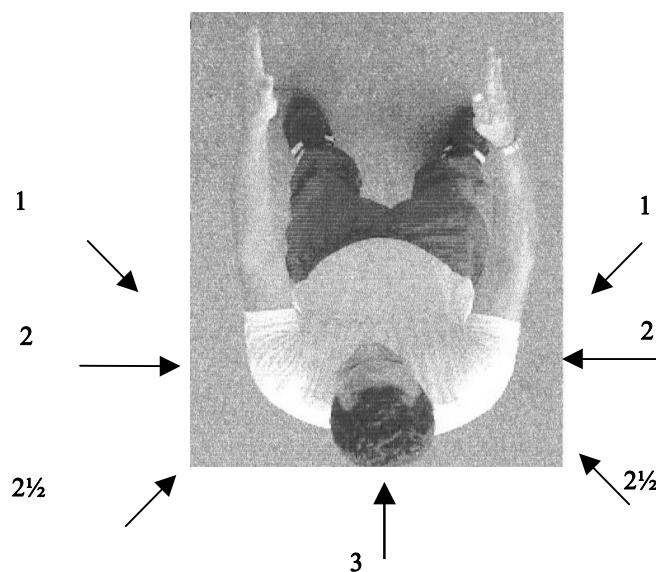
Considere a possibilidade de o suspeito ter dificuldade na compreensão, seja por deficiência física ou no aprendizado. Lembre-se ainda que o álcool ou as drogas podem dificultar que ele entenda suas instruções. Fale pausadamente. De instruções simples, use linguagem corporal e repita para reforçar.

Ao abordar, não aponte o dedo indicador para o suspeito, não aponte para sua face, nem toque no seu peito. Respeitando seu espaço pessoal você estará mais sujeito a obter a cooperação. Explore as técnicas de verbalização apresentadas.

CAPÍTULO II - POSICIONAMENTO TÁTICO PARA A ABORDAGEM

Observação: O estudo deste capítulo deve ser precedido da leitura dos “Princípios Fundamentais” contidos no Capítulo I da Parte I.

Após reduzir a distância entre você e o suspeito, invadindo seu espaço pessoal, evite se postar na “**posição interna**” do suspeito, isto é, de frente para ele e entre seus braços. Esse é o local mais perigoso para se lidar com o suspeito, pois o ser humano foi feito para atacar e lutar para frente. Estando na posição interna você estará vulnerável a socos, chutes, mordidas, cabeçada, etc, com maior facilidade. Se for necessário enfrentá-lo nessa posição, sua resposta deve ser eficiente.



Se puder escolher, procure dominá-lo fora da posição interna. É mais fácil e geralmente mais seguro. Mantenha o seu lado interno direcionado para ele, ajustando sua posição à medida que ele se movimenta. Dessa forma você estará direcionando seu lado mais forte para o suspeito.

Há várias posições que você pode adotar para dominar o suspeito.

Você poderá efetuar pegadas eficientemente se procedidas em um dos pontos indicados na figura anterior. Inicialmente, é necessário que se aproxime pela **Posição 2,5**, o mais rápido possível. Esta posição é mais segura para você, pois lhe dá uma “vantagem de ângulo” e será mais difícil ser atingido pelo suspeito, devido ele ter de virar-se para acertá-lo. Você poderá esquivar-se com antecedência caso ele tente. É mais fácil manter controle da situação por um período mais longo, uma vez que esteja nesta posição, aplicando-se técnicas de condução. E, se necessário, você pode soltá-lo mais rapidamente. Para dominar o suspeito na

posição de pé, o melhor ponto de aproximação é aquele indicado como 3. Procure aproximar-se do suspeito a partir desse ponto, contudo, a maioria deles não permitirá que você faça a abordagem por esta região, a não ser após estar sob domínio físico.

Aproximando-se pela frente, utilize a **Posição 1**, pois ela sugere menor invasão do espaço pessoal. E ele pode permitir que você se aproxime sem maior resistência e você terá as seguintes vantagens táticas:

- 1) A sua arma fora de alcance;
- 2) Redução do potencial de ameaça significativamente (por exemplo, se ele tentar mudar de lado, ou evadir-se, você poderá evitar se estiver atento);
- 3) Embora esteja na área externa do suspeito, você poderá atingi-lo no lado interno com os seus cotovelos e joelhos, caso transforme-se em uma pessoa que ofereça resistência. Com o suspeito Resistente Passivo e Resistente Ativo você deve mover-se para a posição 2,5, tão logo estabeleça contato físico com ele.

A **Posição 2** é a mais fácil para atingir o objetivo. É uma boa posição para se deslocar da lateral para a parte interna do suspeito. O seu lado combativo mais forte (posição interna) está voltado para um lado fraco do suspeito. Deste local você poderá agarrá-lo pelo braço que estiver mais próximo, esquivar-se, ou golpeá-lo em sua parte interna com o cotovelo ou joelho, caso se torne agressivo.

Caso seja iminente tal possibilidade, a **Posição 3** é o melhor lugar para você se posicionar, quando for dominar um suspeito altamente violento, que configure Pessoa Resistente Ativo. Caso o suspeito esteja em luta corporal com um outro cidadão, ou com o seu parceiro, você pode avançar partindo da parte de trás, mas não permaneça nesta posição por muito tempo, pois ele pode ser capaz de chutar, golpear com o cotovelo, agarrá-lo, ou derrubá-lo. Conduza-o para o chão o mais rápido possível, ou domine-o na posição 2,5, imediatamente.

Sempre que se aproximar para dominar um suspeito, mantenha as suas mãos elevadas, em uma posição de pronta reação e, ao avançar, procure manter uma boa base com os pés para ter equilíbrio!

Você pode utilizar a numeração descrita como código ao se comunicarem na presença de um suspeito como, por exemplo, “Fulano, cuide da posição 1, enquanto cuida da 2,5” ou “fique atento ao lado interno” (caso acredite na possibilidade de existir uma arma na cintura do suspeito). Desta forma é possível coordenar os movimentos ou alertar um companheiro sobre o perigo sem a necessidade de mover-se.

CAPÍTULO III - BUSCA

Observação: *O estudo deste capítulo deve ser precedido da leitura dos “Princípios Fundamentais” contidos no Capítulo I da Parte I.*

A busca pessoal é uma atividade policial rotineira realizada no corpo, vestimentas e pertences de um determinado cidadão tendo como objetivo a localização de objetos. As circunstâncias de local, horário, histórico entre outras, indicarão o nível de risco que este procedimento envolve, bem como os fatores que geraram a suspeição do policial e que portanto justificariam a referida busca naquela pessoa.

Trata-se de atividade de conteúdo discricionário que deve receber toda atenção dos policiais para não se converter em atos de arbitrariedades e discriminações, impingindo constrangimentos desnecessários as pessoas consideradas suspeitas.

Naqueles casos em que a suspeição não se confirmar e, portanto, nada de irregular for encontrado pelos policiais, cabe ao policial encarregado da busca, de iniciativa, parlamentar com o cidadão abordado esclarecendo o caráter discricionário da atividade, buscando o apoio deste para o compartilhamento da segurança da comunidade. Nos casos em que for patente o equívoco, e conforme a avaliação do nível de constrangimento causado pela situação em particular, caberá inclusive o pedido de desculpas, de acordo com a avaliação que o policial fizer das circunstâncias do fato prático em questão.

Sempre que possível, evite a tradicional posição em que o suspeito fica apoiado em uma parede ou veículo, com as pernas abertas e semi-equilibrado. Essa postura oferece pouco controle do suspeito e aumenta os riscos para os policiais.

Uma boa posição para controle do suspeito deve ser desvantajosa para ele, limitando seus movimentos, seu processo mental para a agressão e permitir um bom controle das mãos.

Antes de detalharmos as posições, é necessário conhecermos os tipos de busca pessoal, que são os seguintes:

Busca Ligeira:

- Utilizada normalmente à entrada das casas de diversões públicas, nos portões de campos de futebol ou em outros estabelecimentos afins. É uma revista rápida procedida nas pessoas que ali comparecem.

- Destina-se a busca ligeira a verificar se existem em poder das pessoas armas ou objetos perigosos que possam ser usados na prática de ilícitos.

- Esta revista pode ser executada pela frente, contudo, deve-se sempre que possível procurar executá-la por trás da pessoa abordada. É feita num movimento rápido de deslizamento das mãos sobre o vestuário do cidadão. Deve-se verificar, sobretudo: quadris, tórax, axilas, braços, pernas e pés; se o revistado estiver com boné ou chapéu, o mesmo deve ser retirado e revistado, os bolsos serão apalpados.

- A pessoa revistada deve elevar os braços, se possível colocando as mãos sobre a cabeça, com dedos entrelaçados.

Busca Minuciosa:

- Destina-se à procura de armas ou outros objetos considerados como provas de delito.
- O suspeito poderá ficar de pé, ajoelhado ou deitado.
- A busca será executada pelas costas do suspeito.
- O policial deverá seguir a seqüência: tirar o chapéu ou boné do suspeito e examiná-lo, se for o caso; apalpar o colarinho; revistar o braço, antebraço e mão; revistar ao longo das costas, desde os ombros até a cintura e as axilas; verificar peito, abdômen e região pubiana; revistar pernas, tornozelo e pés, verificando meia e calçado. Apalpar todo o vestuário do suspeito, inclusive esvaziar todos os bolsos, verificar dobras do vestuário, lapelas, gravata, cinto, etc.
- Esta busca deverá ser executada pelos dois lados do suspeito (direito e esquerdo), sendo um de cada vez. Começa-se por um lado e ao terminá-lo, passa-se para o outro.

Busca Completa:

- Empregada quando há real suspeição de que a pessoa esteja portando armas e/ou objetos que constituirão provas de um delito e também quando do encarceramento de presos.
- É feita em recinto fechado a fim de evitar a aglomeração de curiosos e o constrangimento ao suspeito a ser revistado.
- O suspeito se despirá, entregando seu vestuário ao policial. O policial examinará peça a peça do vestuário do suspeito, atentando-se para dobras, forros, costuras, palmilhas, solas e saltos do calçado, boné, chapéu, etc.
- No suspeito, já despido, o policial verificará o cabelo, as partes íntimas e todas as cavidades do corpo.

Busca em Mulheres:

- As mulheres também estão sujeitas aos mesmos tipos de buscas efetuadas em homens, sendo que elas, preferencialmente, devem ser revistadas por policiais femininos ou por uma outra mulher sobre orientação de um policial masculino.
- No caso de uma situação de emergência que possa ocasionar conseqüências irremediáveis, não havendo a possibilidade de utilização de policial feminino ou outra mulher, em último caso, o policial masculino pode efetuar a busca em mulher, devendo ser em local discreto, com respeito e discrição, acompanhado por duas testemunhas.

De um modo geral você deve tentar controlar o suspeito utilizando a verbalização aproveitando o máximo de proteção que o local puder lhe oferecer. Considere como opção e esteja treinado em uma das posições abaixo.

Para abordar partindo da posição de pé, podemos realizar de duas formas:

a) Determine que o suspeito caminhe para uma superfície vertical ficando de costas para você; posicione-se com as pernas abertas e afastadas da superfície; abra os braços, apoiando as mãos na superfície, com os dedos abertos. Caso não haja alguma superfície vertical por perto, determine que o suspeito fique de costas para você, abra as pernas e coloque as mãos sobre a cabeça, com os dedos entrelaçados. Exemplos de superfície vertical são paredes, muros, lateral de veículo, etc.

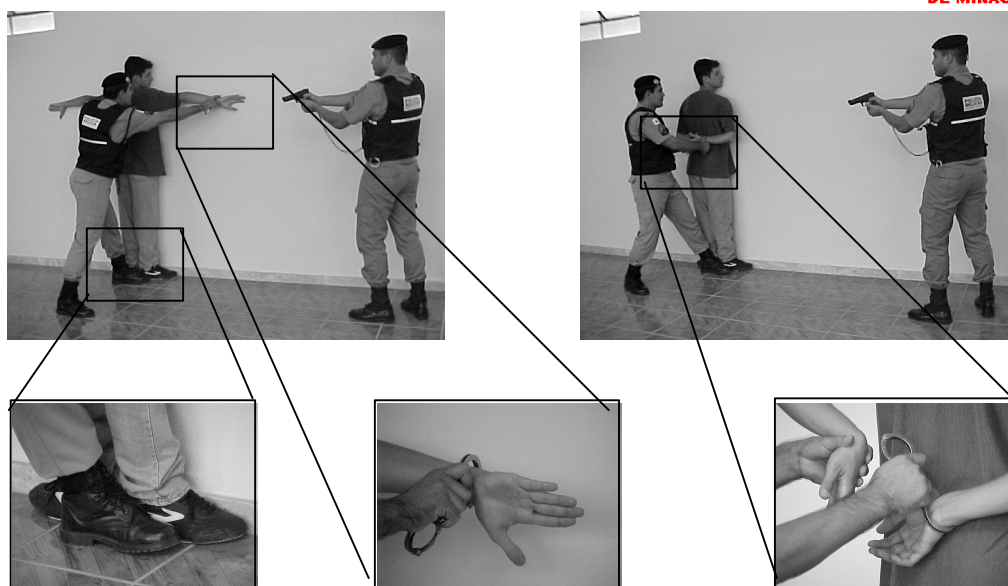
Nesta posição, enquanto você verbaliza, seu parceiro faz a segurança, mantendo uma vigilância de 360°. Vocês estão em Estado de Alarme. Após o suspeito estar controlado, seu parceiro, coloca a arma no coldre e aproxima-se do suspeito por um dos lados (direito ou esquerdo), colocando o pé pelo lado interno do pé do suspeito, do lado em que ocorreu a aproximação e manterá os tornozelos afastados. Enquanto ele se aproxima, você continua fazendo a segurança e avisa ao suspeito que ele sofrerá uma busca pessoal pelo seu companheiro.



b) Determine ao suspeito que encoste todo o corpo de frente para a parede e com as pernas unidas, calcanhares colados na parede, cabeça voltada para o lado, braços abertos na altura dos ombros e palmas das mãos voltadas para trás, conforme as figuras abaixo. O suspeito deve estar com a cabeça voltada para o lado do policial que verbalizar com ele.

Enquanto você verbaliza, seu parceiro faz a segurança, mantendo uma vigilância de 360°. Vocês estão em Estado de Alarme. Após o suspeito estar controlado, seu parceiro, coloca a arma no coldre e aproxima-se do suspeito para algemá-lo. Enquanto ele se aproxima, você continua fazendo a segurança e avisa ao suspeito que ele sofrerá uma busca pessoal pelo seu companheiro. Esta posição de busca é utilizada naquele suspeito conhecido no meio policial como de alta periculosidade, com antecedentes de reação a abordagem, sabidamente que anda armado ou o suspeito que acabara de cometer algum crime cujas características são conhecidas e você depara com ele.



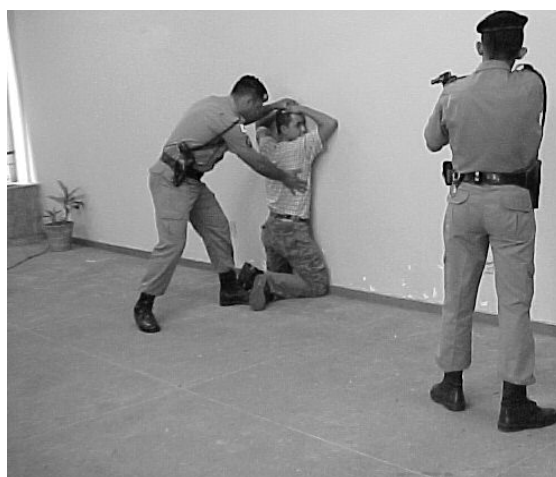


Para a busca, coloque a lateral de um dos pés por detrás dos calcanhares do suspeito para travar-lhe os movimentos da perna, e o braço do mesmo lado da perna na região lombar, atentando que deve ser o lado oposto ao de uso da arma realizando uma busca ligeira nas costas e linha de cintura do suspeito com intuito de localizar possível arma escondida. Em seguida, coloque imediatamente a algema, se for o caso, conforme exemplo da figura acima.

Após algemar um dos braços, leve-o para trás segurando entre as algemas, pois se o infrator tentar reação contra o policial este poderá utilizar a algema para imobilizá-lo. Algame o outro braço em seguida e, após isso, efetue uma busca completa ou minuciosa dependendo da gravidade da situação, assegurando à equipe que o risco foi reduzido. O policial que algemou faz a condução do suspeito.

Abordando a partir da posição de joelhos, determine que o suspeito se posicione de costas para a equipe, ajoelhado com as mãos acima da cabeça, os dedos entrelaçados e pernas cruzadas. Determine que ele olhe para você. (Este tipo de posição só deve ser usada para os casos citados no item b) na abordagem partindo da posição de pé.





Seu companheiro, em seguida aproximando-se do suspeito, pelo lado oposto, coloca o pé entre os pés do suspeito.

Fazendo a busca, segure firmemente com uma das mãos as mãos do suspeito (dedos entrelaçados), realizando uma busca ligeira nas costas e na linha da cintura e, na sequência, algeme-o se for o caso. Depois de algemado, realize uma busca completa ou minuciosa conforme já exposto. Se o suspeito tentar alguma reação durante a imobilização, você deve empurrá-lo para frente, afastando-se rapidamente para a retaguarda e avaliando a necessidade de escalar o uso da força.

Ao abordar, optando que o suspeito fique na posição deitado, deve determiná-lo que deite de decúbito ventral (barriga no solo), com os braços abertos, palmas das mãos voltadas para cima, pernas cruzadas e flexionadas. (Este tipo de posição só deve ser usada para os casos citados no item b) na posição de pé.

Em seguida, seu parceiro aproxima-se do suspeito, colocando um dos pés entre os joelhos do abordado, sendo o contrário ao de uso da arma, utilizando-se do próprio joelho para pressionar e evitar que o suspeito descruze as pernas.



Faz-se a busca ligeira nas costas e linha da cintura, algemando-o em seguida, se for o caso. Depois de algemado, realize uma busca completa ou minuciosa conforme já exposto. Se o suspeito tentar alguma reação durante a imobilização, você deve empurrá-lo, afastando-se rapidamente para a retaguarda e avaliando a necessidade de escalar o uso da força.

Se possível, **toda abordagem a suspeitos deve ser planejada previamente**. Para proceder ao planejamento você deve levar em conta os tópicos abaixo e lembre-se que o melhor local para efetuar a busca no suspeito e colocá-lo na posição escolhida deve ser na área de segurança:

- a) Quem irá verbalizar com os suspeitos;
- b) Em qual local o suspeito será abordado;
- c) Como o suspeito chegará até o local de busca;
- d) Se o suspeito estará visível quando alcançar o local da posição para a abordagem;
- e) Se há obstáculos no local da abordagem;
- f) Qual posição é mais adequada para a abordagem; exemplo: em local com capim muito alto seria melhor de pé, pois permaneceria visível;
- g) Se há cobertura para todos os envolvidos, policiais e suspeitos;
- h) Se é possível, aos policiais e ao suspeito, deslocarem-se com segurança até o grupo encarregado de receber o preso;
- i) Se existe possibilidade de contaminação dos policiais durante a prisão e busca pessoal;
- j) Se existe necessidade de cobertura de outros policiais como, por exemplo: policiais com cães, equipe especial, policiais femininos, etc.

Todo planejamento da abordagem a suspeitos deve levar em conta a sua rendição:

- a) Durante a abordagem verbal.
- b) Durante a aproximação do grupo responsável pela prisão.
- c) Na execução da busca em um edifício, área ou veículo.

Caso o suspeito se renda, adote o procedimento padrão para captura/prisão:

- a) Imobilize o suspeito em uma das posições de busca;
- b) Saiba para onde levá-lo dentro da área de segurança. Algeme-o;

- c) Proceda a busca pessoal. Assegure-se de que cada policial sabe exatamente o que deve fazer;
- d) Conduza-o à autoridade de polícia;
- e) Redija o Boletim de Ocorrência.

A maioria dos aspectos relacionados para as abordagens planejadas são aplicáveis às abordagens fortuitas – considere ainda que não deve haver pressa(e sim segurança) para algemar e prender o suspeito.

A primeira preocupação deve estar no controle da situação e em ganhar tempo para o planejamento dos procedimentos de prisão, caso necessário e se possível fazê-lo.

O controle do suspeito é importante e, se necessário, deve ser prestado todo apoio aos policiais em virtude da segurança. Considere a possibilidade do uso de cães e outras opções táticas.

Os capturados/presos sempre que possível não devem ser transportados do local da ocorrência juntamente com policiais armados.

Considere qual o melhor local e qual a melhor viatura para a condução do suspeito. Não descuide de sua segurança, nem menospreze a situação.

Havendo cooperação por parte do suspeito, não há motivo para o uso de força, abuso verbal ou físico, o que poderá fazê-lo parar de cooperar e torná-lo violento.

Uma vez que o suspeito esteja sob sua custódia, você é o responsável pela segurança dele. Não pratique nem permita maus-tratos, preservando a integridade física e moral, evitando assim que ele se lesione, inclusive, voluntariamente. Se for este o caso, deve-se atentar para os aspectos abaixo:

- a) proteger a cabeça do suspeito quando for embarcá-lo na viatura;
- b) assegurar-se de que as algemas não estão excessivamente apertadas, causando dor ou ferimentos;
- c) evitar o uso excessivo de força ao conter o suspeito, especial cuidado com os forçamentos de articulações;
- d) permitir que ele se assente ou fique de pé em uma posição confortável, ajudando-o, sem descuidar-se da segurança.

CAPÍTULO IV - ALGEMAS

Observação: O estudo deste capítulo deve ser precedido da leitura dos “Princípios Fundamentais” contidos no Capítulo I da Parte I.

Algemas são um importante equipamento que você possui. O correto uso de algemas pode impedir uma agressão, salvaguardando a sua integridade e a do suspeito. A decisão de algemar ou não uma pessoa é uma decisão discricionária do policial. De um modo geral, todo agente de crime deve ser algemado.

Os fatores incluídos na decisão de algemar são:

- a) Possibilidade de fuga;
- b) Possibilidade de agravamento da ocorrência;
- c) Ameaça POTENCIAL a cidadãos ou policiais;
- d) Vida pregressa do suspeito (criminoso reincidente ou pessoa reconhecida violenta);
- e) Proibições legais.

O uso de algemas tem como objetivos primários CONTROLAR o suspeito/agente, prover SEGURANÇA aos policiais e suspeito/agente e REDUZIR o agravamento da ocorrência. O uso de algemas em contraventores ou agentes de crimes mais simples é discricionário. Avalie situação, os riscos, as circunstâncias, tendo em sua mente os objetivos descritos.

Tenha consciência de que o correto uso de algemas mantém o suspeito sob controle e minimiza a possibilidade de agravamento da situação a ponto de se necessitar o uso de um nível superior de força do que o da contenção. Contudo é preciso que o policial avalie a real necessidade de fazê-lo, pois se trata de situação bastante constrangedora, e, nos casos em que as pessoas são apenas suspeitas, deve-se assegurar da fática potencialidade do risco que justifique o uso de algemas. Este equipamento policial não deve ser usado como instrumento de subjugação ou humilhação de indivíduos sob suspeita.

Lembre-se: as algemas não são à prova de fuga e são uns instrumentos temporários. Mantenha o algemado sob constante vigilância.

Para os procedimentos básicos, considere:

- a) algemar o suspeito/agente com as mãos para trás;
- b) posicione suas mãos com as palmas para fora;
- c) evite lesionar o suspeito/agente quando o algema;
- d) verifique as algemas para que não fiquem frouxas ou apertadas em demasia;
- e) tranque as algemas completamente utilizando, seu sistema de travas.

A posição padrão básica para algemar é a posição de joelhos.

A posição para algemar estando o suspeito ajoelhado inicia-se com o suspeito colocando a arma no chão e, em seguida, dando três passos para longe da arma.

Determine que ele coloque a mão sobre a cabeça com os dedos entrelaçados. Determine que ele se ajoelhe. Mantenha-se protegido atrás de abrigo.



Enquanto mantém sua arma apontada contra a massa central, continue utilizando comandos precisos para manter o suspeito sob controle na posição de joelhos. Ordene que o suspeito cruze um pé sobre o outro. Continue mantendo sua arma apontada e aproxime-se controlando visualmente suas mãos. Procure mudar de posição.

Aproxime-se, silenciosamente. Inspeção visualmente a cintura e o restante do corpo procurando identificar e localizar armas.

Com sua mão fraca, agarre os dedos entrelaçados do suspeito. Desloque seu centro de gravidade para frente com a outra mão. É possível, e aconselhável, travar os membros inferiores do suspeito colocando seu pé sobre a planta do pé dele o que limitará ainda mais qualquer possibilidade de reação.



Posicione-se ao lado do suspeito, mantendo sua arma longe dele. Coloque-se numa posição em que seu centro de gravidade esteja abaixado promovendo sua estabilidade. Com a mão fraca, faça o forçamento de articulação, conforme demonstrado.

Algeme a mão do suspeito a que permanece sobre a cabeça primeiro, mantendo-o firmemente seguro através do forçamento no outro braço.

Conduza o outro braço para as costas. Se ele for cooperativo, solicite que abaixe o braço, aproximando uma mão da outra.



Algeme a mão que está segura sem desfazer o forçamento. Se for necessário, sem desfazer a posição, use as duas mãos. Antes de tirar o suspeito da posição imobilizada, reviste-o, com cuidado.

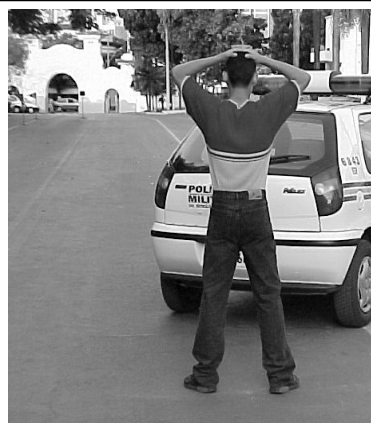


Para erguê-lo, peça-o para se levantar, enquanto mantém o controle. Para conduzi-lo para a viatura, você pode usar um processo seguro de condução (forçando o pulso, por exemplo).

Outra alternativa para a algemar é a **posição pronada(deitado)**.



Partindo de uma posição segura, comande-o a colocar a mão sobre a cabeça, com os dedos entrelaçados.



Determine ao suspeito que se ajoelhe com os joelhos separados.

Ordene então que se deite, com os braços abertos, palmas das mãos voltadas para cima e pernas cruzadas uma sobre a outra. Aproxime-se com cautela, tendo a arma pronta, se ele oferece risco.

Levante seu punho, empurrando as costas da mão com o polegar enquanto puxa o braço para cima com os outros dedos.





Uma vez que tenha uma boa pegada no forçamento de pulso, dobre o braço para trás enquanto mantém a pressão no pulso.

Mantendo a pressão, dobre seu joelho cruzando sobre o ombro e pescoço do suspeito, enquanto retira a algema do cinto.



Continue com a pressão no pulso e comece algemar a mão livre do suspeito. Segure a algema na outra argola, utilizando três dedos.

Neste ponto, você poderá algemar a outra mão, levantando-a um pouco. Mude a pegada agora, mas mantenha o forçamento de pulso.



Ajude o suspeito a se levantar de modo seguro. Você pode fazê-lo segurando-o pelo braço. Coloque-o primeiro assentado.



Com o suspeito de pé, reviste-o com cuidado. Aplique um processo de condução mantendo pressão em seu punho e também no ombro. A posição correta para algemar é mantendo as palmas das mãos do suspeito para fora. Segurando-o dessa forma, você deve pressionar seus dedos e seu braço em caso de resistência. As posições para uso de algema de joelhos ou pronada devem ser utilizadas em situações de alto risco. Se o suspeito é meio-termo ou negativo e apresenta risco para a vida do policial ou para a população, então o emprego de posições seguras será justificado.

PARTE IV - ABORDAGEM A VEÍCULO

CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO

***Observação:** O estudo deste capítulo deve ser precedido da leitura dos “Princípios Fundamentais” contidos no Capítulo I da Parte I.*

A abordagem a veículo é uma atividade difícil e perigosa devido às inúmeras variações e situações que em torno dela gravitam. A falta de padronização de procedimentos para sua execução tem causado uma série de dificuldades no dia-a-dia dos policiais.

Quando nos referimos à abordagem em geral, o assunto imediatamente nos remete a inúmeros policiais mortos e feridos. Você aprendeu a avaliar as abordagens como um problema envolvendo uma “simples contravenção” e “crime violento”, ou, melhor, abordagem de “baixo risco” ou de “alto risco”. A implicação é que somente quando se aborda um veículo que se sabe estar envolvido em crime violento, ou que se trata de um caso de risco, é que se considera estar exposto a forte ameaça. É natural, portanto, reduzir o grau de alerta ao tratar com casos comuns, ou de gravidade relativamente menor. E este “estado de relaxamento mental” costuma levar o policial a subestimar ou interpretar erroneamente os indicativos de perigo.

No decorrer de uma abordagem, utilize o seu tirocínio policial, fazendo uma completa leitura do ambiente, preocupando-se com os transeuntes, comparsas dos suspeitos, trânsito local, linha de tiro, reação dos abordados e tudo aquilo que ponha em risco a vida do público, sua própria vida e do suspeito. É importante que você considere os Estados de Alerta, mantendo uma condição mental adequada para cada situação específica da abordagem a veículo.

Você e sua equipe deverão estar de posse dos armamentos e equipamentos básicos de uma guarnição policial. É de fundamental importância que você utilize os objetos presentes no local como proteção, sabendo que a viatura é o seu equipamento de proteção mais próximo no momento da abordagem.

O bom resultado de uma abordagem a veículo só será alcançado e melhorado com ênfase ao treinamento constante. Os patrulheiros devem estar preparados para quaisquer tipos de reações das pessoas em atitudes suspeitas. Esteja sempre pronto para usar os equipamentos e armamentos com os critérios da legalidade, necessidade, proporcionalidade e conveniência.

Para ter sucesso em uma abordagem a veículo, é necessário fazer o planejamento de todos os procedimentos a serem adotados por parte de cada patrulheiro da equipe.

Para aprimorar as táticas de abordagem a veículos, você deve, primeiramente, mudar a sua forma de pensar. Onde houver razão para acreditar que há potencial de perigo, considere-se em uma abordagem de **alto risco**. Todas as outras abordagens devem ser tratadas como de **risco desconhecido**. Quando você realmente admite que o nível de ameaça é incerto e pode vir a ser bastante diferente do que aparenta inicialmente, então permaneça em alerta para avaliar o risco de maneira precisa.

Na verdade, você não pode tirar conclusões confiáveis sobre o grau de ameaça da maioria das abordagens, até que ela termine e o ocupante do veículo não mais ofereça riscos. Normalmente, não se tem notícia prévia do histórico do suspeito, ou de sua personalidade e estado mental.

Na dúvida, atente para os mínimos detalhes, pois são exatamente estes que põem em risco a vida de um policial no dia-a-dia. Planeje suas ações a todo instante, para que possa agir com convicção e correção. Antes do início do turno de serviço, colha dados da área de atuação, relacionando o “modus-operandi” dos agentes de determinados setores, conversando com os colegas que estão saindo de serviço, ouvindo o relato do transcorrido durante o turno, consultando as informações colhidas pelo setor próprio, e contactando os mais diversos segmentos da comunidade, tais como: frentista de postos de abastecimento de veículos, barbeiros, motoristas, etc.

Tranquilidade é fundamental em momentos como esses. Como não sabemos o que exatamente está ocorrendo, não saque de sua arma quando em perseguição, e **NÃO ATIRE** em direção ao carro em fuga, pois poderá atingir pessoas inocentes e estará demonstrando falta de preparo técnico e emocional. Disparos de arma de fogo do interior de viatura policial em alta velocidade **não** têm precisão razoável, que possa contribuir para a segurança do público, do policial e muito menos do suspeito. Lembre-se que o tiro intimidativo é desaconselhado conforme consta na parte II (Emprego da Força - Pág 53).

A abordagem a veículo requer um estudo detalhado, pois um deslize pode custar a sua vida. Tenha por hábito planejar a abordagem a veículo dentro da viatura, no exato momento que você visualizar ou for comunicado a respeito do veículo suspeito. Em ambos os casos, você está diante do desconhecido e a falta de atenção pode comprometer o sucesso da abordagem. Dentro da viatura, cada policial deve preparar-se para executar a sua missão previamente estabelecida. Durante a sua carreira, você encontrará muitos veículos suspeitos, poucos deles são excepcionalmente perigosos, mas por causa dessa dificuldade de predição, mantenha-se alerta para os riscos desconhecidos. Os veículos poderão estar com quantidade de ocupantes superior ao de policiais presentes. Armas podem estar escondidas não somente com as pessoas, mas também no carro.

Durante o radiopatrulhamento/rastreamento, caso você depare ou anote um veículo suspeito mantenha a distância de segurança. Esta providência (distância entre o carro suspeito e a viatura policial) enquanto faz o acompanhamento, é fator importante e cabe a você, policial, saber o momento de aproximar e distanciar do veículo suspeito, conforme as circunstâncias de riscos se apresentem. Ainda que haja disparos por parte dos marginais em direção à sua viatura, não responda a esses tiros disparando as suas armas. A sua segurança esta vinculada ao distanciamento da viatura e não aos eventuais disparos efetuados pelos policiais em direção ao carro em fuga. A articulação de meios em apoio, tais como: viaturas, motos policiais, helicóptero e outros, bem coordenados através de rede de rádio para o cerco e interceptação, é o recurso técnico policial mais adequado para solucionar esta situação.

Lembre-se de que o veículo a ser parado pode ter sido tomado de assalto e este delito pode ter sido praticado pelo próprio passageiro. Isto acontece, particularmente, quando as pessoas em atitudes suspeitas estão bêbadas ou drogadas. E ainda a possibilidade de haver uma vítima no interior do porta-mala do veículo em fuga.

Abordagem a veículo pode se dividir em duas categorias: **Alto risco** é quando as pessoas em atitudes suspeitas têm a posse de armas, são violentas ou procuradas pela polícia. **Risco desconhecido** é aquela situação caracterizada por todo veículo parado, quer em procedimento normal de fiscalização de trânsito, quer quando seus integrantes praticaram atos ilegais no trânsito ou cometeram qualquer espécie de delito.

CAPÍTULO II - AVALIAÇÃO DOS RISCOS

Observação: *O estudo deste capítulo deve ser precedido da leitura dos “Princípios Fundamentais” contidos no Capítulo I da Parte I.*

A avaliação dos riscos enfrentados durante uma abordagem deve ser feita tão logo você decida efetuarla. Algumas experiências mostram que, se você não se preparar mental e fisicamente para uma ameaça em potencial, estando na condição mental adequada, dentro de 5 segundos você pode estar desperdiçando uma vantagem e desse modo colocando em risco sua segurança. Uma avaliação prévia irá orientá-lo quando iniciar ou não a abordagem, e, se positivo, escolhendo a melhor tática para fazê-la.

a) **Qual a natureza das infrações cometidas pelos ocupantes do veículo?** Pense em termos de ameaça em potencial, não apenas no tipo penal. Leve em conta as suas suspeitas sobre a infração, bem como a respeito do que você pode ser alertado. Os indícios visíveis e as informações do rádio-operador podem não refletir a situação como um todo. Respeite o seu tirocínio policial e sua experiência profissional.

b) **Quantas pessoas em atitudes suspeitas estão visíveis de imediato no interior do veículo?** O número de pessoas representa o número de Pontos de Foco que você terá que solucionar. O porte físico das pessoas, sexo, idade, humor e sobriedade são fatores importantes para avaliar a sua capacidade de controle. Independente do crime cometido, ou de qualquer indício de perigo, os números, por eles mesmos, podem justificar um pedido de cobertura. Conte visualmente as pessoas em atitudes suspeitas e todas as vezes que olhar para o veículo suspeito torne a contá-las. Em abordagens de alto risco, principalmente, lembre-se da seguinte regra: Imagine que sempre há mais pessoas em atitudes suspeitas presentes além daquelas que pode ver. Lembre-se ainda de considerar a possibilidade de existir pessoas presas no porta-malas (geralmente vítimas).

c) **Qual é o comportamento das pessoas em atitudes suspeitas?** Linguajar impróprio; gestos obscenos; movimentos dissimulados (principalmente no porta-luvas, sob o banco dianteiro, debaixo do console, no quebra-sol, ou laterais das portas – locais preferidos para se esconder armas); tentativas de mudar de lugar dentro do veículo; e recusa a obedecer às suas determinações. Todos estes sinais de perigo desafiam o seu objetivo de manter o controle da situação. Tenha o cuidado de não estereotipar comportamentos. A maioria dos policiais está condicionada a associar o perigo com movimentos repentinos, violentos e não avalia a possibilidade de risco vindo de outra forma. Especial cuidado com as ocupantes do sexo feminino que podem ser utilizadas para distrair a atenção dos policiais que costumam relaxar sua atenção diante de mulheres atraentes. Também esteja atento para a maneira com que o motorista posiciona o veículo suspeito. Os delinquentes contumazes (mais experientes), ao serem abordados, estacionam seus veículos com ângulo de 45° em relação à viatura. Tal procedimento lhes dá um campo aberto para atirar contra os policiais quando estes saem da viatura, sem que os agressores tenham de se virar no assento. Se um suspeito “comum” agir como se estivesse em uma situação de alto-risco, colocando as mãos para cima quando você o abordar, não determine que o desfaça automaticamente, com nervosismo ou confusão. Lembre-se de que ele sabe muito mais sobre quem você é. E ele pode acreditar que você também saiba, estando, portanto, agindo de acordo com a situação que conhece melhor.

d) **Que tipo de armas estão envolvidas?** Não se esqueça das armas longas transportadas nos portamalas dos veículos. Elas podem não ser o tipo de arma usada por criminosos, contudo são úteis e de fácil acesso, e devem ser reconhecidas taticamente, jamais ignoradas como fazem os policiais que sofrem a “síndrome do bom rapaz”. Nas abordagens de alto risco, pode ser passada informação sobre o armamento utilizado no crime que gerou a ação policial. Compare a possível quantidade e tipo de tais armas, de forma realista, em relação ao que você possui. Há uma regra importante aqui: sempre considere que há mais uma arma de calibre maior, em relação ao que você encontrou com os suspeitos.

e) **Que tipo de veículo está envolvido?** Alguns veículos oferecem maior risco que outros. Dependendo do automóvel, sua estrutura pode oferecer maior proteção para quem quer que esteja em seu interior, maior possibilidade de esconder pessoas e/ou armas, ou esse veículo pode oferecer extensão tal, que você não consiga manter sob vigilância todo ele, enquanto se aproxima. Automóveis altos ou baixos podem colocá-lo em desvantagem para verificar o seu interior, ou para se mover até a porta do motorista. Acessórios como espelhos convexos e vidros escurecidos podem limitar o seu efeito surpresa.

f) **Que riscos o ambiente oferece?** Regiões onde existem bares, conjuntos habitacionais, parques públicos, favelas, lanchonetes de comida rápida e assemelhados estão repletos de pessoas que possam interferir e complicar a ação policial. Vendedores ambulantes (pessoas) que podem ser atraídas pelo som, luzes e ação de sua abordagem. Se hostis, podem apresentar mais perigo que o motorista do veículo suspeito.. Além das multidões, leve em conta as árvores, hidrantes, rochas e outros abrigos que podem estar disponíveis, sejam para você ou para o suspeito. Não descarte as características do terreno, tais como curvas e colinas, que podem acrescentar risco ao fluxo e segurança do trânsito.

g) **Qual é o meu potencial nesta situação?** A sua avaliação é como um jogo de baralho. Você está avaliando as cartas que conhece – as viaturas em apoio, suas armas, sua munição, sua cobertura, sua estratégia – contra o que você vê, ou presume que o seu oponente possua para jogar. Em uma questão de segundos, esta verificação pode ajudá-lo a perceber o nível inicial de ameaça e selecionar a tática que entender ser adequada. Uma vez que decidiu abordar, mantenha em mente a importante questão, o tempo todo: **AS COISAS ESTÃO DA MESMA FORMA QUE PENSEI QUE ESTIVESSEM QUANDO A ABORDAGEM COMEÇOU?** Se a qualquer momento as circunstâncias mudarem e ocorrer uma escalada do nível de ameaça, adapte os seus procedimentos. Pense nos critérios de uso progressivo da força. Não se mantenha inflexível em uma proposta que pode não ser mais válida.

CAPÍTULO III - USO MÍNIMO DA FORÇA NA ABORDAGEM A VEÍCULO

Didaticamente, vamos nomear este tipo específico de abordagem como sendo veículo no policiamento de trânsito, por ser impossível abranger todas as situações de abordagem imagináveis. Os procedimentos descritos neste capítulo são apenas instruções genéricas.

Algumas vezes será necessário variar estes procedimentos para se ajustar a circunstâncias particulares, uma vez que qualquer abordagem a veículo na fiscalização de trânsito possui o potencial de tornar-se uma ocorrência de alto risco, em decorrência das atitudes das pessoas em atitudes suspeitas dentro do veículo. Um procedimento importante a ser adotado é garantir a segurança dos transeuntes que estejam nas proximidades do local, próximo do policial, do suspeito e, por fim, a segurança da via. Os componentes da guarnição devem utilizar todos os aspectos estudados durante o treinamento, como também a experiência e as habilidades adquiridas durante a sua carreira. Nesse sentido, para serem bem sucedidos, os policiais devem, primeiro, estar mentalmente preparados, exercitar a autodisciplina, usar as táticas e práticas do trabalho em equipe.

Os policiais escalados no patrulhamento devem discutir as táticas e a forma de trabalho em equipe para solucionar situações operacionais, ainda que estejam na ocorrência principal ou em cobertura. Devem refletir sobre os possíveis problemas buscando soluções adequadas.

Aplique, em cada abordagem, os seguintes procedimentos iniciais:

- a) Certifique-se de que há suspeita suficiente para a abordagem;
- b) Anote a placa e uma rápida descrição do veículo, utilize o rádio para comunicar com a central de comunicações;
- c) Verifique se há alguma queixa sobre furto do veículo;
- d) Se for viável, aguarde pela informação da placa antes de iniciar a abordagem;
- e) Reduza a distância do veículo a ser abordado um pouco antes de acionar as luzes de emergência (giroflex);
- f) Comunique a central de operações a sua localização e direção de tráfego;
- g) Mantenha os ocupantes do veículo sob suas vistas;
- h) Antes de iniciar a abordagem, quando houver vários ocupantes no veículo suspeito, avalie se é necessário o pedido de uma outra viatura em cobertura.

No local da Abordagem, proceda como abaixo:

- a) Dê conhecimento à central de operações a sua localização exata;
- b) Procure parar o veículo suspeito em um local fora do tráfego e a viatura em uma posição de 45° em relação ao veículo abordado;
- c) Esteja atento quanto às possíveis rotas de fuga, tais como becos, vielas e outras;
- d)

- e) Evite abordar próximo a locais onde possa se formar agrupamento de pessoas hostis ao seu trabalho;
- f) À noite, e quando possível, escolha locais já conhecidos e com luminosidade favorável;
- g) Evite áreas com prédios que possuam vidraças refletivas, elas poderão anular a sua vantagem tática;
- h) Se necessário peça para a central de operações auxiliá-lo a direcionar o suspeito para o local que você deseja abordá-lo, por meio do conhecimento da geografia urbana.

Procedimentos de Abordagem:

- a) Quando estiver próximo o suficiente para efetuar a abordagem, e estiver a uma distância adequada, acione as luzes de emergência. Durante o dia, a abordagem a veículos deve incluir o uso de sinais luminosos, da mesma forma que durante a noite;
- b) Aproxime-se pela traseira, mantendo a viatura numa inclinação de aproximadamente 45° graus do veículo a ser abordado;
- c) Mantenha a viatura policial a uma distância equivalente a de um veículo(+/- 6 metros) entre a viatura e o veículo abordado;
- d) Deixe a viatura desligada, com o freio de mão puxado.

Ao fazer a Aproximação para a abordagem:

- a) Avalie o local da abordagem e permaneça alerta. Procure observar as ações do motorista. Você, na condição do Policial 1, destrave a porta da viatura e deixe o microfone do rádio sobre o assento. Sempre leve o seu rádio (HT) quando sair;
- b) Se o comportamento do motorista parecer-lhe de risco, não se aproxime. Solicite o apoio de uma viatura e relate a situação. Para sua segurança, mantenha o controle visual das mãos do suspeito. Permaneça na viatura, coberto. Determine aos ocupantes que permaneçam no interior do veículo com as mãos claramente visíveis. Ao chegar a segunda viatura, determine ao(s) suspeito(s) que saia(m) do veículo e o(s) conduza verbalmente a uma área de segurança, fora do fluxo de trânsito.
- c) Permaneça atento ao trânsito, enquanto estiver fora da viatura e seja cuidadoso ao efetuar a abordagem. Se o motorista aparentar estar procurando documentos, esteja atento e aguarde até que cessem os movimentos. Se as mãos do motorista não estiverem visíveis, peça educadamente que as coloque no volante. Um comportamento cortês é essencial para uma entrevista bem sucedida, mas você deve manter-se atento.



d) Antes de deixar a viatura, determine que o suspeito desligue o veículo, e antes de sair da cobertura oferecida pela porta da viatura, mantenha um contato visual com as mãos do suspeito. Se elas estiverem escondidas, peça-lhe que as coloque sobre o volante, de forma que você possa monitorá-las;



e) Como o Policial 1, aproxime-se pela esquerda do veículo suspeito, abordando verbalmente o motorista. Determine que ele coloque as mãos num local visível, para maior segurança de ambos. Evite transitar entre a viatura e o veículo suspeito. Certifique-se de que o porta-malas esteja trancado e observe o banco traseiro do veículo suspeito, com o objetivo de identificar qualquer outro ocupante, ou possíveis armas;

Se o motorista sair do veículo quando você se aproximar, conduza-o verbalmente para um local seguro, fora do fluxo de trânsito. O Policial 2 adotará o mesmo procedimento do Policial 1, com o detalhe de que se deslocará pela direita do veículo suspeito, procurando aplicar o princípio da triangulação.

f) Se houver indicativos de que exista segurança no deslocamento a pé, você pode pôr a mão sobre a sua arma, ao início do deslocamento, como se a estivesse ajeitando, ou protegendo-a. Este procedimento é chamado de **localização da arma**, e o prepara para sacá-la no menor tempo possível. Outra opção para cuidado extra é trazer a arma na mão, na posição N.º 2 (sul - velada). O motorista não a verá enquanto você se aproxima, e se você perceber que não há ameaça, é possível recolocá-la no coldre enquanto o motorista procura por documentos;

g) O seu objetivo na abordagem é estar em uma posição que não ofereça ameaça para o bom cidadão comum, mas que seja desencorajadora para os possíveis agressores. A proposta deve parecer uma abordagem casual, mas que, de fato, está fundada em fortes táticas de proteção;

h) Raciocinando de maneira tática sobre a sua abordagem, considere a área imediatamente à esquerda do veículo abordado, dividida em quatro **Zonas de Ameaça**. São áreas geográficas nas quais você está vulnerável ao ataque quando se aproximar do motorista abordado.

Cada uma abriga ameaças específicas a você, conforme princípios da física e fisiologia que estão envolvidos no desfecho de agressão, partindo de dentro do veículo. Você deve evitar algumas dessas áreas, outras requerem um bom respaldo tático para mover-se em segurança.

Contudo, tal conceituação não deve ser confundida com os aspectos de: área de segurança, área de risco, ponto de foco e ponto quente, haja vista que as zonas de ameaça estão automaticamente inseridas no

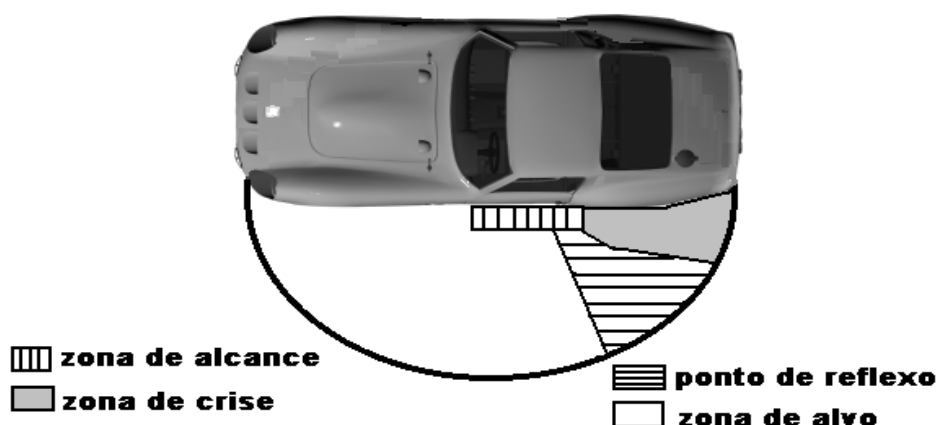
contexto da área de risco. Tal divisão é um detalhamento mais apurado na situação de aproximação do policial durante a execução da abordagem propriamente dita no veículo suspeito.

1) A **Zona de Crise** é uma faixa de aproximadamente 50cm de largura (mais ou menos um corpo humano), que se inicia na altura do pára-choque traseiro do veículo abordado e geralmente termina em torno de 25cm antes da janela do motorista. Quando há passageiros no banco traseiro, esta faixa termina 25 cm antes da janela do passageiro.

2) A **Zona de Alcance** é a área compreendida ao alcance de um braço, ou a partir de onde termina a **Zona de Crise**.

3) O **Ponto de Reflexo** é a área compreendida da janela do motorista (ou do passageiro) a um ângulo de 45°, indo até a **Zona de Crise**, onde termina.

4) A **Zona de Alvo** é a área que se inicia ao junto com o **Ponto de Reflexo**, indo em semicírculo até a frente do pára-lama dianteiro esquerdo.



Aproximando-se ou permanecendo em pé no Ponto de Reflexo, ou Zona de Alvo, você se faz alvo extremamente vulnerável ao ataque de arma de fogo, partindo do assento do motorista do veículo abordado. É necessário pouco movimento do motorista além de apontar e apertar o gatilho. Se a janela estiver aberta, ou se ele abrir a porta, não haverá barreira física que o atrapalhe. Um ataque pode ocorrer em questão de segundos.

Evitando as áreas mais vulneráveis e abordando pela Zona de crise, pelo menos você força o suspeito a trabalhar – e a demorar mais – para tentar agredi-lo. Em termos biomecânicos, um suspeito canhoto terá extrema dificuldade para atirar. Mesmo para aquele que seja destro, será necessário girar a parte superior do corpo e movimentar o braço para alcançar o ângulo correto. Além disso, o suspeito estará sob intenso estresse, sujeito a alta dose de adrenalina que, provavelmente, irá confundi-lo. As experiências têm mostrado que, no apressado esforço para atingir o policial na Zona de Crise, a maioria dos primeiros disparos tendem a acertar a coluna da porta, ou são efetuados prematuramente para dentro do Ponto de Reflexo. Se você está mais próximo ao veículo, terá, então, um tempo a mais para se proteger e reagir.

A **Zona de Crise** é a área de alto risco para você, como o próprio nome indica. Se o motorista ou um passageiro realmente procurar mover-se para oferecer qualquer ameaça, você terá limitado sua oportunidade para realizar qualquer movimento de proteção. Quanto mais afastado você estiver do veículo, mais exposto ao

perigo estará. Ao se distanciar do abordado, você estará diminuindo a necessidade de movimento do suspeito para efetuar disparos, e estará vulnerável a acidentes de trânsito. Caso esteja ao lado do pára-lama traseiro e for atacado, você poderá saltar sobre o porta-malas e rolar para o outro lado do veículo. Mas se estiver além desse ponto, o próprio veículo irá impedi-lo de fugir para a direita. Caso resolva deitar-se, o agressor terá apenas que fazer um pequeno ajuste no espelho para mantê-lo na linha de tiro. Se resolver virar-se e correr, haverá o carro abordado e a viatura de um lado, e o trânsito do outro, os quais impedirão que corra da maneira adequada. A menos que não exista trânsito, o único local que lhe dará chances de fazê-lo mudar o ponto de visada é o espaço entre o veículo abordado e a viatura.

A verbalização com os ocupantes do veículo reduz a sua exposição, posicionando-se à retaguarda da porta do suspeito, ou à retaguarda da coluna da porta. Se fizer a aproximação pela porta do passageiro, posicione-se à retaguarda da porta.

Permaneça atento ao tráfego, seja veicular ou de pedestres. Retorne para a viatura, no lado do passageiro, sem dar as costas para o suspeito.

Se for necessário aplicar multa, preencha-a posicionando-se por detrás da porta do passageiro, na viatura. Mantenha-se atento quanto a outros locais cobertos nas imediações. Não se assente no interior da viatura enquanto preencher o talão de multas. Ao utilizar o rádio da viatura para verificar a carteira de motorista ou outros dados, esteja atento à aproximação de pedestres alheios à abordagem.

Após o preenchimento da multa, ao aproximar-se do suspeito, proceda como se executasse uma nova abordagem. Não presuma que o prévio comportamento cooperativo do suspeito irá se manter.

Após retornar à viatura, se necessário, dê assistência ao veículo abordado quando este for retornar à via de trânsito.

Na hipótese de não haver passageiro no banco de trás e que você queira estar exatamente na direção da coluna central do veículo, permaneça um pouco afastado do carro (para que não corra o risco de ter sua roupa presa ao pára-choque caso o suspeito tente arrancar com o veículo) e voltado de frente para o seu interior, caso seja destro, girando ligeiramente o tronco para a esquerda. A arma deve ser mantida longe do motorista. Este posicionamento é melhor que a forma com ângulo de 90° em relação ao carro e obviamente melhor que a posição paralela, alinhada com a janela do motorista. Em ambas as posições, são necessários poucos esforços para disparar contra o policial. O suspeito sequer necessita colocar a arma para fora da janela.

Com a posição paralela ao veículo e afastado da janela, você não se apresenta como amplo alvo e seu corpo estará fora das zonas de maior risco. Da perspectiva do motorista, é difícil mover-se até para atirar lado a lado. Embora pareça ser fácil, durante a simulação (treinamento), você poderá comprovar, pois os ângulos envolvidos e a obstrução que o próprio veículo oferece impedem que o motorista aponte a arma direto para você.

Estando na posição, anuncie, imediatamente, o motivo de sua abordagem. Desta forma, as tensões serão reduzidas, tratando-se de um cidadão comum, e pode prevenir uma reação violenta em se tratando de criminoso. Uma pessoa que tenha acabado de cometer um crime, ou que seja procurada, pode imaginar que foi parada por ter sido identificada, enquanto, na verdade, você apenas a identificou cometendo uma violação de trânsito. Caso você realmente saiba, ou suspeite de algo mais sério, não se aproxime do veículo. Neste caso, adote os procedimentos de alto risco.

Mantenha a arma localizada (com a mão sobre ela) e peça ao motorista para lhe dizer onde se encontra a carteira de habilitação, antes de solicitar que a apanhe.



Assim será mais fácil avaliar os seus movimentos, pois qualquer movimento em outra direção deverá ser interpretado como comportamento de risco. Use a sua mão livre para receber o documento.

Ao progredir pela Zona de Crise, considere a sua vulnerabilidade e tenha em mente a consciência da vantagem em relação ao motorista.

Durante o dia, pode-se determinar que o motorista vire os retrovisores para dentro, antes que saia da viatura; à noite, o farol alto da viatura, ou “spotlight”, farol de mão, pode ser direcionado para ofuscar a visão do abordado, de forma que não poderá ver nada sem ter de se virar. Certifique-se de que não há ninguém escondido no porta-malas, apenas toque as frestas para verificar se está aberto ou fechado, verificando o alinhamento de um lado para outro, sem bater as mãos sobre ele. Desta forma, evita-se denunciar a posição, pois se forçar o porta-malas a sua posição será denunciada, não apenas para aqueles que estão sentados no interior do veículo, mas também para aquele que possa estar escondido no seu interior. Este último pode facilmente atirar através da lataria e acertá-lo.

Caso a inspeção dos assentos traseiros denuncie a presença de algum passageiro escondido, e na sua avaliação ofereça risco, NÃO continue a busca. Afaste-se, mesmo que seja retornando para a viatura, ou deslocando-se para outra posição coberta. Em seguida, determine a pessoa que estava escondida que se faça visível, expondo suas mãos. Sob tais circunstâncias, você pode correr rapidamente para entre os veículos, posicionando-se da forma como explicado. A probabilidade de o motorista ligar o motor e dar ré para cima de você é muito menor que a possibilidade de alguém que se encontra escondido no banco de trás agredi-lo de alguma forma.

Havendo um ocupante no banco de trás, aproxime-se pela janela traseira e determine ao motorista que lhe entregue os documentos via passageiro, evitando, assim, tornar-se alvo deste último.

Alguns policiais gostam de ir até a altura do pára-brisa, voltando-se de frente para o motorista, argumentando que podem ver melhor as suas mãos e, também, ver o trânsito que se aproxima. Contudo, considere que esta posição o deixa enquadrado na Zona de Alvo. Dependendo do modelo do veículo do suspeito, às mãos podem não estar tão visíveis quanto se imagina, principalmente quando houver passageiros no banco de trás. Caso um ocupante, sorratamente, faça algum movimento de risco, as suas possibilidades de proteção estarão muito reduzidas.

A abordagem pelo lado direito exige cuidado extra para não denunciar a sua posição. Lembre-se: de dentro do veículo o lado direito constitui alvo amplo e Zona de Reflexo que com antecipação, é mais fácil para o motorista disparar em sua direção que se estivesse do lado esquerdo.

Se estiver trabalhando com um colega, inicialmente apenas um deve se aproximar do carro, visando impedi-los vocês de adentrar na Zona de Letal simultaneamente. Uma das opções é um policial fazer a aproximação, enquanto o outro permanece ao lado da porta da viatura, com acesso livre ao rádio e ao

armamento pesado. É necessário que vocês se comuniquem por meio de códigos ou sinais, os quais dificultarão a compreensão por parte dos ocupantes do veículo. Uma vez que se determinou não haver perigo, o segundo policial pode deslocar-se para próximo da traseira do veículo, do lado direito, de onde poderá manter os ocupantes sob vigilância, tendo um diferente campo de visão do interior do veículo.

Outra alternativa, especialmente à noite, é que a abordagem inicial seja feita pelo Policial N.º.2, aproximando-se pelo lado do passageiro quando procurará verificar o máximo possível do interior do veículo, sem ser percebido. Ele então sinalizará para o policial N.º.1 que está na direção da viatura para que se aproxime pelo seu lado. Assim que o policial N.º.1 estiver prestes a adentrar a Zona de Crise, o policial N.º.2, do lado direito, baterá na janela, chamando a atenção dos ocupantes para o seu lado. O Policial N.º.1 avançará rapidamente para a posição de contato com o motorista. Em seguida, o Policial N.º.2 se posiciona adiante, ao lado do pára-lama dianteiro, retorna para a viatura, ou permanece em posição de apoio, monitorando toda a abordagem.

Com um policial em cada lado do veículo abordado, obviamente, há maior capacidade de controle.

Para preenchimento da autuação, utilize o banco dianteiro da viatura, assentado do lado do passageiro. Você está menos propenso a se expor à linha de tiro do suspeito do que se estivesse no assento do motorista. Mantendo-se o talonário na altura dos olhos, ao invés de sobre a perna, o que o forçaria a abaixar a cabeça, você poderá ter uma boa visão periférica da Área de Problema e Áreas de Responsabilidade. Mantenha a porta do lado do passageiro sempre aberta para facilitar uma saída rápida. Se alguém se aproximar e tentar bater a porta enquanto estiver no assento do passageiro, você poderá revidar chutando a porta de volta, com força suficiente para derrubar o agressor.

Você terá mais mobilidade física e mais proteção da viatura caso se posicione próximo ao pára-lama traseiro direito, com a porta dianteira do passageiro aberta. Nesta situação, para localizá-lo e atacá-lo, o suspeito terá de fazer movimentos mais explícitos, facilmente detectáveis. Não fique de pé atrás da viatura, permaneça ligeiramente ao lado, para evitar ser atingido por qualquer acidente, provocado por algum veículo desgovernado, ou conduzido por alguém embriagado, que venha a atingir a traseira da viatura.

Estando, então, posicionado desta forma, você é capaz de visualizar sobre o giroflex para manter o veículo suspeito sob contato visual. Caso se inicie uma troca de tiros, basta abaixar-se ao lado do pneu, saindo da linha de visada do agressor. Se desejar, também é possível utilizar o lado direito da traseira do veículo abordado como local para lavar os Autos de Infração, com as mesmas vantagens, caso o motorista seja o único ocupante do veículo.

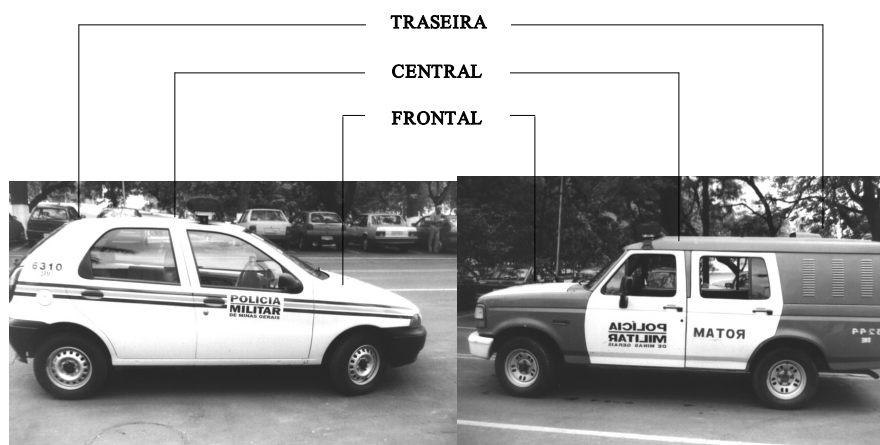
Acima de tudo, não coloque o suspeito dentro da viatura, ao seu lado, enquanto preenche o Auto de Infração. Nesta posição, ele terá pronto acesso a tudo o que você possui e que ele poderá alcançar, provavelmente incluindo a sua arma, e todas as informações que você receber através do rádio, a respeito dele, ao mesmo tempo em que você. Os suspeitos e seus passageiros são imprevisíveis.

Cada vez que se aproxima do veículo suspeito é como se estivesse realizando uma nova abordagem. Não se iluda com a falsa sensação de segurança por já ter feito um primeiro contato. A sua avaliação do nível de ameaça deve ser procedida da mesma forma em um segundo contato, sempre atento a súbitas mudanças que indiquem alteração de risco. O retorno para a viatura também deve ser guiado por procedimentos de segurança.

CAPÍTULO IV - PROCEDIMENTOS TÁTICOS BÁSICOS COM VEÍCULOS

Observação: O estudo deste capítulo deve ser precedido da leitura dos “Princípios Fundamentais” contidos no Capítulo I da Parte I.

Você deve tomar todos os cuidados nas abordagens a veículos assim como nas operações que envolvem suspeitos armados com arma-de-fogo. Há necessidade de aplicar táticas especiais no sentido de minimizar o perigo existente. Um bom procedimento durante a abordagem é fazer uso da segurança que a própria viatura oferece. Essas táticas objetivam, inicialmente, a identificação do veículo suspeito, a sua localização exata, sua contenção e por fim o seu total isolamento das pessoas e outros veículos que não estejam envolvidos na abordagem. Só então, você iniciará a abordagem, neutralizando os suspeitos através dos meios seguros. Veja na figura abaixo as partes da viatura que oferecem segurança para você e sua equipe, no momento da abordagem.

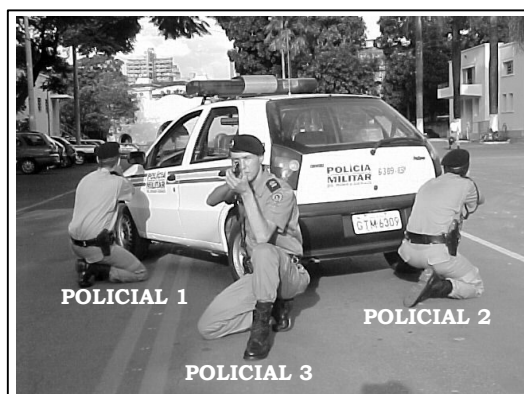


A parte frontal da viatura é o local mais seguro para você se abrigar, pois nela existe o bloco do motor constituído de componentes metálicos capazes de fornecer uma proteção para o policial. Considere este local como primeira alternativa no caso de risco iminente.

Na parte central do carro, a porta, constituída de vidro em sua metade superior e de metal em sua metade inferior, não oferece proteção no caso de um ataque lateral. Melhore sua cobertura mantendo os vidros abaixados, pois dessa forma uma outra camada poderá ajudar a diminuir a velocidade do projétil. Lembre-se que a maioria das latarias dos veículos fabricados no Brasil é feita de chapa de aço prensada, que é muito fina, o que diminui sua eficácia quanto à proteção contra disparos de arma-de-fogo. Mesmo a mais ineficiente munição de uma arma-de-fogo penetrará a lataria de um carro.

A parte traseira, geralmente o porta-malas, não oferece muita proteção, a não ser que esteja carregado com muitos equipamentos. Neste caso também se pode melhorar a segurança, por exemplo, alinhando coletes à prova de bala reservas, escudo balístico ou mantas de kevlar, que podem ser colocados no porta-malas caso você ache viável seu uso em uma operação.

As únicas outras partes do veículo que podem propiciar uma boa cobertura são as rodas. No ângulo correto, a dupla cobertura das rodas podem tornar-se uma proteção contra tiros e minimizar o risco de ricochetes para baixo.



Você posicionará a viatura à retaguarda do veículo suspeito, aproximadamente à distância de um veículo, na diagonal, formando um ângulo de 45° graus, oferecendo à equipe um posicionamento tático adequado de resposta imediata nos casos de tiro, além de uma melhor proteção para a guarnição e facilitar uma saída rápida nos casos de fuga.



No momento em que a viatura parar, a equipe desembarcará rapidamente, assumindo todos os procedimentos táticos básicos em abordagem a veículo. O Policial 1 (motorista) pára a viatura de forma

correta, retira o fone do rádio e coloca-o no seu assento, desce da viatura, fecha a porta, empunha a arma com empunhadura dupla, ajoelha ao lado da roda dianteira esquerda, faz visada para o veículo onde está o suspeito motorista, com atenção voltada para todo o veículo.

O Policial 2 desembarca simultaneamente com o Policial 1, desloca-se para a retaguarda da viatura pelo seu lado direito, toma a posição de tiro de joelho em barricada, com empunhadura dupla e permanece nesta posição até que o Policial 1 faça a verbalização com o suspeito.

O Policial 3(se houver) desce da viatura pelo lado esquerdo, fecha a porta, posta-se de pé atrás da viatura e faz a segurança da retaguarda da guarnição, mantendo sua silhueta reduzida, aproveitando a proteção da viatura.

Se a viatura estiver com quatro policiais, o Policial 3 desembarca pela esquerda e posiciona-se em pé à esquerda do Policial 2 ou à direita do Policial 1, dependendo da situação. O policial 4 desembarca pela esquerda e posiciona-se fazendo a segurança à retaguarda da guarnição.

Uma das primeiras preocupações da equipe ao abordar um veículo em atitude suspeita será colher o máximo de informações de seus ocupantes, como visto no capítulo anterior, sobre as sete perguntas na avaliação dos riscos em uma abordagem a veículo. De posse de tais informações, inicie o plano de ação, verificando qual a melhor forma de abordagem. No local exato da abordagem e estando o veículo parado, comece a abordagem, adotando os procedimentos básicos no posicionamento da viatura e, posicionamento da viatura e, conseqüentemente, a ocupação dos locais estratégicos dos componentes da guarnição policial.

Lembre-se que a distância entre a viatura e o veículo deve estar dentro do alcance prático de tiro para armas de porte (revolver/pistola), podendo variar para cada caso ou situação, pois a viatura deve estar perto o suficiente para atender as regras de segurança dos policiais e propiciar uma eventual reação às atitudes dos suspeitos.



CAPÍTULO V - ABORDAGEM A VEÍCULO SUSPEITO DE ALTO RISCO – I

Observação: O estudo deste capítulo deve ser precedido da leitura dos “Princípios Fundamentais” contidos no Capítulo I da Parte I.

(VIATURA COM 3 POLICIAIS E VEÍCULO COM ATÉ DUAS PESSOAS SUSPEITAS)

Quando, em razão das informações, existe a crença de que os ocupantes de um veículo estejam de posse de armas, ou são violentos, ou são procurados, então esta é uma ocorrência alto risco. Além do conhecimento previamente recebido, você deve ainda observar o comportamento das pessoas dentro do carro à medida que procede a abordagem.

Estando a viatura parada em um ângulo de 45°, a melhor posição tática é do Policial 1. Ele tem a melhor visualização do suspeito no interior do veículo, por isso a verbalização ficará a seu cargo. Caso os três policiais tenham boa visibilidade e estejam aptos a verbalizar com o suspeito, vocês decidem antecipadamente quem irá lidar com a situação, empregando o procedimento de **contato-e-cobertura**, em que um policial apenas faz o contato e os demais dão cobertura. Você pode seguir os seguintes passos:

a) Identifique o motorista;

b) Pratique a verbalização estabelecendo um canal de comunicações entre você e o motorista do veículo suspeito;

c) Identifique-se como autoridade: “– Motorista, do carro..... aqui é a Polícia Militar”.Certifique-se de que ele pode te ouvir;

d) Veja as mãos do ocupante do veículo: “– Coloque as mãos para fora, onde eu possa vê-las”!!!.

e) Certifique se o cinto de segurança está em uso. Caso esteja, determine ao motorista retirá-lo.

“– Motorista, se estiver com o cinto de segurança, retire-o com a mão esquerda bem devagar e coloque-a novamente para o lado de fora”.

f) “– Motorista, retire a chave da ignição e a coloque sobre o teto do veículo”;

g) “– Abra a porta pelo lado de fora com a mão esquerda”;

h) “– Motorista, saia lentamente do veículo, olhe para mim, fique calmo, NÃO REAJA e nada de mal vai lhe acontecer, seus direitos serão garantidos”.

i) “–Mantenha as mãos para o alto, caminhe na minha direção e continue olhando para mim”.
Fique calmo”.



j) Na metade do caminho, determine que o motorista pare. “Motorista, pare, vire-se de costas”. Neste momento você se afasta sem ser visto pelo suspeito e ordena: “Vire-se para mim e caminhe na minha direção. Olhe para mim e mantenha a calma”;

l) Determine ao suspeito que continue caminhando em sua direção até o local exato da busca pessoal. “Caminhe na minha direção e olhe para mim”;

m) Indique a posição para busca e captura na área de segurança. Em se tratando de abordagem de alto risco, é aconselhável que você imobilize o suspeito ao máximo, mantendo o controle sobre ele, se possível, verbalmente. “Ajoelhe-se!” (ou “Deite-se!”, conforme o caso);

n) Quando o suspeito estiver posicionado, você deve alertá-lo sobre a busca pessoal. Isto evitará sustos e movimentos bruscos por parte dele “Fique tranqüilo que meu companheiro dará uma busca pessoal em você”;

o) O Policial que está dando busca coloca a arma no coldre e algema o suspeito, efetuando uma busca ligeira. Neste ínterim o Policial 1 interpela o suspeito, indagando-o sobre a existência de outras pessoas no interior do veículo. Após colher as informações complementares, volta suas atenções para o veículo. Imobilizado o suspeito, o Policial 3 (ou o que deu a busca) ajuda-o a assentar-se, encostando-o na roda traseira esquerda da viatura mantendo-o sob controle visual e verbal, com atenção também voltada aos policiais 1 e 2.

p) O Policial 1 ou Policial 2 desloca-se para o veículo, realizando tomada de ângulo, aproveitando a proteção das colunas traseiras, tendo sempre a arma pronta e verifica se existe mais alguém dentro do veículo. O Policial que se deslocou pega a chave do veículo e abre o porta-malas, cuidadosamente, protegendo-se ao lado do veículo, de maneira que o Policial que permaneceu protegido pela viatura visualiza o porta-malas à distância;



q) Finalizando este procedimento, os Policiais 1 e 2 realizam a vistoria no veículo, enquanto o Policial 3 faz a escolta do suspeito, que permanece assentado atrás da roda esquerda e dianteira da viatura.

Se existirem dois suspeitos dentro do veículo, adote como referência os seguintes procedimentos:

a) Repita os procedimentos de a) até c) na captura de um suspeito;

b) Veja as mãos dos ocupantes do veículo: “– Motorista e passageiro coloquem as mãos para fora, onde eu possa vê-las”;

c) Certifique se o cinto de segurança está em uso. Caso esteja, determine somente ao motorista retirá-lo. “– Motorista, se estiver com o cinto de segurança, retire-o com a mão esquerda, bem devagar e coloque-a novamente para o lado de fora”; “– Passageiro, continue com as mãos para o lado de fora”.

Neste momento, o Policial 2 permanecerá atento às mãos do passageiro que estará também pelo lado de fora, similar ao motorista. Esse controle visual objetiva proteger a guarnição de qualquer ato por parte do passageiro. Caso a ordem do Policial 1 não seja acatada, o Policial 2 intervirá na verbalização, determinando ao passageiro que mantenha as mãos para fora da janela. Esta intervenção não deve, contudo, atrapalhar a missão do Policial 1, que estará verbalizando com o motorista do veículo suspeito;

d) Repita os procedimentos básicos descritos nos itens f) até n) na captura de um suspeito;

e) O Policial 3 coloca a arma no coldre, algema o suspeito e efetua uma busca ligeira. Neste ínterim, o Policial 1 verbaliza com o suspeito já capturado, indagando-o sobre o outro passageiro que está no interior do veículo. Volta a sua posição inicial, de joelhos atrás do bloco do motor;

f) O Policial 2 identifica o passageiro; certifica se o cinto de segurança está em uso. Caso esteja, determine ao passageiro retirá-lo.

“– Passageiro, se estiver com o cinto de segurança, retire-o com a mão esquerda bem devagar e coloque-a novamente para o lado de fora”.

g) “– Abra a porta pelo lado de fora, com a mão esquerda”;

i) “– Passageiro, saia lentamente do veículo, olhe para mim, fique calmo e nada de mal vai lhe acontecer, seus direitos serão garantidos”. Neste momento, o policial coloca-se de pé, para ter um melhor controle do suspeito;

j) “– Mantenha as mãos para o alto, caminhe na minha direção e continue olhando para mim”. Fique calmo”;



l) Na metade do caminho, determine que o passageiro pare. “_Passageiro, pare, vire-se de costas”. Nesse momento, você se afasta sem ser visto pelo suspeito, e ordena: “– Vire-se para mim e caminhe na minha direção. Olhe para mim e mantenha a calma”;

m) Determine ao suspeito que continue caminhando em sua direção até o local exato da busca pessoal. “– Caminhe na minha direção e olhe para mim”;

o) Indique a posição para captura na área de segurança. “Ajoelhe-se! (Deite-se), conforme o caso;

n) Quando o suspeito estiver posicionado no local da busca pessoal, você deve alertá-lo sobre o que vai acontecer. “Fique tranquilo que meu companheiro lhe dará uma busca pessoal”;

o) O Policial 3 coloca a arma no coldre e algema o suspeito, efetuando uma busca ligeira. Neste ínterim o Policial 2 verbaliza com o suspeito, indagando-o sobre a existência de outras pessoas no interior do veículo. Imobilizado o suspeito, o Policial 3 ajuda-o a assentar-se, encostado-o na roda traseira da viatura ou a deitar-se conforme o caso e mantém o controle visual e verbal dos suspeitos;

p) O Policial 2 desloca-se para o veículo, sempre apontando a arma para onde olha, verifica se existe mais alguém dentro do veículo. Pega a chave e abre o porta-malas cuidadosamente, sinalizando para o Policial 1 seu procedimento. O Policial 1 ficará atento ao porta-malas, enquanto é aberto pelo Policial 2;

q) Finalizando este procedimento, o Policial 2 realiza a vistoria no veículo, enquanto os policiais 1 e 3 fazem a escolta dos suspeitos, que permanecem assentados (ou deitados) na traseira da viatura. Lembre-se de evitar que os suspeitos conversem entre eles antes de serem entrevistados pelos policiais.

CAPÍTULO VI - ABORDAGEM A VEÍCULO SUSPEITO E ALTO RISCO – II

Observação: O estudo deste capítulo deve ser precedido da leitura dos “Princípios Fundamentais” contidos no Capítulo I da Parte I.

(VIATURA COM 4 POLICIAIS E VEÍCULO COM ATÉ NO MÁXIMO 3 PESSOAS EM ATITUDES SUSPEITAS)

Os procedimentos básicos e preliminares são os mesmos. Proceda da maneira preconizada ao parar a viatura e empregue os princípios de contato-e-cobertura. A partir daí, proceda como descrito abaixo:

- a) Repita os procedimentos de a) até c) na captura de um suspeito;
- b) Veja as mãos dos ocupantes do veículo: “–Motorista e passageiro, coloquem as mãos para fora, onde eu possa vê-las”;



c) Certifique se o cinto de segurança está em uso. Caso esteja, determine somente ao motorista retirá-lo. “–Motorista, se estiver com o cinto de segurança, retire-o com a mão esquerda bem devagar e coloque-a novamente para o lado de fora”; “–Passageiro, continue com as mãos para o lado de fora”;

Neste momento os policiais 2 e 3 permanecerão atentos às mãos do passageiro que estará também pelo lado de fora, similar ao motorista. O Policial 2 permanecerá de joelhos, enquanto o Policial 3 fará sua

cobertura, estando de pé, ambos atrás da viatura no canto direito. O Policial 4 fará a cobertura da equipe, cuidando do trânsito local, pessoas e edificações nas redondezas do local da abordagem.

d) Repita os procedimentos básicos descritos nos itens f) até n) na captura de um suspeito;

e) O Policial 4 coloca a arma no coldre, algema o suspeito e efetua uma busca ligeira. Nesse ínterim, o Policial 1 verbaliza com o suspeito já capturado, indagando-o sobre o outro passageiro que está no interior do veículo. Volta a sua posição inicial de joelhos, atrás do bloco de motor;

f) O Policial 2 identifica o passageiro;

g) Certifique-se se o cinto de segurança está em uso. Caso esteja, determine ao passageiro retirá-lo. “–Passageiro, se estiver com o cinto de segurança, retire-o com a mão esquerda bem devagar e coloque-a novamente para o lado de fora”;

h) “–Abra a porta pelo lado de fora com a mão esquerda”;

i) “–Passageiro, saia lentamente do veículo, olhe para mim, fique calmo e nada de mal vai lhe acontecer, seus direitos serão garantidos”. Nesse momento, o policial coloca-se de pé, para ter um melhor controle do suspeito;

j) “–Mantenha as mãos para o alto, caminhe na minha direção e continue olhando para mim. Fique calmo”.



l) Na metade do caminho, determine que o passageiro pare. “–Passageiro, pare, vire-se de costas”. Nesse momento, você se afasta sem ser visto pelo suspeito e ordena: “–Vire-se para mim e caminhe na minha direção. Olhe para mim e mantenha a calma”;

m) Determine ao suspeito que continue caminhando em sua direção até o local exato da busca pessoal. “–Caminhe na minha direção e continue olhando para mim”;

o) Indique a posição para captura na área de segurança. “Ajoelhe-se!” (ou “Deite-se!”), conforme o caso;

n) Quando o suspeito estiver posicionado no local da busca pessoal, você deve alertá-lo sobre o que vai acontecer. “–Fique tranquilo que meu companheiro dará uma busca pessoal em você”;

o) O Policial 3 coloca a arma no coldre e algema o suspeito, efetuando uma busca ligeira. Nesse ínterim, o Policial 2 verbaliza com o segundo suspeito, indagando-o sobre a existência de outras pessoas no interior do veículo. Imobilizado o suspeito, o Policial 3 ajuda-o a assentar-se encostado na roda traseira da viatura e mantém o controle visual e verbal do suspeito. Terminado este procedimento, o Policial 2 dá cobertura ao Policial 1 e ambos deslocam-se até o veículo;

p) Os policiais 1 e 2 deslocam-se para o veículo, mantendo a arma na mão e pronta para uso, verificam se existe mais alguém dentro do veículo. O Policial 1 pega a chave e abre o porta-malas cuidadosamente, sinalizando para o Policial 2 seu procedimento. Os dois ficarão atentos ao porta-malas, e protegidos pela lateral do veículo, sendo que o policial 4, estando protegido pela viatura, verificará a abertura do porta-malas. Outra variação pode existir, quando ao invés dos Policiais 1 e 2 deslocarem-se para a abertura do porta-malas, deslocar-se apenas um, sendo que o outro permanece protegido pela viatura para verificar a abertura do porta-malas;

q) Finalizando esse procedimento, os policiais 1 e 2 realizam a vistoria no veículo, enquanto os policiais 3 e 4 fazem a escolta dos suspeitos, que permanecem assentados na traseira da viatura, ou colocados no interior do compartimento fechado da viatura, sempre lembrando de entrevistá-los em separado.

Nenhum transeunte deve cruzar o local da abordagem. A boa educação é fundamental, pois este tipo de atividade, por melhor que seja realizada e discreta, causa constrangimento ao cidadão honesto; mas a energia é sempre necessária: uma atitude firme, bem coordenada e treinada pode inibir uma possível reação que seria tentada se os policiais agissem displicentemente.

Os que não estiverem ocupados com vistoria devem manter as mãos segurando o revólver se estiver na segurança, ou os braços ao lado do corpo.

Se surgirem situações em que o suspeito alegar impossibilidade física de desembarcar, o Policial 1 determina-lhe colocar as mãos para fora do veículo, pela janela, e assim permanecer até que a equipe se aproxime e verifique a veracidade. Mesmo assim, dentro das possibilidades, deve ser revistado, bem como o local que ocupa no veículo.

Algumas abordagens podem ser menos “rigorosas”, considerando as informações recebidas e as próprias observações dos policiais envolvidos. Contudo, fique atento, dependendo da situação, pessoas idosas, mulheres e crianças, por despertarem menos suspeitas, são utilizados para transporte de material ilícito, produtos de crime, ou, ainda, serem utilizados como escudo para uma tentativa de fuga.

No local da revista, fica-se apenas o tempo necessário, mas sem pressa para que nenhum detalhe importante escape à atenção. Caso seja constatado um ilícito, arrole testemunhas, se houver, e conduza todos à Delegacia de Polícia da área, sem perda de tempo. Cuidado com suspeitos agressivos que se recusam a submeter-se à revista e ameaçam a equipe: podem ser simples resistentes da atividade policial, ou estar tentando intimidar os policiais ou desviar sua atenção de algo escondido em seu auto ou vestes. Você deve ser enérgico e educado, alertando para os crimes de desobediência, desacato e resistência, por se oporem ao exercício discricionário do Poder de Polícia e à vistoria realizada.

Em locais abertos, um dos policiais deve estar sempre voltado para a segurança da equipe quanto aos riscos provenientes da área em geral.

PARTE – V - ABORDAGEM EM EDIFICAÇÕES

CAPÍTULO – I - INTRODUÇÃO

***Observação:** O estudo deste capítulo deve ser precedido da leitura dos “Princípios Fundamentais” contidos no Capítulo I da Parte I.*

As abordagens em edificações geralmente podem representar situações de alto risco para o trabalho policial. Os modernos meios de comunicação e transporte permitem a rápida chegada dos policiais ao local da ocorrência onde os suspeitos ainda se encontram, o que eleva a possibilidade de confrontos. Infratores acuados podem fazer de tudo para não serem presos, inclusive serem altamente agressivos.

Considerando o elevado risco potencial e a conseqüente exposição dos policiais, é conveniente que tais abordagens sejam procedidas por equipes especializadas, principalmente nas situações mais complexas que requerem um planejamento apurado.

Por outro lado, sabemos que motivados pelo natural desdobramento das ocorrências, os policiais se vêem obrigados a procederem à varredura em edificações, sob pena de perderem o princípio da oportunidade. Podemos citar os casos mais simples como: - Uma guarnição de rádio patrulha é solicitada para verificar a possível presença de ladrões no interior de uma oficina mecânica cujo proprietário chegou pela manhã, e encontrou a porta arrombada. Ele está com medo de entrar e alega ter ouvido barulhos “estranhos” lá dentro. Situações semelhantes podem acontecer em casas residenciais, estacionamentos e garagens, quintais e diversos outros locais.

Os conceitos que serão apresentados no momento objetivam balizar as ações dos policiais no que se refere às abordagens em edificações, desde os casos mais simples, até os mais complexos. Contudo, não é justificável, para os casos de maior complexidade, dispensar a presença de “equipes especializadas”, conforme uma prévia avaliação de riscos. Assim procedendo, os policiais evitam a improvisação, a precipitação ou o cometimento de desatinos que comprometam a segurança do público e/ou de seus próprios companheiros.

Uma das fases mais importantes da abordagem em edificações é a aproximação do local, por isso tenha em mente que uma aproximação silenciosa favorece a surpresa, podendo impedir ou atrasar a reação do suspeito. Algumas medidas simples concorrerão para isto. Estacione a viatura duas ou três casas antes do local, no mesmo lado da rua em que a casa se encontre. Isto evita que você entre na “área de risco”. Evite fazer barulho para chamar atenção como, por exemplo, sirene, rádio com volume alto (abaixe o volume do rádio da viatura e do portátil-HT), não faça curvas “cantando” pneus nem bata portas. Considere apagar as luzes e desligar o motor da viatura antes da chegada ao local. Sempre avise a “Central” antes de proceder a este tipo de abordagem, forneça detalhes úteis para o caso de chegada rápida de outras patrulhas em cobertura.

Contudo, em algumas situações, é necessário que o policial prepare mentalmente e saiba que a viatura ao chegar ao um local onde está na eminência de ocorrer um crime, precisará ligar a sirene e acionar o giroflex, a polícia estará desta forma alcançando o seu objetivo principal que é a prevenção, e assim o suspeito poderá cessar aquele ato delituoso que possivelmente estará praticando.

Lembre-se que o fato do crime não ser consumado e a comunidade não ser lesada, trás credibilidade na atuação policial, mesmo que o suspeito não seja preso, pois haverá outras oportunidades.

Esteja atento a tudo enquanto se aproxima do local da ocorrência, pois durante esta aproximação lembre-se que pode estar em uma área de risco. Enquanto você se movimenta, utilize o máximo de abrigos e cobertas possíveis, pense taticamente, avalie a ameaça e antecipe soluções. Utilize as técnicas de varredura (olhada rápida / tomada de ângulo) nos cantos, janelas, muros e portas. Não seja apressado: Identifique, Decida e Aja (I-D-A).

CAPÍTULO II - ADENTRAMENTO TÁTICO

***Observação:** O estudo deste capítulo deve ser precedido da leitura dos “Princípios Fundamentais” contidos no Capítulo I da Parte I.*

Embora você deseje uma abordagem a mais discreta possível, alguma vez, antes de entrar na casa onde possa estar um suspeito, após devidamente abrigado, você pode, falar algo como:

- AQUI É A POLÍCIA !! VOCÊ AÍ DENTRO!! ...
- VOCÊ PODE ME OUVIR?...(pausa....repetir...)
- SAIA COM SUAS MÃOS LEVANTADAS!
- NÃO REAJA.... NADA DE MAL LHE ACONTECERÁ...

Essa advertência pode provocar uma rendição voluntária, uma reação desesperada, uma tentativa de evasão e até mesmo, nenhuma dessas opções. O suspeito poderá calar-se na intenção de passar despercebido e enganar os policiais. Não seja impaciente. Se for o caso, repita a advertência, ganhe tempo, pense taticamente e planeje. Lembre-se que o suspeito não tem contato visual com os policiais e vice-versa (se for o caso), o que torna importante verificar se ele está realmente escutando e compreendendo o que a polícia ordena. Sempre que possível, assegure-se que as possíveis saídas estejam protegidas ou vigiadas. É necessário conter e limitar o espaço em que o suspeito se encontra.

Lembre-se que, quando se tratar de adentramento tático, os aspectos legais de inviolabilidade de domicílio devem ser obedecidos como parâmetros para atuação policial, previstos na Constituição Federal, “Art. 5º, XI– **A casa é o asilo inviolável do indivíduo**, ninguém nela podendo penetrar sem consentimento do morador, salvo em caso de flagrante delito ou desastre, ou para prestar socorro, ou durante o dia, por determinação judicial”. Desta forma o policial necessita utilizar bem da verbalização com o suspeito a fim de obter melhor levantamento dos dados a respeito do histórico da ocorrência, de forma a reforçar as medidas que serão adotadas no planejamento.

É importante que você tenha sempre pronto um “esquema”, ou um pequeno plano para o caso do suspeito se render. Muitas vezes, a equipe de policiais se atrapalha em procedimentos simples, justamente porque o suspeito resolveu atender ao que os policiais pediam, ou seja, foi pedido para que ele saísse. Ele saiu! E agora? O que fazer? Quem vai fazer o quê? É necessário ter um esquema previamente combinado entre a equipe. Mesmo que diante da situação fática algo tenha que ser adaptado, os princípios gerais devem orientar cada policial no sentido de prover a segurança do grupo e do próprio suspeito.

Embora algumas técnicas indiquem que a melhor maneira de dar busca em um edifício seja de cima para baixo, dificilmente a maioria dos policiais terá condições de efetuar-la (descer de um helicóptero, rapel ou escalar uma parede). Assim o mais comum será entrar e revistar o primeiro piso e subir através de escadas e, então revistar de baixo para cima. Trave os elevadores no piso mais baixo, bloqueie as saídas, mantenha vigilância nas janelas até segundo ou terceiro andares inclusive (conforme a altura). Reviste um andar de cada vez e, em cada andar, um ambiente de cada vez. Se houver efetivo suficiente coloque um ou dois policiais em cada ambiente revistado, para manter a área de segurança.

Durante os deslocamentos internos, mantenha suas costas protegidas em uma posição de segurança, trabalhando sempre com cobertura. Não desloque para a parte central do ambiente, pois é uma área de risco. Domine primeiro as laterais, e depois com as costas protegidas pela parede, faça a varredura para o centro, priorizando as áreas de risco e explorando abrigos/coberturas:

- A entrada em uma edificação deverá ser feita por no mínimo dois policiais;
- A abertura da porta deverá ser feita da maneira já ensinada, abrindo-a até o final;
- O 1º policial faz a tomada de ângulo, obtendo-se uma visão de profundidade e fazendo uma leitura do ambiente, verificando abrigos, cobertas, pontos de foco, etc; O 2º policial eliminará todos os “ângulos mortos” (pontos onde a visão do 1º policial não conseguiu atingir através da tomada de ângulo);
- Localizando algum suspeito, faz-se a verbalização para a retirada deste do ambiente, trazendo-o da área de risco para a área de segurança;
- Não localizando o suspeito, os policiais iniciarão a entrada no ambiente, utilizando-se de coberturas e abrigos. Dentro do ambiente, eles estarão voltados para solucionarem os pontos de foco e pontos quentes e a partir daí, agirão de acordo com as situações encontradas, até dominarem todo o ambiente.
- Todas as ações de adentramento envolvendo suspeitos, estando estes armados ou não, podem ser enquadradas em duas categorias, dependendo da qualidade de informações recebidas pelo policial.

- PARA LOCALIZAR (IMPRECISA)

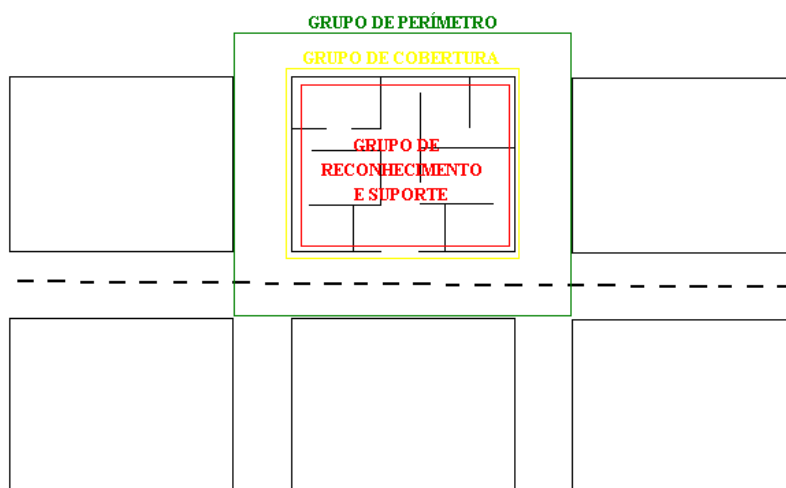
É montada com base em informações acerca de uma pessoa armada ou não, que pode ser encontrada em algum local. Pela ausência do local exato e informações concretas, isso gera dúvida. Por exemplo, pode chegar uma informação que uma pessoa procurada está em uma certa cidade, em uma dentre quatro casas. Nesse caso, a pessoa procurada pode ser encontrada em alguma dessas casas, ou a informação pode não ser verdadeira e o suspeito pode não estar em nenhuma delas, por isso é denominada imprecisa.

- PARA PRENDER (PRECISA)

Operação montada com base em fatos precisos e informações concretas. Por exemplo, uma certa pessoa foi reconhecida por um ato delituoso e sabe-se que está em uma casa exata. O primeiro objetivo de uma operação como essa é isolar o local, localizar o suspeito, o que a torna uma operação de prisão.

Os policiais envolvidos devem ser divididos em três grupos, e o efetivo de cada um deles poderá variar de acordo com a natureza da operação e a avaliação do risco que oferece o cidadão infrator. Em algumas circunstâncias mais simples, cada grupo poderá consistir em apenas um ou dois integrantes, mas sua divisão dessa forma pressupõe que todos os pontos estejam cobertos e que cada pessoa ou grupo saiba exatamente sua missão dentro dos critérios de disciplina tática. Esse procedimento deve ser utilizado sempre que houver duas ou mais viaturas ou equipes de policiais envolvidas.

GRUPOS DE POLICIAIS NA OPERAÇÃO



a) **Grupo de Perímetro** - frequentemente o maior dos grupos operacionais. Eles não estarão diretamente preocupados com o cidadão infrator que é a motivação da ação. Seu propósito é cercar o perímetro da área de operações para manter o público afastado e assegurar aos policiais diretamente preocupados com o infrator a inexistência de curiosos. Alguma fraqueza no controle do público pode permitir pessoas não autorizadas a ter acesso à área e causar complicações.

b) **Grupo de Cobertura** – a composição desse grupo irá variar de acordo com o tipo de operação. Seu objetivo é manter o infrator em uma área específica e assegurar que ele não fuja se algo der errado na operação. Este grupo sempre estará envolvido na fase de contenção da ocorrência. Caso eles estejam na atividade de cobertura desde o começo da fase de contenção, deve-se verificar se este grupo está devidamente instruído a respeito do que irá acontecer durante a operação.

c) **Grupo de Reconhecimento e Suporte** - consistirá de um indeterminado número de policiais, sendo que o mais antigo será o comandante. São as pessoas que manterão contato direto com o infrator.

A equipe de reconhecimento será formada por no mínimo dois policiais: Reconhecimento 1 (R1) e Reconhecimento 2 (R2). O policial que atuará como R1 deverá ser escolhido pessoalmente pelo comandante da operação, enquanto, ele próprio, sempre que possível, escolherá o seu parceiro que atuará como R2 devido à necessidade de um perfeito entendimento e confiança entre eles.

O R1 efetuará todas as varreduras, buscas, verbalizações e reconhecimentos durante a operação. Dependendo de seu tipo, negociações com o suspeito devem ser efetuadas num determinado estágio. Assim, o policial encarregado disso deve ser muito competente e experiente na avaliação. R1 e R2 normalmente fazem a prisão e a busca dos indivíduos suspeitos. A escolha dos policiais para a equipe de reconhecimento deve recair sobre aqueles que sejam mais experientes em operações deste porte. Devem ser ágeis, bons atiradores, inteligentes e que tenham condições de direcionar as ações. R2 deverá dar cobertura e preocupar-se com a segurança do R1 durante a operação, além de levar consigo um rádio.

Os membros da equipe de reconhecimento normalmente manterão contato com pessoas durante as progressões no local da busca, sejam eles suspeitos (armados/desarmados), ou partes possivelmente não envolvidas (inocentes), que serão abordadas primeiramente por essa equipe que, se necessário, passaram as

demais providências de revista e guarda aos membros da equipe de suporte, tudo isto conforme orientação do comandante da operação.

A equipe de Suporte é formada por tantos policiais quanto forem necessários de acordo com as características de cada edificação em particular, S1 (comandante), S2, S3, S4.....); seu trabalho é acompanhar, apoiar e proteger R1 e R2 enquanto a vistoria progride. O comandante da ação, quando possível, deverá assumir a posição de S1, portando um rádio HT para estar em condições de informar aos demais grupos e equipes quanto ao desenvolvimento da situação.

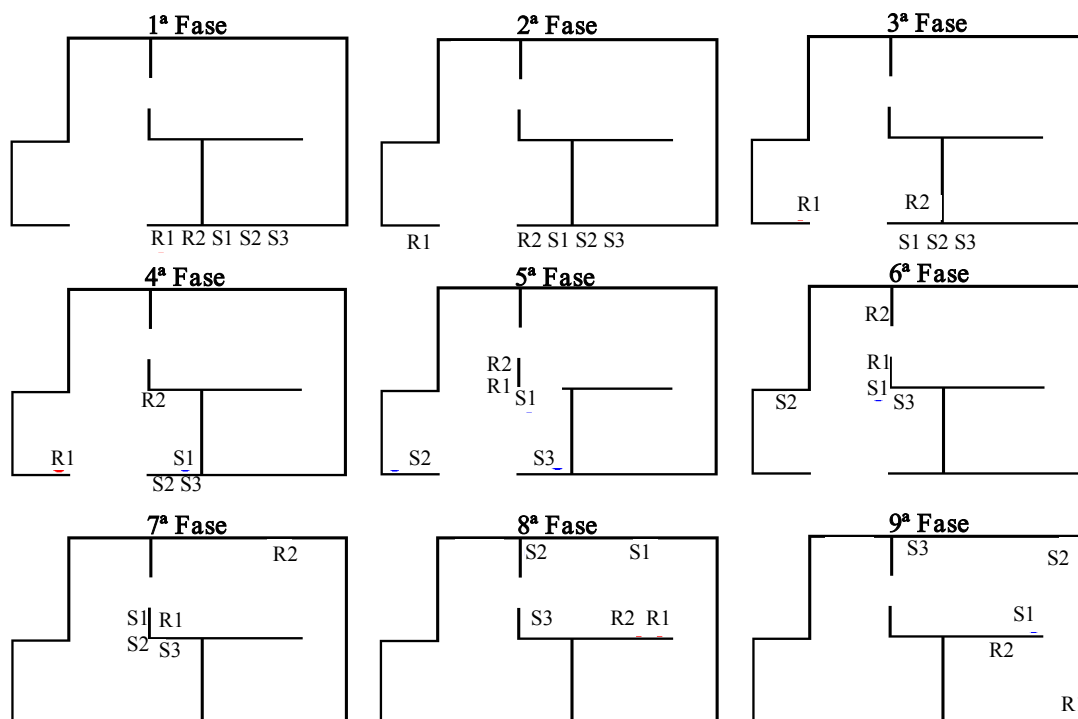
FORMAÇÃO TÁTICA

R1 → Reconhecimento - 1: policial escolhido pelo comandante, mais experiente e mais ágil;

R2 → Reconhecimento - 2: policial escolhido pelo R1, se preocupar-se-á especialmente com a segurança;

S1 → Suporte - 1: é o Comandante, providenciará as medidas operacionais/administrativas para o êxito da missão, procurando manter sempre sua condição de controle das ações dentro e fora do local visado.

S2/S3 e S4 → suportes 2,3,4,.... farão a cobertura da área a ser revista, sempre guarnecendo os policiais que estão à frente, atendendo as orientações do S1.



COMUNICAÇÃO CODIFICADA

Quando os grupos de policiais estão atuando em uma determinada edificação, surge a natural dificuldade no que se refere às comunicações. Por vezes, é importante definir a localização exata de pontos dentro e fora do local da ação. Precisamos rapidamente deslocar os policiais que chegam em reforço, ou alertar o grupo de cobertura que o suspeito esta tentando fugir por uma determinada janela. Se três pessoas são questionadas quanto à exata localização de uma certa porta ou corredor existente num edifício, você

provavelmente receberá três respostas diferentes e igualmente vagas. Para ajudar a solucionar essa dificuldade, os sistemas de códigos apresentados a seguir deverão ser treinados e usados sempre que necessário. Código de cores, código de aberturas e código do relógio.

CÓDIGOS DE CORES

Cada face ou lado do prédio receberá uma nomenclatura relacionada a uma cor.

A edificação por fora e por dentro obedecerá a um código de cores adotado internacionalmente, da seguinte forma:



- A. Lateral esquerda - cor verde
- B. Lateral direita - cor vermelha
- C. Entrada (frente) - cor branca
- D. Fundos da edificação - cor preta

Este sistema deve sempre partir com o BRANCO à entrada do edifício ou o local por onde entrou o infrator; no entanto, se a frente do edifício não é imediatamente aparente, o código BRANCO será atribuído a melhor face do edifício, e as outras cores serão sempre ATRIBUÍDAS EM RELAÇÃO A ELA, ou seja: esquerda verde, direita vermelho e fundos preto.

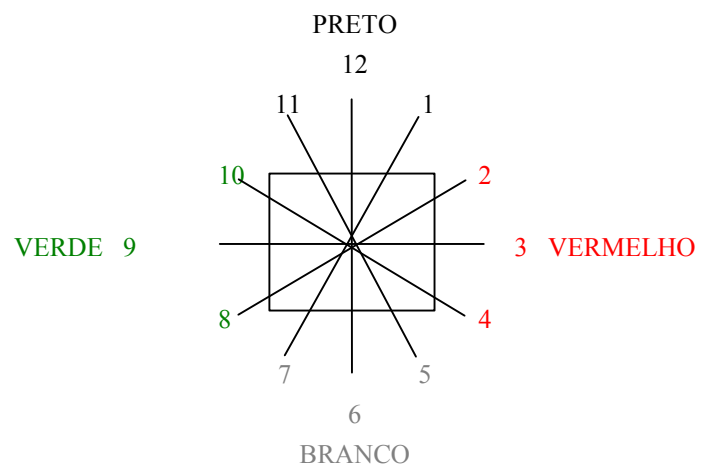
CÓDIGO DE RELÓGIO

Imagine um mostrador de relógio sobreposto ao local da ocorrência, sendo que a frente da edificação deve corresponder às SEIS horas, doze aos fundos, três à direita e nove à esquerda.

Assim, o policial que se encontra diretamente à frente da construção deve ser o 'código 6' e o que está exatamente aos fundos o 'código 12'.

O comandante, ou qualquer pessoa no local deve reconhecer imediatamente cada homem pela posição verificada por seu código. Qualquer direcionamento de aproximação ou saída do local deve ser igualmente acertado através do referido código.

Usando o sistema do relógio, são atribuídos nomes-código a pares de policiais, de acordo com a posição, direção e movimento e direção relatada. Exemplo:



CAPÍTULO III - PLANEJAMENTO PARA ABORDAGEM A EDIFICAÇÕES

***Observação:** O estudo deste capítulo deve ser precedido da leitura dos “Princípios Fundamentais” contidos no Capítulo I da Parte I.*

Toda ação policial deve ser planejada, por mais simples que possa parecer. Quanto mais complexa a ocorrência, maior a necessidade de se fazer o planejamento. A falta de planejamento é uma das maiores causas de falhas. Este plano pode ser escrito formalmente, simplesmente esboçado ou rascunhado, e até mesmo, como acontece na grande maioria das atuações policiais, um plano mental.

O costume policial infelizmente tende a desprezar o planejamento e a segurança em nome de uma suposta necessidade de ser rápido na solução do problema. É certo que as ocorrências têm que ser solucionadas o mais rápido possível, mas em nome desta rapidez muitas falhas têm sido cometidas, comprometendo a vida de policiais e de cidadãos. Apesar do enfoque principal nas ações policiais em edificações, as regras que serão apresentadas poderão ser empregadas nas demais situações de abordagens.

Fases do Planejamento:

a) Coleta de Informações

Ao ser acionado para uma ação/operação, os policiais envolvidos devem buscar o máximo de informações possíveis sobre os suspeitos, o local e tudo mais que puder interferir. Entre os dados essenciais, estão as características físicas e modus-operandi dos suspeitos, se estão ou não armados, grau de periculosidade, etc. Sobre vítimas, quantas são, características físicas, se há alguma com problema de saúde, etc. Sobre o local, é importante conhecer a planta baixa contendo detalhamento interno do ambiente, número de portas, janelas, obstáculos, etc. Algumas informações são transmitidas pela central, outras serão obtidas no local ou através de pesquisa/busca.

b) Planejamento

De posse das informações, após avaliá-las e analisá-las, inicia-se a fase de planejamento, para determinar o que será feito, onde será feito, como será feito, quem fará e quando fará.

Surgindo mais de uma alternativa, deve-se adotar a que for mais adequada. Não havendo risco imediato de vida, toda ocorrência permitirá que se elabore minimamente um planejamento. Identifique Áreas de Risco e Pontos de Foco, trabalhe para neutralizar cada ameaça. Seja técnico.

Aceite sugestões no seu planejamento, compartilhe dúvidas, faça perguntas, se necessário, busque novas informações, replaneje, se for o caso. Quanto mais complexa a situação, mais você deve gastar tempo com o planejamento. Faça um planejamento simples, fácil de ser entendido e executado.

c) Plano

Se houver e for necessário, escreva o seu planejamento, faça seu plano. O plano consiste em escrever seu planejamento. Isso é bom, pois estabelece de modo claro as atribuições cada de um dos membros da equipe, especifica o que será feito, de que maneira, quando e onde.

Nem sempre é necessário escrever um plano, mas será necessário explicá-lo, no mínimo para seu parceiro e para isso pode ser necessário um croqui, uma maquete improvisada ou algum outro procedimento que facilite a apresentação e o entendimento.

d) Instrução

Após coletar as informações, analisá-las, fazer a opção por uma linha de ação através do planejamento, registrá-la ou não em um plano, você terá que instruir os policiais envolvidos na atividade, dando-lhes a visão geral da situação e qual é o papel de cada um na atividade.

Você terá que instruir todos os policiais envolvidos na operação e dizer-lhes qual é a tarefa que eles terão que desempenhar. Seja detalhista, repita mais de uma vez, se for necessário. Para instruir os policiais, utilize quadro, planta baixa ou uma maquete improvisada. É imprescindível que eles entendam claramente o que terão que fazer, os riscos, o apoio que terá ou que dará, etc.

Esta instrução deverá ocorrer no Ponto de Encontro (local que deve ser estabelecido pelo comandante das operações, onde todo o pessoal envolvido pode ser corretamente orientado e prelecionado). Em muitas operações, o ponto de encontro pode ser a companhia ou batalhão onde a operação é planejada, mas no caso de uma emergência, o ponto de encontro pode ser estabelecido próximo ao local da ocorrência, sem que esteja à vista e longe do local de perigo. Todos os policiais, a não ser os envolvidos na contenção imediata de uma situação de emergência, devem se reportar ao ponto de encontro e não devem dirigir-se diretamente ao local dos fatos.

e) Checagem

Um dos maiores problemas em atividades humanas é a comunicação. Você pode ter dito uma coisa e sua equipe, ou parte dela, pode ter entendido outra. Por isso, deve-se checar o entendimento de cada componente da equipe. Faça isso individualmente, pedindo para que cada policial repita, detalhadamente, o que ele irá fazer, onde, como e quando. Identificando falhas ou distorções, corrija e cheque novamente. Estando cada um dos policiais ciente do que irá fazer, você estará pronto para a nova fase.

f) Execução

É fazer tudo o que foi planejado, do jeito que foi planejado. Esteja atento e seja criativo, entretanto, para situações não previstas no planejamento.

g) Avaliação

Um importante instrumento para crescimento da equipe é a avaliação que é feita após a atividade (debrifin). Nela são levantados aspectos positivos, negativos, críticas e sugestões. São discutidos os erros, propostas e medidas para correção de procedimentos que devem ser objeto de treinamento.

Uma advertência: **nunca despreze a técnica!**

Nem todas as etapas necessitam ser cumpridas, mas nunca atenda uma ocorrência sem saber o que está acontecendo, identifique ameaças e pense antes de agir. Lute contra o impulso natural de fazer de qualquer maneira, planeje. **Seja profissional.**

Referências Bibliográficas

- ADAMS, Ronald I, et al. Street Survival; tactics for armed encounters. 23.^a edição. Northbrook. Illinois. Calibre Press, inc. 1999. 430p.
- BALLESTRERI, Ricardo B. Direitos Humanos: coisa de polícia, CAPEC. Pater Editora, Passo Fundo, RS, 1998.
- BÍBLIA de estudo de Genebra. N.T. Romanos. São Paulo e Barueri: Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, 1999. cap 13, p. 1338
- BRASIL, Ministério do Exército. Estabelecimento General Gustavo Cordeiro de Farias. Instrução Tática Individual; exercícios para a Infantaria, 2^a parte. 1976. 107p.
- BRASIL, Ministério do Exército. Instrução Individual para o Combate. 2.^a
- EVERS, D., MILLER M., GLOVER, T. Pocket Partner Letteton, Colorado: Blue Willow, 1999. 576 p.
- GIRALDI, Nilson, Cel QOR PMESP. Manual de Tiro Defensivo de Preservação da Vida, 1995.
- HALL, John C. FBI Training on the New Federal Deadly Force Policy. FBI Law Enforcement Bulletin, april 1996
- MINAS GERAIS. Ética. Nossos Princípios. Polícia Militar de Minas Gerais
- OLSON, Dean T. Deadly Force Decision Making, FBI Law Enforcement Bulletin, February, 1998, volume 67, number 2.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Declaração Universal dos Direitos Humanos. Assembléia Geral, 1948.
- PRATICAL hand-to-hand combat for the police officer. Paladin Press. Boulder. Group Productions, 1993, 105 minutes – VHS Color.
- RAPP, Burt, SWAT; Team Operations. Port Townsend USA. Lomparics Unlimited. 1990. 150p.
- REPÚBLICA DE COLOMBIA. Polícia Nacional. Estratégias y Táctica Policial. Bogotá, Colômbia: Plaza e Janes, 1990. 374p.
- ROVER, Cees de. Para Servir e Proteger. Direitos Humanos e Direito Internacional Humanitário para Forças Policiais e de Segurança: manual para instrutor. Genebra. Comitê Internacional da Cruz Vermelha, 1998, p. 70, 141-152
- SEAL CQB. Close Quarter Battle Tactics. Twilight Works Productions, 1995, 70 minutes, VHS-Color.

STRONG, Sanford, Defenda-se; um manual de sobrevivência ao crime urbano com regras que protegem você e sua família. São Paulo-SP. Editora Harbra Ltda, 2000. 248p.

TRAINING BULLETIN. Use of force. Restraining procedures and devices. Los Angeles: Los Angeles Police Department, V. XVIII, I.2, April. 1986.

_____. L – Unit Vehicle Pullover Tactics. Los Angeles: Los Angeles Polices Department, V. XXIX, I. 9, September, 1997.

_____. Use of force. Side handle baton. Los Angeles: Los Angeles Police Department, V. XVIII, I.4, june, 1986.

_____. Use of force. Uper Body Control Holds. Los Angeles: Los Angeles Department, V. XIX, I.2, April, 1987.

_____. Use of force. Firm grips and Compliance Techniques. Los Angeles: Los Angeles Police Department, V. XVI, I.6, July, 1991.

_____. Building Searches. Los Angeles. Los Angeles Police Department.